



CLEUDANE ANDRADE HORNICK

IDENTIFICAÇÃO E ANÁLISE DOS POSSÍVEIS FATORES QUE INFLUENCIARAM OS
RESULTADOS ELEVADOS DO ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
BÁSICA (Ideb) APRESENTADO POR DUAS ESCOLAS PÚBLICAS.

ITAJAÍ
2012

UNIVALI
UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação, Extensão e Cultura
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE
Mestrado Acadêmico

CLEUDANE ANDRADE HORNICK

**IDENTIFICAÇÃO E ANÁLISE DOS POSSÍVEIS FATORES QUE
INFLUENCIARAM OS RESULTADOS ELEVADOS DO ÍNDICE DE
DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (Ideb) APRESENTADO POR
DUAS ESCOLAS PÚBLICAS.**

Dissertação apresentada ao colegiado do Programa de Pós-Graduação em Educação PPGE como requisito para título de Mestre em Educação. Linha de Pesquisa: Práticas Docentes e Formação Profissional. Grupo de Pesquisa: Educação e Trabalho.

Orientadora: Dra. Tânia Regina Raitz

ITAJAÍ (SC)

2012

FICHA CATALOGRÁFICA

H784i

Hornick, Cleudane Andrade, 1974-

Identificação e análise dos possíveis fatores que influenciaram os resultados elevados do índice de desenvolvimento da educação básica (Ideb) apresentado por duas escolas públicas [manuscrito] / Cleudane Andrade Hornick. – 2012.

122 f.

Cópia de computador (Printout(s)).

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Itajaí, Programa de Mestrado Acadêmico em Educação, 2012.

UNIVALI
UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação, Extensão e Cultura - ProPPEC
Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE
Curso de Mestrado Acadêmico em Educação

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

CLEUDANE ANDRADE HORNICK

**IDENTIFICAÇÃO E ANÁLISE DOS POSSÍVEIS FATORES QUE
INFLUENCIARAM OS RESULTADOS ELEVADOS DO ÍNDICE DE
DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (Ideb) APRESENTADO POR
DUAS ESCOLAS PÚBLICAS.**

Dissertação avaliada e aprovada pela Comissão Examinadora e referendada pelo Colegiado do PPGE como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação.

Itajaí (SC),

Membros da Comissão:

Orientadora:

Prof^ª. Dra. Tania Regina Raitz

Membro Externo:

Prof^ª. Dra. Roselane Fatima Campos

Membro representante do colegiado: _____

Prof^ª. Dra. Valéria Silva Ferreira

AGRADECIMENTO

Agradeço a minha orientadora professora Dra. Tânia Regina Raitz que confiou em meu trabalho, respeitando minhas limitações no desenvolvimento dessa pesquisa. Além disso, quero, agradecer pela grande oportunidade de estudar por um período de três meses na Europa, mais especificamente na Universidade de Barcelona, contando com sua orientação, companhia e apoio. Sem dúvida esse momento ficará registrado entre as melhores experiências da minha vida, tanto profissional, intelectual e pessoalmente. Não tenho outras palavras para expressar a minha grande gratidão, por isso meus profundos agradecimentos nessa caminhada no Mestrado e por essa bela e significativa vivência em Barcelona.

À professora Dra. Valéria Silva Ferreira que foi extremamente importante neste processo e trajetória, sem sombra de dúvidas para finalização deste estudo. Com seu entusiasmo me fez acreditar que era possível também vivenciar a ida à Barcelona, agradeço por sua energia positiva, motivação, acolhimento no grupo de pesquisa e as competentes orientações durante o período de pós-doutorado da professora Dra. Tânia Regina Raitz na Europa.

À professora Dra. Roselane Campos desde o exame da qualificação que apontou caminhos, fez comentários, trouxe contribuições e sugestões extremamente pertinentes e preciosas para a conclusão do trabalho apresentado.

À professora Dra. Regina Linhares Hostins membro da banca no exame de qualificação, pelos comentários, contribuições e sugestões relacionadas ao desenvolvimento dessa investigação, as quais foram de extrema importância para melhoria e conclusão desse trabalho.

Aos meus pais pela compreensão da minha ausência e pelos ensinamentos que me proporcionaram ao longo do caminho;

Aos amigos do Grupo de Pesquisa: Educação e Trabalho pela socialização de experiências, tanto pessoal como profissional, que contribuíram de forma significativa para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Aos amigos Fabiana Stives, Juliano Ramos, Silvia Janine Rodrigues da Costa, Daniela Carvalho e Cleonice Andrade que me acolheram durante o curso de mestrado fazendo, muitas vezes, o papel de minha família. Abriram as portas de suas casas quando precisava

permanecer por mais dias no Programa de Mestrado. Muito obrigada, jamais esquecerei que foi em vocês que encontrei abrigo e palavras de conforto!

Ao meu amigo Jean Carlo Nasgewartz, que me ouviu, apoiou, me animou e dividiu comigo a grande experiência de estar em outro país em prol a educação.

As secretárias do Programa de Mestrado, Mariana Soares da Silva e Núbia Marchiori, que atenderam com muita eficiência as minhas solicitações de informações relacionadas ao curso.

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho à Deus pela benção de viver, por manter minha vida iluminada e me oportunizar a encontrar pessoas que me fazem crescer tanto, no pessoal, profissional e espiritual.

EPÍGRAFE

Nós não somos o que gostaríamos de ser.
Nós não somos o que ainda iremos ser.
Mas, graças a Deus,
Não somos mais quem nós éramos.

Martin Luther King

TERMO DE ISENÇÃO DE RESPONSABILIDADE

Declaro, para todos os fins, que assumo total responsabilidade pelo aporte ideológico conferido ao presente trabalho, isentando a Universidade do vale do Itajaí, a Coordenação do Curso de Mestrado em Educação, a banca Examinadora e o Orientador de toda e qualquer responsabilidade acerca do mesmo.

Itajaí – SC, 02 de Março de 2012

Cleudane Andrade Hornick

Mestranda

ABREVIATURAS E SIGLAS

Cedhap - Centro de Desenvolvimento Humano Aplicado

CELEM – Centro de Línguas estrangeiras Moderna

CONSED – Conselho Nacional de Secretários de Educação

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

FURB – Universidade de Blumenau

GPS - Geo-Posicionamento por Satélite

INEP – Instituto nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais

IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

PDDE – Programa Dinheiro Direto na Escola

PDE – Programa de Desenvolvimento Educacional

PPP – Projeto Político Pedagógico

PR – Paraná

PUC – PR - Pontifícia Universidade do Paraná

PUC – RS - Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul

SAEB – Sistema de Avaliação da Educação Básica

SC – Santa Catarina

SEED – Secretaria de estado da Educação

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UFBA _ Universidade Federal da Bahia

UFMT- Universidade Federal de Mato Grosso

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UNC – Universidade do Contestado

UNIVALI – Universidade do vale do Itajaí

LISTA DE ANEXOS

ANEXO I – Termo de Autorização das Instituições	113
ANEXO II - Termo de Autorização das Instituições	114
ANEXO III – Roteiro das entrevistas para os alunos.....	115
ANEXO IV – Roteiro das entrevistas para os professores.....	116
ANEXO V – Roteiro das entrevistas para os pais	117
ANEXO VI – Roteiro das entrevistas para os gestores	118
ANEXO VII – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Alunos	119
ANEXO VIII – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Pais.....	120
ANEXO IX – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Professores.....	121
ANEXO X – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Gestores.....	122

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
1.1 A ESCOLHA PELO OBJETO DE PESQUISA	3
2. “UM OLHAR PARA O PROVÁVEL (IN) “SUCESSO” NOS ÍNDICES DAS AVALIAÇÕES EXTERNAS NAS ESCOLAS PÚBLICAS”	7
2.1 “FRACASSO E SUCESSO” ESCOLAR NAS ESCOLAS PÚBLICAS	7
2.2 O GESTOR ESCOLAR NAS ESCOLAS PÚBLICAS	12
2.3 OS PROFESSORES E EQUIPE PEDAGÓGICA	16
2.4 ALUNOS DIANTE DO (IN) “SUCESSO” ESCOLAR	20
2.5 TRAJETÓRIA CULTURAL DAS FAMÍLIAS	23
2.6 A AVALIAÇÃO DA “APRENDIZAGEM” NA UNIDADE ESCOLAR	25
2.6.1 O IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica	27
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	29
3.1 CAMINHOS PERCORRIDOS	29
3.2 OS CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DAS ESCOLAS, SUJEITOS E INSTRUMENTOS DE PESQUISA	29
3.3 CENÁRIO DA PESQUISA	34
3.4 DESCRIÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA	38
3.4.1 Os alunos entrevistados	38
3.4.2 Os pais entrevistados	41
3.4.3 Os professores entrevistados	45
3.4.4 Os gestores	46
3.5 TRATAMENTO DOS DADOS: ANÁLISE DE CONTEÚDO	46
4. OS POSSÍVEIS DETERMINANTES DO ELEVADO IDEB APRESENTADO POR DUAS ESCOLAS PÚBLICAS,	48
4.1 FATORES EXTRA- ESCOLARES:	50

4.1.1 A escola como referência para o “sucesso” no Ideb	50
4.1.2 Os alunos selecionados para o “sucesso” nessas escolas.	56
4.1.3 A participação da família no “sucesso” escolar desses alunos.....	60
4.1.4 O desempenho dos Alunos	68
4.2 ASPECTOS INTRA- ESCOLARES	71
4.2.1 Um aprender e ensinar para além da sala de aula	71
4.2.2 Os professores e gestores que atuam para o “sucesso” nessas escolas	75
4.2.3 A Infraestrutura escolar no auxílio ao “sucesso” escolar	85
4.2.4 O trabalho pedagógico no “sucesso” escolar.	89
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
6. REFERENCIAS	105
7. ANEXOS.....	112

RESUMO

dissertação de Mestrado integra a linha de pesquisa “Práticas Docentes e Formação Profissional”, do Grupo de Pesquisa Educação e Trabalho do PPGE – Univali. Apresenta os resultados de uma investigação realizada em duas escolas públicas, uma do estado do Paraná e outra de Santa Catarina que demonstraram um dos melhores índices no IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica. Esse índice é resultante da taxa de rendimento escolar (aprovação) e média de desempenho nos exames padronizados aplicados pelo Inep (Prova Brasil). O objetivo central é identificar e examinar possíveis determinantes do elevado IDEB apresentado por duas escolas públicas. A questão norteadora se baseou na seguinte: Quais os fatores/dimensões que contribuem para uma educação de qualidade e para que essas duas escolas públicas atinjam esse índice? A pesquisa foi realizada nesses dois estados, Paraná e Santa Catarina, a fim de identificar algumas variáveis importantes entre os distintos estados e os aspectos mais relevantes que resultaram neste índice. O estudo utiliza dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) referente ao ano de 2009 da 8ª série do Ensino Fundamental. A fundamentação teórica do estudo traz contribuições de Bernard Lahire (2008), Bernard Charlot (2000), Libâneo (2001-2004), Paro (2001-2007-2008), Arroyo (2000). A abordagem da pesquisa é qualitativa, realizada por meio de entrevistas com 32 sujeitos, desde alunos (as), professores (as), pais e gestores escolares. Nesse estudo evidenciamos elementos que vem comprometendo o “sucesso” nas escolas públicas brasileiras nas seguintes maneiras: status social da escola, família com poder aquisitivo acima da média nacional, “seleção de alunos”, baixa rotatividade de alunos, professores e alunos na escola, atividades extras curriculares, infraestrutura adequada, apoio pedagógico, qualificação dos professores, pais “presentes” na escola e na vida escolar do filho, foram as dimensões que encontramos para que essas duas escolas atingissem o índice no IDEB. Diante disso, essa pesquisa tem a perspectiva de contribuir para que os profissionais de outras escolas reflitam e melhorem o sistema de ensino de educação básica e trazer informações fundamentais para as Políticas Públicas Educacionais, no sentido de elevar a qualidade do ensino nas escolas públicas. Ademais, levantamos alguns questionamentos sobre os indicadores dessa avaliação externa que procuram, através dessa média, avaliar os rendimentos das escolas públicas brasileiras. As dimensões abordadas no corpo do texto motivam a realização de mais pesquisas sobre esse tema e buscam aprofundar ainda mais essa investigação.

Palavras-chave: IDEB, Avaliação externa, Políticas Públicas,

ABSTRACT

This Master's dissertation is part of the line of research "Educational Practices and Vocational Training" of the Education and Labor Research Group of PPGE – Univali. It presents the results of an investigation conducted in two public schools, one in the State of Parana and the other in the State of Santa Catarina, both of which showed top scores in the IDEB - Basic Education Development Index. This index is the result of the level of efficiency of the school (pass marks) and the average performance in the standardized tests applied by the Inep (Prova Brasil - Brazil Test). The central goal is to identify and examine possible determinants of high IDEB scores presented by the two public schools. The guiding question was: What are the factors/dimensions that contribute to a quality education that enable these two public schools to reach this level? The research was conducted in the two distinct States, Parana and Santa Catarina, in order to identify some important variables between them and the most relevant aspects that resulted from these scores. The study uses data from the Basic Education Development Index (IDEB) for the year 2009, relating to the 8th grade of Elementary School. The theoretical basis of the study includes contributions of Bernard Lahire (2008), Bernard Charlot (2000), Libâneo (2001-2004), Paro (2001-2007-2008), Arroyo (2000). The research approach is qualitative, conducted through interviews with 32 subjects, including students, teachers, parents and school managers. Through this study, we highlight the following as factors that compromise the "success" of Brazilian public schools: social status of the school; families with purchasing power above the national average; "selection of students"; low turnover of students; teachers and students at the school; extra-curricular activities; adequate infrastructure; pedagogical support; qualification of teachers; parents' participation in the school and concern about the school life of their children; these were the dimensions that we identified that enabled the two schools investigated to achieve their high IDEB scores. This research therefore seeks to contribute to enabling professionals of other schools to reflect and improve the teaching system of basic education, and to provide essential information for Educational Public Policies, aiming to raise the quality of teaching in public schools. We also raised some questions about the indicators of this external evaluation, which aims to assess, through this average, the revenues of Brazilian public schools. The dimensions addressed in the text motivate further research on this issue and aim to widen this investigation.

Keywords: IDEB, External evaluation, Public Policies

1. INTRODUÇÃO

Diante de muitas inquietações a respeito do ensino e educação de qualidade brasileira, como: a pouca participação efetiva da família na escola, a falta de vontade de estudar, a ausência de recursos materiais que são fundamentais para uma educação de qualidade, o baixo capital cultural, trabalho do professor, recursos financeiros, infraestrutura e entre outras situações, nos permitem pensar que seria “improvável” o sucesso de muitas escolas públicas. Situações como essa que as escolas enfrentam no dia-a-dia, torna-se pertinente, uma vez que percebemos a qualidade da educação fragilizada e notamos que há muito para se fazer, no que diz respeito a “qualidade”. Diante disso, notamos que os profissionais acabam se desmotivando a melhorar suas práticas em sala de aula, pois esses confrontos prejudicam o “ensinar e o aprender” dificultando o bom andamento das aulas. Nesse conjunto de insatisfações, seja dos alunos, pais, professores e os que estão inseridos no âmbito educacional, nos faz pensar que enquanto estudiosos da área precisamos urgente encontrar soluções para os problemas existentes. Também buscar maneiras de realizar o trabalho com mais competência na educação e proporcionar aos alunos, pais e comunidade um envolvimento maior, mais eficaz. No entanto, percebe-se a escola sozinha, sem a participação efetiva desses atores para poder auxiliar nessas mudanças nada consegue. E cada vez mais observa-se crescer as dificuldades em ensinar, aprender, aumenta os problemas disciplinares na escola e o professor não sabendo enfrentar essa situação. Neste contexto, questiona-se: O que leva algumas escolas públicas alcançar “êxito” e outras o “fracasso”? De quem depende esse “sucesso” ou “fracasso”? Nesta perspectiva, este estudo tem como objetivo analisar as possíveis razões do “sucesso” de duas escolas públicas, uma do estado do Paraná e outra de Santa Catarina que foram destaque nas avaliações externas realizadas pelo MEC em 2009, e vem obtendo esse bom índice desde 2007.

È importante destacar que o termo “sucesso escolar” utilizado no decorrer desta pesquisa será apenas para identificar o “sucesso” do elevado Ideb apresentado nestas duas escolas, por essa razão estará entre aspas quando formos nos referir ao “sucesso” do índice que essas escolas obtiveram nessa avaliação externa. O objetivo dessa investigação é identificar e examinar os possíveis fatores que podem ter determinado esse resultado elevado nessas unidades escolares. O mesmo é considerado para o termo “fracasso escolar”, isso não

significa que a escola seja fracassada em suas ações pedagógicas e no ensino aprendizagem do aluno, mas ao índice do Ideb que foi baixo nessas escolas.

Há muitos estudos que enfatizam o “fracasso escolar” e, no entanto, poucos discutem sobre o “sucesso” de algumas escolas. Neste sentido, estas pesquisas permitem conhecer as possíveis razões para o bom desempenho destes índices e vêm contribuir para que as demais instituições de ensino, que não conseguem obter “sucesso”, reflitam sobre as práticas de ensino na sua escola. Por essa razão, me entusiasmei para investigar estas duas escolas que tiveram um bom desempenho nas avaliações externas. Como critérios de seleção dessas unidades de ensino, usou-se o índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB, de 2009. Neste aspecto, localizou-se por meio do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) as escolas que obtiveram um índice elevado nas avaliações, desta maneira procurou-se identificar o que as levou ao “sucesso desse índice elevado”.

Portanto, lançamos questões norteadoras de pesquisa, tais como: Quais os elementos que influenciaram no IDEB para que estas duas escolas obtivessem “sucesso” escolar? Os professores estão preparados para ensinar com qualidade? Como os alunos vêem o espaço escolar? Eles estudam e aprendem de forma que possam atuar na sociedade emancipadamente? Os pais participam de maneira efetiva na escola para esse aprendizado? As instituições recebem recursos financeiros do governo para investir no ensino e aprendizado? O que essas escolas oferecem aos alunos, professores e todos que estão envolvidos na educação escolar? De quem depende o “sucesso” das escolas?

Em síntese, diversas inquietações levaram ao desenvolvimento dessa investigação. Mesmo sabendo que os elementos que foram encontrados a partir desse estudo são determinantes para diagnosticar o “sucesso” dessas duas escolas especificamente (cada escola se insere em um contexto diferenciado), nem tão pouco estes elementos constituem receitas prontas. Porém, constata-se contribuições extremamente relevantes que podem ser referências para melhoria da qualidade de ensino em outras escolas públicas. Ademais, este estudo não deixa de ser uma aprofundada reflexão aos profissionais do ensino (gestores e professores) sobre suas práticas em sala de aula .

Nesse sentido, inicio o trabalho descrevendo os motivos para essa investigação, intitulado “**A escolha pelo objeto de pesquisa**”, ao mesmo tempo apresento minha trajetória pessoal e profissional.

No capítulo seguinte, intitulado **“Um olhar para o provável (in) “sucesso” nos índices das avaliações externas nas escolas públicas”** se realiza algumas reflexões fundamentadas nos autores que estudam essa temática e que contribuíram com informações relevantes na organização deste estudo.

No capítulo três explicito a **“metodologia do estudo”**, descrevo o caminho trilhado para o desenvolvimento dessa pesquisa, explicando os procedimentos para a análise dos dados, assim como a descrição dos locais e dos sujeitos que fizeram parte da investigação.

E no capítulo quatro, denominado **“Os possíveis determinantes do elevado IDEB apresentado por essas duas escolas públicas”**, apresento a análise das dimensões que foram encontradas no trabalho de campo dessa pesquisa. Os quais foram divididos em dois focos: aspectos extra escolares e intra escolares.

Finalmente, apresento as **“Considerações finais”**, no qual revelo os achados principais dessa investigação e faço algumas considerações sobre as possíveis razões do “sucesso” dessas duas escolas.

1.1 A ESCOLHA PELO OBJETO DE PESQUISA

É por meio da pesquisa que conhecemos melhor o problema, contribuimos para resolução e também nos permite um novo olhar sobre o mundo. Segundo Gatti (2007, p. 10), fazer pesquisa é uma tentativa de “elaborar um conjunto de conhecimento que nos permita compreender em profundidade aquilo que, à primeira vista, o mundo das coisas e dos homens nos revela nebulosamente ou sob uma aparência caótica”. Nesse caso, buscar uma compreensão maior sobre o “educar e ser educado” e conhecer as “possíveis razões” do “sucesso” dessas duas unidades escolares são razões que contribuíram para a escolha deste objeto de estudo. Além disso, cooperar para melhorias no ensino e no aprendizado trazendo discussões significativas para todos os envolvidos na área da educação, seu papel e desempenho de maneira qualitativa e com equidade.

Como gestora e professora durante estes longos anos, presenciei muitas situações que foram foco de reflexões e inquietações para a realização dessa pesquisa. Um dos exemplos se baseia no fato de que os pais, os professores, a comunidade em geral se envolvem muito pouco nas ações da escola. Para isso foram várias as formas de tentar aproximar os pais da

escola, como: reuniões com os pais por séries, tanto ensino fundamental como ensino médio. A finalidade dessas reuniões por séries seria dar voz e vez aos pais, para que eles tivessem a oportunidade de falar sobre a administração escolar, professores, ensino, aprendizado, etc. Nessas reuniões os professores das respectivas séries estavam presentes para falar com os pais, pedagogos e direção. Essas reuniões realizavam-se a cada três meses para que eles acompanhassem o desempenho do seu filho na escola. Porém, a participação efetiva era pouca. As Associações de Pais nem sempre estão na escola para acompanhar o andamento do cotidiano escolar e auxiliar nas dificuldades encontradas, há poucas participações nas reuniões e quando presentes a participação efetiva é quase nula, na maioria das vezes esperam que o “gestor” tome as iniciativas em tudo para “apoiar”. A troca de ideias é rara. Ademais, também se percebe que os pais só vêm à escola quando são chamados, ou melhor, quando necessitam pegar o resultado sobre o desempenho do seu filho, ou no final do ano quando ocorre de seu filho ser reprovado. Neste sentido, Freitas (2000, p.51) salienta como pode ser retratada esta situação,

Muitos pais receiam desagradar diretores e professores para que seus filhos não sejam alvo de represálias. Eles não têm conhecimento e experiência suficiente para desempenhar seu papel independentemente.

Este fato acaba dificultando o trabalho na escola, tanto se fala em “democratização” e “sucesso escolar”, porém nada é feito efetivamente. Entretanto, minha experiência mostra que esse não é o único problema a ser enfrentado. A falta de trabalho em equipe nas escolas, a não valorização dos profissionais, a participação não efetiva dos pais e professores na escola, a falta de vontade por parte dos alunos em aprender, a falta de preparação ou capacitação dos professores, é que supostamente tornava, em minha opinião, a escola “fracassada”. Portanto, essa discussão passa pelos desafios urgentes a serem enfrentados, pois cada vez mais a educação encontra-se fragilizada. Assim, cada vez mais surgia de minha parte questionamentos no processo vivencial que experimentava profissionalmente. O que fazer para mudar essa realidade? De que forma agir? O que posso fazer? É a partir destas questões, neste contexto, que busco investigar essa temática relacionada à minha história pessoal e profissional, no sentido de contribuir de maneira mais efetiva para a qualidade no ensino.

Minha experiência profissional iniciou-se muito cedo em Administração “particular”. Durante 20 anos trabalhei em uma empresa privada de exportação de móveis, nesse período,

terminei o curso técnico em secretariado, participei de várias capacitações e concluí meu curso de graduação em História, na UNC- Universidade do Contestado, em Mafra SC, percorrendo diariamente oitenta quilômetros da cidade onde morava. A opção de fazer esse curso surgiu da vontade de ser educadora desde criança, minha bisavó fundou a primeira escola municipal nesse bairro, motivando ainda mais a busca por esse ideal. Hoje, sou mestranda, graduada e especializada em História, fui professora de Ensino Fundamental e Médio numa escola pública por 6 (seis) anos e gestora por 4 anos nessa mesma escola.

Como profissional dessa área em educação, várias inquietações e reflexões, citadas anteriormente, surgiam freqüentemente em minhas práticas de trabalho, tanto como professora e gestora. A necessidade de compreender certas situações de “fracassos”, em meu trabalho, com os alunos, professoras, gestores, pais e comunidade em geral, fizeram-me buscar muitas leituras, capacitação e ações como gestora: Exemplo disso foi a realização de vários projetos na escola¹ enquanto desempenhava minha função como dirigente escolar: Pais “da” escola, Visita até na casa dos alunos, Voz e Vez dos alunos, visitas nas escolas mais próximas para conhecer o trabalho e como agem no cotidiano escolar, avaliação institucional para que os pais, professores, alunos e funcionários analisassem o trabalho desenvolvido na escola e assim pudessem opinar, sugerir e/ou fazer alguma reclamação para o aprimoramento do trabalho realizado, entre outras ações que procurasse um “fortalecimento” pessoal e também para a “escola”.

A finalidade destas ações era de aproximar os pais e tentar responder vários questionamentos. Contudo, o contato com gestores, professores, alunos, pais e comunidade, me provocaram pesquisar ainda mais, neste aspecto despontou a necessidade de algo mais amplo, científico, para além do senso comum, algo que me possibilitasse ir mais “longe”, pois minha percepção era de que estas inquietações não eram somente minhas, mas da grande maioria das pessoas que dialogava constantemente neste período de tempo. Minha motivação aumentou, na medida que conseguia compreender melhor a temática investigada, bem como no momento que buscava com empolgação as escolas públicas que obtiveram um bom rendimento escolar para realizar a pesquisa. Os fatores que contribuíram para esse “sucesso”, o que há de positivo no auxílio aos profissionais da área da educação e a análise de suas práticas cotidianas foram elementos expressivos a serem investigados.

¹ Todos os projetos foram idealizados pela autora sem ajuda financeira do Governo Estadual com o objetivo de aproximar os pais no cotidiano da vida escolar de seus filhos.

Bodgan & Biklen (1994, p.88) registram que o interesse pessoal do tema para a investigação é de suma importância, mas devemos considerar “as questões mais relevantes dos nossos tempos”. Nesse sentido, o encontro com essas pessoas durante essas pequenas ações na escola e a busca por uma educação de qualidade, debate fundamental nos últimos anos, justificam o desenvolvimento dessa pesquisa que tem por objetivo principal identificar e examinar possíveis determinantes do elevado IDEB apresentado por duas escolas públicas, uma no estado do Paraná e outra em Santa Catarina. Neste sentido, analisar os componentes pedagógicos e administrativos relevantes na atuação dos envolvidos no processo escolar, a participação e influência das famílias na escola e na aprendizagem do aluno foram também objetivos perseguidos.

2. “UM OLHAR PARA O PROVÁVEL (IN) “SUCESSO” NOS ÍNDICES DAS AVALIAÇÕES EXTERNAS NAS ESCOLAS PÚBLICAS”

2.1 “FRACASSO E SUCESSO” ESCOLAR NAS ESCOLAS PÚBLICAS

Cada vez mais observamos o crescimento de debates acerca da qualidade da educação brasileira, assim como sobre os profissionais que nela atuam. É muito comum as discussões de que o “fracasso” escolar acontece com alunos pertencentes às classes populares. Mas afinal, perguntamos para iniciar esta discussão, o fracasso é do aluno? Da “escola”? Do déficit cultural do aluno? Charlot (1996) traz argumentos ponderados em seus estudos sobre os motivos do fracasso escolar acontecer entre alunos que pertencem às classes populares. Destaca também que alguns alunos, mesmo nas condições desfavoráveis e pertencendo a essa classe, alcança o “sucesso” escolar. Menciona o autor que “Se, afinal, é fácil mostrar porque não é tão surpreendente que as crianças de meios populares fracassem, ficamos sem explicação diante daquelas que obtêm sucesso” (CHARLOT, 1996, p. 48). O autor acredita que não é a escola que é fracassada, mas sim situações e histórias que terminam mal,

O ‘fracasso escolar’ não existe, o que existe são alunos fracassados, situações de fracasso, histórias escolares que terminal mal. Esses alunos, essas situações, essas histórias é que devem ser analisadas, e não algum objeto misterioso, ou algum vírus resistente, chamado “fracasso escolar” (CHARLOT, 2000, p. 16).

As pesquisas que se referem a essa temática constataam que a causa do fracasso escolar é proveniente da família, Charlot (1996) considera que precisa ir além dessas revelações. Na teoria de Pierre Bourdieu o capital cultural é uma forma de explicar as diferenças no rendimento escolar, “O rendimento escolar da ação escolar depende do capital cultural previamente investido pela família “ (BOURDIEU, 1997, p. 74). Já Lahire (1997) revela em sua pesquisa realizada na França com 27 alunos que freqüentavam a 2ª série do Ensino Fundamental pertencentes às camadas populares, que em alguns casos os alunos que não conseguiam um bom desempenho na escola os pais possuíam baixa escolaridade, porém encontrou casos de alunos que a família possuía um maior grau de escolaridade e esses alunos não conseguiam bons rendimentos na escola. E casos também de alunos que se destacavam

brilantemente na escola e a situação em que viviam era desfavorável para esse “sucesso”. Diante disso, não se pode concluir que o fracasso escolar é somente herança cultural familiar.

Para Arroyo (2000, p. 18), os alunos chegam na escola defasados, com baixo capital cultural, sem habilidades mínimas, sem interesse, chegam à escola *reprováveis*, sem capacidade de enfrentar o ritmo “normal” de aprendizagem. Além dos “problemas” externos apresentados, outros estudiosos destacam fatores importantes para o “sucesso”. Para a autora Luck (2002), somente uma escola bem dirigida apresenta bons rendimentos e considera que o professor é a figura principal e que contribui para que a escola tenha um bom rendimento. A esse respeito a autora diz,

[...] o professor é a figura central na formação dos educandos. Ele quem forma no aluno o gosto ou o desgosto pela escola, a motivação ou não pelo estudo; o entendimento da significância ou insignificância das áreas e objetos de estudo; a percepção de sua capacidade de aprender, e de seu valor como pessoa. (LUCK, 2002, p. 28).

Ao professor, segundo a autora, cabe levar o aluno a elaborar reflexões, adquirir práticas que façam da escola um lugar significativo, que ele (professor) não seja somente um mero transmissor de conhecimento. Para Charlot²,

[...] é o estudante que vai realizar uma atividade intelectual para adquirir saber. Na lógica do jovem, é o professor quem vai ter esse trabalho. Seu papel é apenas sentar-se na sala e aguardar que lhe passem esses conhecimentos. O professor tem de mudar essa situação, construindo o aluno na criança, no adolescente. Esse é um trabalho ao mesmo tempo terrível e apaixonante, que não sei se é a "professora tia" que pode fazer. Acho que deveria ser a "professora", a profissional. (CHARLOT, 2004, entrevista online)

² Bernard Charlot - Possui doutorado em Educação ("doctorat d'État", equivalente a Livre-docência) - Université de Paris X, Nanterre (1985). Atualmente é Professor Visitante Nacional Senior (bolsa CAPES) na Universidade Federal de Sergipe (campus de Laranjeiras, Núcleos de Dança e Teatro) e, na UFS, membro dos cursos de Pós-Graduação em Educação (NPGED) e em Ensino de Ciências e Matemática (NPGECIMA). É também Professor Titular Emérito da Universidade Paris 8 e Professor Afiliado da Universidade do Porto, Portugal. Na UFS, líder do Grupo de pesquisa CNPq Arte, Diversidade e Contemporaneidade (ARDICO) e membro do Grupo de pesquisa CNPq Educação e Contemporaneidade. Sua pesquisa está relacionada às relações com o saber, principalmente a relação dos alunos de classes populares com o saber escolar. concedeu uma entrevista exclusiva ao site do CRE- Entrevista disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/ent_a.php?t=006. Acesso em 15 de Janeiro de 2012, às 00h 12min.

Nos julgamentos dos professores no desenvolvimento desta pesquisa, destacamos que a grande maioria gostaria de ter em sala de aula alunos “bons”, comprometidos, com bom comportamento, que prestassem a atenção nas explicações e “apreendessem” o conteúdo. Um dos diretores entrevistados chama a atenção quando comenta que “é falado constantemente em aluno ideal, mas que não consegue fazer com que muitos profissionais entendam que eles têm que “atender” o aluno real da escola, que o ideal é apenas uma utopia diante da realidade”. Neste sentido, Patto, (1996, p. 123) avança mencionando que “escola pública é uma escola adequada às crianças de classe média e o professor tende a agir em sala de aula, tendo em mente um aluno ideal”. A autora complementa que dessa forma há uma “crença na deficiência/diferença da clientela majoritária da escola pública de primeiro grau em relação aos seus pares de classe média e alta”. Outro fator discutido são as políticas públicas implantadas nas escolas que se procura fazer com que elas se aproximem do cotidiano do aluno, que se consiga oferecer um ensino de acordo com a “capacidade” de aprender dele.

Para Mello (1998, p.20), “a Escola democrática será aquela que conseguir interagir com as condições de vida e com as aspirações das camadas populares”. Questiona-se, diante disso, qual a necessidade dos profissionais da educação valorizar o cotidiano do aluno, para que ele sinta que pode aprender, sinta vontade em estar na escola? Algumas dificuldades poderiam ser superadas com a presença dos pais na escola? A Constituição Federal e a Lei de Diretrizes de base (LDB), art. 14, traz que os sistemas de ensino devem promover maneiras de desenvolver a democracia na escola que garantam a participação dos profissionais da educação na elaboração do Projeto Político Pedagógico, além da participação das comunidades escolar. Além do que, questiona-se se há uma participação efetiva dos pais, professores, alunos, gestores e comunidade no trabalho realizado pela equipe escolar?

Outro problema que se apresenta é que as escolas não conseguem “sucesso” por causa dos recursos financeiros recebidos pelas Secretarias de Educação Municipal ou Estadual, pois são insuficientes quando aplicados no processo pedagógico, também pouco se investe na qualificação dos profissionais da educação. Neto e Almeida (2000) afirmam que as escolas acabam sendo prejudicadas no que diz respeito a esses recursos por estarem associados à produtividade, números de alunos matriculados, evasão escolar, repetência e as avaliações ofertadas pelo Ministério da Educação. Se uma escola, por exemplo, não obtiver “sucesso” nestes requisitos, os recursos recebidos são menores, dificultando melhorias nas

ações pedagógicas. Os autores acreditam que os gestores deveriam ter certa “autonomia” para adquirir materiais pedagógicos que venham a contribuir para a melhoria do ensino e aprendizagem do aluno, pois, muitas vezes, chega na escola materiais que não são prioridades como apoio pedagógico. Nesta perspectiva, Neto e Almeida (2000, p.41) destacam,

A forma descentralizada de gestão, vista não apenas como um processo de racionalização administrativa, mas como uma forma eficaz de renovação da prática pedagógica, objetiva fazer chegar á escola os recursos materiais e o apoio técnico necessário a uma eficiente organização do ensino. (NETO E ALMEIDA, 2000, p. 41)

Campos (2006), em uma pesquisa realizada sobre as concepções e práticas dos diretores das escolas públicas, estadual e municipal, em Joaçaba-SC, com 26 diretores dessas escolas, verifica que os dirigentes consideram como ponto positivo em sua função a “convivência positiva com a comunidade” (p. 31), e nessa mesma pesquisa os gestores consideram que como aspecto negativo são “as dificuldades relacionadas a gestão dos recursos financeiros da escola” (p. 32).

No decorrer dessa pesquisa colocamos que uma destas escolas de “sucesso” independe da Secretaria de Educação e tem sua “própria identidade”, mesmo sendo uma escola estadual. A direção dessa escola diz que essa instituição de ensino pertence no que é chamado de regime especial. No entanto, goza de certa autonomia orçamentária, pedagógica e administrativa. Possui orçamento próprio que fica em torno de *12 milhões de reais por ano*. A folha de pagamento e as despesas da escola são feitas pelo orçamento próprio, diferenciando essa escola das demais. “Pelo fato de ser um regime especial, nosso orçamento é uma pequena fatia do orçamento do estado delegada à direção, que é a ordenadora de despesas. Nós prestamos contas diretamente para o Tribunal de Contas e diretamente para o governo do estado” diz a direção durante a entrevista nessa pesquisa. Em todas as outras escolas do estado do Paraná a verba que recebem mensalmente é chamada de fundo rotativo. A segunda a direção “essa escola jamais sobreviveria com essa verba, jamais se sustentaria se saísse do regime especial”

Podrá se constatar mais adiante nessa investigação o comentário do diretor dessa unidade escolar que destaca, muitas vezes, a falta de “autonomia” dos diretores não é somente em função dos recursos financeiros, mas também em relação à escolha de professores, sugerindo ser outro fator prejudicial à qualidade do ensino.

O processo seletivo no estado do Paraná, baseando-se nos editais de seleção, é realizado através da análise de títulos e tempo de serviço, esses dados são fornecidos pelos candidatos no ato da inscrição, as quais são feitas somente via online sem precisar pagar taxa de inscrição. No momento que o candidato for chamado pelo Núcleo Regional de Educação, será realizada a comprovação dos documentos e informações fornecidas, via internet. O corpo docente, segundo o gestor escolar da escola do Paraná, deve ser escolhido pelo diretor e não pela SEED. E relata que pelo fato dos professores serem selecionados apenas por análise de títulos e tempo de serviço, e não realizarem nenhuma prova escrito, a escola recebe professores desqualificados. Nesse sentido, os dirigentes, segundo ele, conhecem melhor o trabalho desses profissionais, pois, “muitos professores apenas estão na escola até que se consiga outro emprego, não há um comprometimento com os alunos, e eles (diretores) são cobrados pelos pais, e nada podem fazer. Por essa razão, poder contratar professores qualificados seria outra forma de estarem desempenhando seu papel melhor”. Já no estado de Santa Catarina, os professores são selecionados através de provas escritas, análise dos títulos e tempo de serviço.

Espera-se contribuir com esse estudo para o bom rendimento escolar nas escolas públicas, pois esses confrontos e desafios na escola, segundo os depoimentos nessa pesquisa, causam vários questionamentos e inquietudes e todos que estão envolvidos no âmbito escolar buscam respostas. ora do sistema de ensino, ora dos professores, ora dos alunos ou dos pais. Muitos educadores consideram que o “fracasso” escolar favorece os alunos pertencentes às classes populares, os alunos que não possuem um acompanhamento familiar e os pais não são escolarizados. Diante disso, Forquin (1995) faz o seguinte questionamento: “ora, de quem é a culpa e o que fazer se os filhos de trabalhadores braçais não conseguem na escola tão bons resultados quanto os filhos de executivos ou de pais que exercem profissões liberais?” (FORQUIN, 1995, p. 81).

O desafio em estar preparado para mudanças, para o inusitado, ainda mais num cenário de grandes transformações na educação e no mundo do trabalho, exige novas metodologias de trabalho para que seja oferecido um ensino de qualidade a todos que freqüentam a unidade escolar. Nas ações do cotidiano escolar, o professor, pedagogo e gestor desempenham um grande papel como investigadores da aprendizagem do aluno e poderão contribuir de forma significativa para o bom rendimento escolar. Entretanto, há muitos desafios a serem enfrentados por esses profissionais que deverão romper com alguns

costumes que causam impactos na educação. Quais práticas pedagógicas visam o “sucesso” escolar? O que precisa ser feito para a escola obter um bom rendimento? Os profissionais que atuam em sala de aula estão preparados para ensinar e aprender? O que estão fazendo para se qualificar e oferecer um ensino de qualidade aos alunos?

2.2 O GESTOR ESCOLAR NAS ESCOLAS PÚBLICAS

Diante de tantas preocupações e questões que envolvem o “sucesso ou fracasso” escolar nas escolas públicas, uma das discussões é sobre a administração escolar. Autores como, Libâneo (2005), Luck (2000), Paro (2000), Aguiar e Alloufa (1998), Freitas, (2000), Saviani (1997), Campos (2006), entre outros, trazem algumas reflexões sobre essa temática. Por ser o gestor escolar quem administra e direciona a educação na escola, acaba sendo o “responsável” pelo “sucesso ou fracasso” escolar. Conforme Luck (2000, p.13) a concepção de administrar está no entendimento de que o importante é fazer o máximo (preocupação com a dimensão quantitativa) e não o de fazer o melhor e o diferente (preocupação qualitativa). Para fazer o melhor necessita-se uma série de elementos que proporcionem mudanças nas práticas educativas.

Essas mudanças dependem de pessoas que estejam abertas para refletir sobre suas ações, procuram inovar constantemente e obter melhores resultados diante do controle do ensino aprendizagem. Contudo, o trabalho burocrático do gestor distancia as ações relacionadas às práticas pedagógicas. Paro (2000, p.125) *apud* por Campos (2006, p. 45) afirma que,

Hoje como responsável último pela escola e diante das inadequadas condições de realização de seus objetivos, o diretor acaba sendo o culpado primeiro pela ineficiência da mesma; perdido em meio à multiplicidade de tarefas burocráticas que nada têm a ver com a busca de objetivos pedagógicos.

Há muitas atividades burocráticas que o gestor vem se preocupando para dar conta de sua função. Além, de todas as documentações que a SEED exige para a vida legal da escola, há uma grande preocupação relacionada à questão financeira que torna os recursos

insuficientes para que as escolas venham oferecer uma educação de qualidade. Isso tudo dificulta o trabalho do gestor escolar em prol de um ensino de qualidade, segundo os estudos apresentados.

Luck (2000) menciona que até a pouco tempo o trabalho de um diretor de escola era repassar informações, controlar, supervisionar e cumprir com as normas propostas pelo sistema de ensino ou pela SEED. Porém, hoje se espera muito mais de um gestor, ele precisa ir além do burocrático. Poderia solucionar parte do problema se os gestores soubessem dividir as atividades, mas muitos acabam acumulando tarefas e o tempo fica escasso para desenvolver ações pedagógicas e possibilitar mudanças no cotidiano escolar.

Paro (2000), p. 212) diz “ocorre é que o gestor sendo responsável pela unidade escolar é ele que presta contas para o Estado do que é realizado na escola. Por medo de assumir uma situação que saiu do seu controle e venha a responder por medidas tomadas por outros, faz as coisas centralizarem somente nele”. Contudo, espera-se uma gestão com novas práticas de trabalho. Assim, Paro (2000), p. 212), sugere,

Uma solução que se pode imaginar para essa questão é a de dotar o Conselho de Escola de funções diretivas, semelhantes às que tem hoje o diretor. Dessa forma, o responsável último pela escola deixaria de ser o diretor, passando a ser o próprio Conselho, em co-responsabilidade com o diretor que dele também faz parte. A vantagem desse tipo de solução é que o Conselho, como entidade coletiva, fica menos vulnerável, podendo tomar medidas mais ousadas, sem que uma pessoa, sozinha corra o risco de ser punida pelos escalões superiores. Supõe-se que, assim, o dirigente da escola (o Conselho) detenha maior legitimidade e maior força política, posto que representa todos os setores da escola. Seu poder de barganha e sua capacidade de pressão, para reivindicar benefícios para a escola, seriam também, superiores ao do diretor isolado.

De acordo com as pesquisas apresentadas, a pouca participação da comunidade escolar nas ações da escola seria prejudicial para bom desenvolvimento do trabalho desse Conselho. Entretanto, Paro (1999) acredita que é importante o oferecimento de condições mínimas de participação e representação dos pais na escola. No entanto, precisa-se de muitas discussões a esse respeito, ademais é importante lembrar que as unidades de ensino, por sua vez, recebem a cada dois anos uma avaliação externa para medir a qualidade do ensino, o IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, um medidor do rendimento das escolas no Brasil. Segundo a página do INEP, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, É um indicador nacional que possibilita o monitoramento da qualidade da Educação pela população.

O cálculo é realizado a partir de dois componentes: a taxa de rendimento escolar (aprovação) e as médias de desempenho nos exames aplicados pelo Inep. Provas são nas disciplinas de Português e Matemática.

Os índices de aprovação são obtidos a partir do Censo Escolar, realizado anualmente. As médias de desempenho utilizadas são as da Prova Brasil para escolas e municípios, e do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), para os estados e o País, realizados a cada dois anos. Por meio deste resultado é possível auxiliar os gestores a identificar como está o rendimento escolar. O gestor, diante de tantas responsabilidades, vem recebendo constantes cobranças relacionadas ao resultado nessa avaliação. Se a escola atinge um bom índice, ela é considerada de “sucesso”. Caso não ocorra, é “fracassada, se o aluno reprova é porque os professores que estão em sala de aula não são “bons” e, assim sucessivamente, nessa situação, é comum as reclamações serem dirigidas ao diretor da escola. Contudo, Campos (2006) apresenta em sua pesquisa realizada com diretores de escolas públicas, que tanto no gerenciamento dos recursos materiais como às relações sociais que formam o cotidiano escolar, os dirigentes tornam-se essenciais.

Como as escolas vêm apresentando um índice baixo do esperado, as tomadas de decisões que possibilitam articular a maneira de olhar a educação com mudanças nessa área, são urgentes. Entretanto, “não basta tomada de decisões, mas é preciso que elas sejam postas em prática para prover as melhores condições de viabilização do processo de ensino /aprendizagem” (LIBÂNEO, 2001, p. 326). Todavia, sabe-se que as tomadas de decisões que envolvem educação na escola devem ser coletivas, com a participação efetiva de todos os envolvidos no espaço do cotidiano escolar, professores, funcionários, alunos, pais, gestores e comunidade.

O gestor não tem total “autonomia” para tomar todas as decisões, se não for em conjunto. Neste contexto, Freitas, (2000, p. 48), ressalta que “se os educadores não se empenharem, política e tecnicamente, em prol de uma participação efetiva, a reorganização das funções administrativas e da gestão da escola na rede pública continuará ocorrendo com sua ilusória participação nos processos de decisões”. Não há participação quando as decisões centralizam somente no gestor da escola.

Luck (2005), em seus estudos, declara que o bom rendimento escolar depende da “boa” administração escolar. Já Libâneo (2005, p. 301) diz que “visando não perder o sincronismo e brilho indispensáveis ao “sucesso” do ensino aprendizagem, as escolas

precisam ser mais bem organizadas e administradas para melhorar a qualidade do ensino, levando os alunos a se sentir envolvidos nas aulas e nas atividades escolares”. Neste sentido, Moraes (1997) explica,

Se estamos preocupados em formar indivíduos autônomos, criativos, críticos, cooperativos, solidários e fraternos, mais interativos e harmoniosos, capazes de explorar o universo de suas construções intelectuais, teremos de optar por um tipo de paradigma educacional diferente dos modelos convencionais atuais e que, por sua vez, foram influenciados por determinadas correntes psicológicas e filosóficas ancoradas num determinado paradigma adotado pela ciência. (MORAES, 1997, p.20).

O local da escola, segundo Paro (2000) deve ser um ambiente mais propício à prática da democracia. Neste aspecto, a qualidade no ensino depende de uma série de elementos que os profissionais da área de educação precisam estar buscando e modificando em relação às suas práticas educacionais e políticas. Estar nessa função não significa ser o detentor da verdade na escola. E seu papel não se resume em apenas cumprir com suas obrigações burocráticas, organizar setores, cumprir com os prazos determinados dos documentos, o papel do diretor de uma escola vai muito além. Neste sentido, pondera Saviani,

A escola é uma instituição de natureza educativa. Ao diretor cabe, então, o papel de garantir o cumprimento da função educativa que é a razão de ser da escola. Nesse sentido, é preciso dizer que o diretor de escola é antes de tudo, um educador; antes de se administrativo ele é um educador (SAVIANI, 1997, p. 208).

Neste contexto, proporcionar ao educando um ensino de qualidade, um lugar significativo, que dê oportunidades para ele ser livre, questionar, participar e se envolver é uma prática inovadora para os profissionais dessa função. O desafio é estar preparado para mudanças, para o inusitado, ainda mais num cenário de grandes transformações na educação e no mundo do trabalho, por isso é necessário novas metodologias de trabalho para que possamos acompanhar os alunos (as).

Nas investigações de Aguiar e Alloufa (1998), sobre a formação de administradores da educação no Brasil, identifica-se a precariedade na formação desses profissionais. Machado (2000, p.104) complementa mencionando que “[...] as competências constituem-se referências para guiar a chamada excelência profissional ou a qualidade do desempenho profissional”.

Portanto, desenvolver um trabalho com qualidade é preciso habilidade e conhecimentos na área pedagógica,

Compreensão dos fundamentos e bases da ação educacional.; compreensão da relação entre ações pedagógicas e seus resultados na aprendizagem. E formação dos alunos; conhecimento sobre a organização do currículo e articulação entre os seus componentes e processos; habilidade de mobilização da equipe escolar para a promoção dos objetivos educacionais da escola; habilidade de orientação e feedback ao trabalho pedagógico (LUCK, 2005, p. 85).

Desempenhando essa função com essas competências, outros elementos considerados importantes para o “sucesso” da escola, ganharão destaques. Por exemplo, a forma como a escola acolhe os alunos neste espaço educativo está correta? As investigações já realizadas e apresentadas nessa pesquisa revelam, em alguns casos, que a aproximação, escola, família e comunidade, supostamente é um dos caminhos para se chegar ao “sucesso”. Entretanto, deve se considerar quais são as ações que a escola proporciona para a família participar efetivamente da escola, as atividades devem ser pensadas para envolver todos os membros da família no interior do espaço educacional.

Também como a família acompanha o desempenho do filho (a) na escola, pois ela é co-responsável pelo processo de ensino aprendizagem. Outro aspecto que deve ser considerado é se o gestor está preparado para exercer essa função. Quais ações pedagógicas são desenvolvidas na escola para que seja uma escola bem sucedida? Diante de tantas inquietudes há necessidade de grandes mudanças nas ações dos profissionais das escolas públicas. Ao gestor cabe a responsabilidade de buscar transformações que venham proporcionar melhorias na educação.

2.3 OS PROFESSORES E EQUIPE PEDAGÓGICA

Muitos estudos apresentam e comprovamos nessa pesquisa também, a insatisfação dos professores em sala de aula por enfrentar inúmeras dificuldades em ensinar. Neste sentido, eles esperam dos pais um auxílio para poder ensinar. Esperam alunos na sala de aula preparados para aprender conteúdos sem necessidade de ficarem cobrando frequentemente mais atenção, disciplina, tarefas de casa realizadas, respeito, pontualidade, responsabilidade,

enfim, na visão deles o aluno “deveria” chegar na escola sabendo e preparado somente para “aprender”. Mas ao entrar na sala de aula o professor acaba fazendo o papel dos pais e muitas vezes não consegue ensinar, conforme alguns relatos de professores que já enfrentaram essa situação em sala de aula. Paixão (2007), Arroyo (2004), Demo (1993), Lahire (2002), Libâneo (2001- 2004) contribuem para essa discussão. Paixão (2007. p. 2) em seus estudos, ao ouvir alguns professores graduandos e de Pós-graduação, percebeu a insatisfação diante dessa situação,

Estes alimentam expectativas de que os filhos/as adquiram na escola hábitos e comportamentos que consideram parte de um repertório de uma criança “educada”, o que esses/as professores/as supõem que os/as alunos/as deveriam adquirir em casa. Declaram enfaticamente: ‘os pais e/ou as mães esperam que realizemos um trabalho que é deles. Nós não temos obrigação de ‘educar’; nossa função, como professor/a, é ‘ensinar’. Afirmam também que este não seria um problema detectado apenas com crianças de famílias pertencentes a camadas populares. Trabalhando em escolas privadas que atendem as crianças de camadas médias, eles/as também se defrontam com expectativas semelhantes.

A aproximação da família supostamente poderia ajudar os professores no bom rendimento escolar do filho. Como os professores não sentem essa presença acabam enfrentando grandes desafios em sala de aula. E assim como os gestores, os professores, na opinião dos pais, são os principais responsáveis pelo bom rendimento do aluno e do “sucesso” escolar. Nesta passagem de Arroyo (2004, p. 37), podemos refletir sobre esta situação,

As condutas dos alunos põem em entredito nossos poderes e saberes, nossas auto-imagens doentes. E de maneira radical. Na raiz. Há motivos para perplexidade. Na nova relação com os alunos fica instalada uma nova relação com nós mesmos. Aprendemos e nos aprendemos. As tensões e medos são legítimos. Tensões que partem do choque com as condutas dos alunos, mas que tocam nas raízes mais profundas de nossa docência.

Diante de tantos conflitos e desafios, os professores encontram dificuldades para desempenhar um trabalho com qualidade segundo alguns relatos desses profissionais. Cabe ao professor reflexões e mudanças nos “hábitos” das suas práticas em sala de aula, caso isso não aconteça o problema torna-se cada vez maior. Como afirma Fonseca (1994) “percebe-se a necessidade de repensar os processos de produção e difusão do conhecimento [...] criar novas formas de trabalho [...]”. Nesta perspectiva, Lahire (2002) nos ajuda a entender um pouco melhor esta condição,

As situações sociais nas quais vivemos constituem verdadeiros ‘ativadores’ de resumos de experiências incorporados que são nossos esquemas de ação ou nossos hábitos que dependemos assim fortemente desses contextos sociais que tiram de nós certas experiências e deixam outras em estado de gestação. Mudar de contexto é mudar as forças que agem sobre nós. (LAHIRE 2002, p. 59).

Assim, os confrontos geram constantes reflexões e diferentes ações frente às fragilidades no âmbito escolar e se fazem necessários para o aprimoramento profissional, sobretudo, na perspectiva de oferecer um ensino com qualidade nas escolas públicas. Portanto, estas questões não deixam de estar relacionadas com a identidade do professor. Souza (2006, p. 20) acredita que é no dia a dia, em sala de aula, que professores constroem sua identidade “entendida como um lugar de lutas, tensões e conflitos, caracterizando-se como um espaço de construção do ser e estar na profissão, que parte do pessoal para o profissional e vice-versa.” Hoje temos claro que ensinar não representa apenas transferir pacotes sucateados como expõe Demo (1993), nem expressa apenas repassar saber, mas,

Seu conteúdo correto é motivar o processo emancipatório com base no saber crítico, criativo, atualizado competente . Trata-se [...] não de controlar a competência de quem “aprende”, mas de abrir-lhe a chance na dimensão maior possível (DEMO, 1993,. p. 153).

É importante que toda a equipe pedagógica, direção, docente, pedagogos, estejam apoiados para realizar essas mudanças. Construir práticas educativas em conjunto facilita as tomadas de decisões que venham trazer melhorias ao ensino de qualidade nas escolas, tendo como principal alvo a aprendizagem dos alunos. O “sucesso” do aluno e a permanência na escola podem estar vinculados a essas mudanças, a escola é um direito de todos.

Libâneo (2001, p. 81-82), neste aspecto, destaca que a participação em conjunto é de extrema importância para proporcionar um ensino de qualidade, ter lucidez de que tarefa essencial da instituição escolar é a qualidade do processo de ensino e aprendizagem, além de que são as práticas pedagógicas e curriculares que proporcionaram os resultados melhores na aprendizagem. Entretanto, para isso é indispensável um trabalho em conjunto. Esta participação inclui a intervenção dos profissionais da educação, dos alunos e pais na organização da escola,

A escola tem uma cultura própria que permite entender tudo o que acontece nela, mas essa cultura pode ser modificada pelas próprias pessoas, ela pode ser discutida, avaliada, planejada, num rumo que responda aos propósitos da direção, da coordenação pedagógica, do corpo docente (LIBÂNEO, 2001, p. 85.)

Desta maneira, o trabalho coletivo proporciona troca de experiências vivenciadas no âmbito escolar que poderão auxiliar na resolução dos possíveis problemas. Assim, nos deparamos com profissionais buscando maneiras de realizar esse trabalho em conjunto, pois nem sempre se tem “sucesso” devido a pouca participação efetiva de todos os envolvidos na escola. Neste aspecto, Paro (2000) salienta a falta de iniciativa dos professores em realizar um trabalho junto com os pais e mães. Para o autor as reuniões de pais é um encontro propício para incentivá-los na orientação dos bons hábitos de estudo e valorização do saber “parece haver, por um lado, uma incapacidade de compreensão por parte dos pais, daquilo que é transmitido na escola; por outro lado, uma falta de habilidade dos professores para promoverem essa comunicação”(PARO, 2000, p. 68). A aproximação com os pais, compartilhar os acontecimentos e o desempenho do filho na sala de aula poderá facilitar as atitudes dos alunos na escola,

[...] pensar nesse tipo de parceria requer então aos professores inicialmente uma tomada de consciência de que, as reuniões baseadas em temas teóricos e abstratos, reuniões para chamar a atenção dos pais sobre a lista de problemas dos filhos, sobre suas péssimas notas, reuniões muito extensas, sem planejamento adequado, onde só os professor pode falar, não tem proporcionado sequer a abertura para o iniciar de uma proposta de parceria, pois os pais faltam as reuniões , conversam paralelamente, parecem de fato não e interessarem pela vida escolar das crianças (CAETANO, 2003, P. 07).

Como as transformações e os conflitos são constantes no cotidiano escolar, envolvendo tanto os profissionais da escola como a família, o Projeto Político Pedagógico da escola, segundo os autores como Veiga (2004), Vasconcellos (2006) e Luck (2006), deve ser construído coletivamente, pois será importante para transformar a realidade da escola, ajudar na decisões e diagnosticar problemas existentes. Para tanto, a escola deve estar bem coordenada e administrada para, inclusive, colocar algumas idéias em prática,

[...] aos professores, alunos e pais de aluno cabe perceber que eles constroem a realidade escolar desde a elaboração do Projeto pedagógico até a efetivação de sua vivência e ulterior promoção de transformações significativas. Não se trata de conceder, doar ou

impor participação , mas sim de estimulá-la, de modo que se integre nesse processo contínuo (LUCK, 2006, p. 71)

Veiga (1998) acredita que a construção do projeto político pedagógico só será possível se houver condições que lhes permitam aprender a pensar e a realizar o fazer pedagógico de forma coerente e competente, sendo que assim não é necessário convencer os professores, a equipe escolar e os funcionários a trabalhar mais ou mobilizá-los de forma espontânea.

Já Vasconcellos (2006) traz uma reflexão interessante sobre o projeto político pedagógico, “[...] é um instrumento teórico metodológico que visa ajudar a enfrentar os desafios do cotidiano da escola, só que de uma forma refletida, consciente, sistematizada, orgânica e, que o que é essencial, participativa”.

O autor complementa “é uma metodologia de trabalho que possibilita re-significar a ação de todos os agentes da instituição” (VASCONCELLOS, 2006, p. 143). Diante disso podemos considerar que as decisões em conjunto são fundamentais para transformar a realidade escolar e superar alguns obstáculos enfrentados pelos profissionais no âmbito escolar.

2.4 ALUNOS DIANTE DO (IN) “SUCESSO” ESCOLAR

No artigo 205 da Constituição Federal do Brasil diz que “a educação é direito de todos e dever do estado e da família”. No entanto, não é isso que presenciamos no dia a dia. Segundo os dados apresentados pelo índice do IDEB nas escolas, a evasão ainda é grande e precisa ser trabalhada ainda mais essa questão. Até o momento resgatamos a discussão a partir de alguns autores sobre as “possíveis razões” do “fracasso e sucesso” escolar. No entanto, até que se consigam respostas mais precisas acerca do assunto e das diversas situações que o envolve, não podemos esquecer que os alunos enfrentam grandes desafios com as mudanças, com as avaliações, com as reprovações, com o abandono e com seu desempenho escolar geral.

Segundo os estudos apresentados conhecer melhor a realidade dos alunos e a aproximação das famílias na escola fortalece o laço de amizade entre a escola e o aluno, favorecendo dessa maneira o aprendizado deste. Lahire (2008), em sua investigação realizada com 27 alunos do Ensino Fundamental na França, que um dos casos de “fracasso” nas escolas, é por conta dos alunos sentirem “solidão”,

[...] podemos dizer que os casos de ‘ fracasso’ escolares são casos de solidão dos alunos no universo escolar: muito pouco daquilo que interiorizaram através da estrutura de coexistência familiar lhes possibilita enfrentar as regras do jogo escolar (os tipos de orientação cognitiva, os tipos de práticas de linguagem, os tipos de comportamento... próprios da escola), as formas escolares de relações sociais [...] (LAHIRE, 2008, p, 19).

O autor coloca que, muitas vezes, os problemas da escola não são socializados com as famílias. Quando chegam da escola em casa, com algum problema, os pais não podem auxiliar. Quando estão na escola isso também acontece, os professores não podem ajudá-los diante do que vivenciam e estão enfrentando em casa, os alunos sentem-se “alheios diante da realidade escolar, sentindo-se “sozinhos”. Neste ponto, Libâneo considera que,

A escola é um lugar de ensino e difusão do conhecimento, é instrumento para o acesso das camadas populares ao saber elaborado; é, simultaneamente, meio educativo de socialização do aluno no mundo social adulto (LIBANEO, 1987, p. 75).

Pelos relatos nessa pesquisa, dos dez sujeitos entrevistados, oito deles consideram que é desafiador o professor conhecer em qual contexto o aluno vive e se comprometer em socializar, seja o conhecimento científico como o cultural. Como vimos anteriormente, encontramos nessa pesquisa situações em que os professores esperam em sala de aula alunos que sejam compromissados, gostem de estudar e aprender, que sejam disciplinados e educados, que a família acompanhe o desempenho do filho, em síntese, desejam um aluno “ ideal”, conforme a expressão usada por um desses diretores. Entretanto, o que fazer com esses alunos que não apresentam nenhuma dessas características e estão nessa sala de aula? E aqueles com essas características e que não conseguem um bom rendimento? Há possíveis seleções de alunos para freqüentar a escola pública?

Percebe-se através das buscas pelas pesquisas em relação ao “sucesso escolar”, que as escolas vêm se preocupando muito com os alunos das classes populares com déficit cultural familiar. Mas qual é a preocupação com aqueles alunos que possuem um bom rendimento, a família acompanha freqüentemente o desempenho do filho na escola quando este é brilhante, o que é feito para motivar esses alunos e famílias? E aqueles alunos que apresentam condições desfavoráveis, mas conseguem um bom desempenho em sala de aula? O que leva esses alunos a obter esse desempenho? Em alguns casos acabam sendo “submissos” aos outros que

não conseguem bom rendimento? Charlot³, na entrevista concedida ao site do CRE, fala que se ele fosse professor hoje em uma escola no Brasil para adolescentes, ele se preocuparia com a questão da auto-estima do aluno,

[...] O adolescente é frágil e tem uma imagem frágil de si mesmo. O saber deve permitir que ele reforce essa auto-imagem, ao invés de feri-la ainda mais como muitas vezes acontece. Porque quando o saber é uma fonte de sofrimento pessoal psicológico na sua auto-estima, você tende a desvalorizar esse saber que te desvaloriza.

E o autor continua seu pensamento,

[...] Toda pessoa tem uma atividade intelectual, mas o fato de mobilizar ou não essa potencialidade depende do sentido que ela confere àquilo que está ouvindo e à situação que está vivenciando, [...], ou seja, os motivos que despertam o desejo de aprender numa criança podem não ter nenhum efeito sobre outra, que tem uma história pessoal diferente.

A motivação é um fator também discutido e importante. Alguns autores como Bzuneck (2000), Garrido (1990) e Balancho e Coelho (1996) acreditam que o aluno precisa estar motivado para aprender, seja ele bem sucedido ou não. Se ele não consegue um bom desempenho, necessita de estímulo para melhorar, caso obtiver bons resultados precisa também valorização para continuar “brilhando” e envolvendo-se em atividades desenvolvidas pela escola ou pelo professor, para adquirir cada vez mais conhecimento.

É normal os alunos esperarem um *feedback* positivo de seu esforço e/ou capacidade para seguir. Garrido (1990) afirma que a motivação é um processo psicológico, é uma força que se origina no interior da pessoa impulsionando para a ação. Balancho e Coelho (1996, p 17) discorrem que a motivação “é tudo o que desperta, dirige e condiciona a conduta”. Já Bzuneck (2000, p. 10), diz “toda pessoa dispõe de certos recursos pessoais, que são tempo, energia, talento, conhecimento e habilidades, que poderão ser investido numa certa atividade”. Para o autor não é possível uma motivação no ambiente escolar se não for considerada as particularidades do ambiente.

A parceria entre professor e aluno torna-se indispensável para o bom rendimento do aluno em sala, segundo os autores citados. O fato de se buscar somente nos familiares os motivos para o

³ Entrevista disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/ent_a.php?t=006. Acesso em 15 de Janeiro de 2012, às 00h 12m.

“fracasso ou sucesso”, não são suficientes, as pesquisas mostram que a motivação auxilia no desempenho escolar.

Já apresentamos que não é possível generalizar que o fracasso escolar acontece somente com os sujeitos pertencentes à classe popular. Charlot (2000), neste sentido, salienta que há alunos provenientes dessa classe, porém são brilhantes em sala de aula. Na opinião do autor, sabe-se que “há uma postura diferente frente à escola entre as crianças de classes médias e de meios populares”. E isso, segundo o autor tem um “peso importante”. Se esses alunos brilhantes pertencem às classes populares como os demais, de certa forma, poderiam auxiliar a escola como um todo, pois conhecem uma realidade que a escola não vivencia. A motivação e a valorização possibilitariam aos alunos razões para continuarem buscando conhecimento (grifos meus).

Para Lahire (1997), algumas crianças apresentam “necessidades pessoais” de “sucesso” escolar, é algo interiorizado. Conforme o autor,

[...] todas as crianças parecem ter interiorizado precocemente [...] o sucesso escolar como uma necessidade interna, pessoal, um motor interior. Assim, elas têm menos necessidade de solicitações e de advertências externas do que outras crianças, e até parecem, às vezes, mais mobilizadas do que os pais (LAHIRE, 1997, p. 197).

Diante disso, percebe-se que há grandes desafios a serem enfrentados, tanto pelos alunos como por todos os envolvidos diretamente ou indiretamente com a educação, para se chegar ao resultado esperado.

2.5 TRAJETÓRIA CULTURAL DAS FAMÍLIAS

No Estatuto da Criança e do Adolescente, o art. 55 traz que os pais e ou responsáveis têm obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino (BRASIL, 1990). Os pais ao matricular seus filhos em uma instituição de ensino passam parte da responsabilidade de “educar” para a escola e esperam bons resultados, pois muitas vezes não conseguem, por falta de tempo, oferecer uma boa educação em casa e os filhos acabam sendo prejudicados. Prado (1981, p. 09) argumenta que apesar dos conflitos, a família é a única instituição social que engloba o indivíduo em toda sua história de vida pessoal. As primeiras

experiências educacionais são adquiridas na família é ela que acompanha a fase de desenvolvimento e formação do filho.

Azymanski (2001, p. 53) considera que, “[...] Uma instituição não substitui uma família, mas com atendimento adequado, pode dar condições para a criança e o adolescente desenvolverem uma vida saudável no futuro”. Já Carvalho (2000), diz que a contribuição da família para a promoção do desenvolvimento humano é inegável, mesmo sendo ela apontada como um dos elementos responsáveis pelo fracasso escolar. Contudo, percebe-se diante das pesquisas que as instituições enfrentam dificuldades em realizar um trabalho em conjunto com os pais para melhorar o desempenho escolar, pois a participação efetiva deles (pais) na escola é mínima.

Supõe-se que os pais e ou responsáveis pertencentes às classes populares, sentem-se despreparados para participar do currículo escolar e ajudar de uma forma ou outra a escola. Ademais, Marques (2001, 2002) acredita que os professores, com receios de serem cobrados e fiscalizados pelos pais, acabam distanciando a integração dos pais dos projetos escolares realizados. Lahire (1997), nos resultados de sua pesquisa, considera injusto quando se evoca uma omissão ou negligência dos pais, pois eles participam da vida escolar dos filhos das mais variadas formas, como: castigam-os quando os resultados não são satisfatórios, compram cadernos, ficam atentos para que os filhos vão para a cama cedo, etc. isso é uma forma de demonstrar responsabilidade familiar.

Os conhecimentos, valores, desejos e expectativas vindos dos diversos horizontes familiares passam a integrar o campo dos saberes de referência a serem considerados no momento da escolha dos conteúdos escolares (GABRIEL, 2002, p. 79). Neste ponto, Libâneo (2000, p. 85) menciona “A pedagogia familiar não deve estar desarticulada da pedagogia escolar.” O conhecimento não é adquirido somente pelos conteúdos, mas através de toda experiência que os alunos trazem do seu cotidiano. Paro (2000, p.15) diz que a escola tem falhado “porque não tem dado a devida importância ao que acontece fora e antes dela com seus educandos.

Alguns profissionais que participaram dessa pesquisa acreditam que a aproximação da família nas atividades escolares e no desempenho dos filhos na escola fortalece esta relação. Entretanto ressaltam que ainda há muito para se fazer para que os pais se conscientizem do papel fundamental para o bom rendimento do seu filho na escola. Paro (2000, p.15) acredita que é preciso “estudar formas mais adequadas de integração com os pais a propósito de

melhorias de ensino”. O autor promulga que por pequena que seja a contribuição, comparando com o muito que há para se fazer na escola, os pais podem ajudar no processo pedagógico escolar e evitar o risco de se ignorar algo que é imperativo no bom desempenho dos alunos (PARO, 2001). Para Luck (2010) , as escolas em que os pais estão mais presentes os alunos aprendem mais. Pois com isso os pais demonstram valorização nos estudos e valorização, além de acompanhar o trabalho da escola mais de perto. “ E isso a família pode fazer, mesmo que tenha baixa escolaridade ou mesmo que os pais sejam analfabetos. (LUCK, 2020. p. 152).

Contudo, as pesquisas mostram que estas duas instituições vêm trabalhando separadamente, de forma isolada, enquanto uma depende da outra para o bom desempenho escolar do educando. Para Sposito, (2008) escola e família são, portanto, instituições complementares e indispensáveis ao desenvolvimento do ser humano. Diante de tais evidências, torna-se facilmente compreensível a relevância da construção de uma verdadeira parceria entre ambas.

2.6 A AVALIAÇÃO DA “APRENDIZAGEM” NA UNIDADE ESCOLAR

Fazer uma avaliação externa das práticas educativas dos gestores, professores, alunos e do ensino como um todo, pode ser um momento crucial para aqueles que estão direta ou indiretamente ligados à educação. Nem sempre essas “avaliações” aplicadas estão realmente atingindo os resultados esperados. Esses medidores da qualidade de ensino nas escolas vêm sendo de certa forma, para muitas escolas uma punição e, para outras, um prêmio. Se o resultado for positivo, a comunidade no geral enxerga a escola com outros olhares, ao contrário é vista como uma escola de fracasso que precisa melhorar e automaticamente “condena” a instituição de ensino como um todo, gestores, professores, alunos, pais e todos que fazem parte da educação escolar. Há autores que nos ajudam a entender que as avaliações externas nas unidades escolares não podem ser interpretadas como uma punição ou reprovação. Mello considera que,

O desenho e a implementação de sistemas de avaliação externa devem, portanto, ser acompanhado de discussão e esclarecimento quanto a seus objetivos, a fim de deixar claro que, ao contrário do que fazem professores e escolas, essa avaliação externa não se destina a reprovar ninguém, mas a fornecer informações aos gestores

educacionais e ao público, sobre o desempenho do sistema como um todo, as escolas, regiões, municípios ou Estado que precisam melhorar seus resultados e o que é necessário fazer para promover essa melhoria (MELLO, 1993, p. 101)

Diante disso, as avaliações externas, segundo o autor, vêm diagnosticar as ações que não deram certo e é uma oportunidade de garantir mudanças e condições de oferecer uma educação com mais qualidade nas unidades de ensino, portanto,

Está aí um desafio teórico-prático que a nova orientação paradigmática gera: o desafio de colocarmo-nos diante do instrumento da pesquisa e da educação, numa atitude prático-reflexiva, criando e recriando instrumentos que viabilizem a convergência entre o refletir e o agir consciente. E fazer do espaço educativo um lugar privilegiado. Lugar este que possibilite aos sujeitos da educação uma nova relação com o conhecimento. Relação em que a busca de aprender transforma-se numa atitude prático-reflexiva que leva, portanto, a construir conhecimento (VEIGA, et al, 2003, p. 133).

Fazer uma avaliação das ações do cotidiano escolar, investigar os processos implantados, analisarem o que deu certo, revisar os procedimentos, aprimorar o modo de trabalho e obter mudanças naquilo que deu errado, é um mecanismo que as unidades escolares poderiam utilizar constantemente, sem ter necessariamente avaliações externas. No entanto, estas avaliações nas escolas para diagnosticar o desempenho da qualidade de ensino vêm sendo uma preocupação para muitos profissionais e comunidade escolar. Afinal, se a escola apresenta dificuldades para oferecer uma educação de qualidade, o que fazer para isso? Buscar mudanças nessas unidades para que a escola venha a apresentar um bom índice nessas avaliações é um desafio para os professores, gestores e alunos?

Entre estas avaliações destacamos: Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), que tem por objetivo o monitoramento do desempenho dos sistemas de ensino básico e orientação aos gestores sobre os problemas enfrentados e as políticas que proporcionam melhorias para uma educação de qualidade, Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que tem por objetivo avaliar o desempenho dos alunos da 3ª série do Ensino Médio. Para identificar as duas escolas de “sucesso” na presente investigação utiliza-se o indicador de avaliação da Educação Básica, o IDEB Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

2.6.1 O IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

O IDEB é um “indicador” da qualidade nos ensinamentos das Escolas Públicas de Educação Básica do Brasil, foi criado em 2007 com o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), com o objetivo de avaliar o ensino no município e também na unidade escolar. Esse indicador apresenta também o fluxo (aprovação, repetência e evasão) escolar e seu desempenho. Quanto à reprovação avaliam-se alunos que abandonam a escola e a qualidade na educação.

A nota do IDEB varia de zero a dez, no entanto, as escolas vêm apresentando um índice bem baixo, indicando essa de que a educação no Brasil está fragilizada e precisa melhorar. Portanto, para que o rendimento e desempenho desses alunos seja “bom” é um desafio para muitos profissionais da área educacional que não conseguem alcançar esse índice alto nessas avaliações. A avaliação nas escolas chamada de Prova Brasil, avalia todos os estudantes das escolas públicas em relação ao conhecimento da Língua Portuguesa e Matemática e a administração em geral dessas escolas. Soares e Figueiredo (2010), em suas considerações sobre o IDEB dizem que é possível apreciar se a escola é bem sucedida quando consegue obter bons resultados em testes padronizados, bem como manter os alunos sem evasão e repetência.

Compreender o Sistema de Avaliação da Educação Básica no Brasil e conhecer o que houve de positivo para uma educação de qualidade é fundamental para que gestores, professores e equipe pedagógica e o próprio governo, consigam desenvolver ações na unidade escolar. Além de fazer deste ambiente um lugar significativo para todos que atuam na escola e para alcançar os resultados esperados, sem ficar pensando que o índice baixo foi um “fracasso” total para todos que estão envolvidos na educação. Nesta pesquisa se utilizou os resultados apresentados pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais), destacando as escolas que obtiveram melhor índice na avaliação do IDEB em 2009 e escolhemos essas duas escolas para diagnosticarmos os elementos que foram importantes nesse desempenho.

No entanto, não podemos considerar essa avaliação externa como um indicador eficaz da qualidade de ensino nessas escolas. No decorrer dessa pesquisa, encontraremos os elementos que elevaram o índice dessas duas escolas pesquisadas, porém, o que fazer com as outras escolas públicas que não tem essas mesmas características e são avaliadas de maneira

igual, sem olhar as condições dessas unidades escolares. É necessário uma análise na forma de avaliar todas as escolas, pois muitas, segundo os depoimentos nessa pesquisa e baseando em outros estudos, não tem condições favoráveis para oferecer um ensino de qualidade e são avaliadas como aquelas que possuem condições melhores, portanto, acabam sendo prejudicadas nessas avaliações externas. Saviani em uma entrevista concedida a revista Nova Escola em 2010, sobre o órgão regulador da qualidade de ensino, diz que precisar ser avançado em relação ao conceito desse resultado, “o índice se expressa de forma numérica, o que traz certa confusão na interpretação e na divulgação. É preciso ter atenção na hora de compreendê-lo e introduzi-lo nas redes e escolas. Os gestores têm de entender e saber demonstrar as ações que levaram a sua escola a ter um aumento na nota do Ideb. O crescimento de 3,8 para 4,2, por exemplo, reflete a melhora da qualidade da aprendizagem por que motivo? O que foi feito? O projeto político pedagógico estava consistente? A segunda questão está nas provas usadas no cálculo do Ideb. Os exames nacionais desconsideram as especificidades da aprendizagem em diferentes locais. Com isso, é possível questionar até que ponto eles de fato medem a qualidade.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 CAMINHOS PERCORRIDOS

Para o desenvolvimento dessa investigação foi realizada uma abordagem qualitativa. Por meio deste enfoque procurou-se atingir os objetivos propostos desse estudo e para se chegar aos resultados foi realizada um levantamento por meio de dissertações, teses, artigos em livros e revistas, obras importantes de autores que contribuíram para conexões teórico-metodológicas relacionadas a temática. Após foi realizadas entrevistas com os sujeitos de pesquisa e o registro de toda coleta de dados para o tratamento destes na análise interpretativa. Bodgan e Biklein (1994, p. 48) ressaltam que “os investigadores qualitativos freqüentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as ações podem ser melhores compreendidas quando são observáveis no seu cotidiano habitual de ocorrência”. Esse cotidiano deve ser explorado de forma constante para que se observem os detalhes que, muitas vezes, passam despercebidos aos nossos olhos de pesquisadores.

Nesse sentido, a opção em ir até essas escolas entrevistar gestores, professores, alunos e pais proporcionou um envolvimento mais intenso com a pesquisa. Ludke e Andre (1986) afirmam que para o investigador presenciar as situações e as ocorrências diretamente, exige-se um trabalho intenso. No entanto, foi possível para a realização desta pesquisa a participação de gestores (2), professores (10), alunos (10) e pais (10). No total foram 32 sujeitos, após as entrevistas se organizou os dados coletados sistematizando em dimensões conforme os objetivos da pesquisa. O tratamento dos dados ocorreu por meio da análise de conteúdo. Neste sentido, foi realizada uma releitura do material para identificar os pontos mais significativos. Na fase descritiva da pesquisa se procurou contextualizar e interconectar com os autores que foram trazidos no desenvolvimento do corpus teórico, procurando, desta maneira, acrescentar algo de “novo” nas pesquisas já realizadas sobre o assunto.

3.2 OS CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DAS ESCOLAS, SUJEITOS E INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Para a realização dessa pesquisa, além das reflexões teórico-metodológicas houve a necessidade de chegar até os sujeitos da escola para que pudessemos identificar os elementos

que contribuíram para esse índice. A escolha dos entrevistados aconteceu no sentido de dar voz aos alunos, pais, professores e gestores para se alcançar resultados mais expressivos e relevantes. Portanto, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, em que o leitor pode verificar a partir do roteiro que se encontra anexo. Convém salientar, que o período das entrevistas foi no mês de dezembro, final do ano letivo, os alunos estavam ansiosos para o término das aulas e como os professores tinham conselho de classe para esses dias, estavam ocupados também para fechar as notas. Mesmo assim, pode-se dizer que as entrevistas ocorreram sem maiores problemas.

As escolas:

Foram selecionadas duas escolas públicas pelo maior índice do IDEB, uma do estado do Paraná e outra de Santa Catarina. A pesquisa foi desenvolvida em dois estados diferentes para analisar se as Secretarias de Educação oferecem fatores importantes e diferenciados em cada estado. Neste caso específico, procurou-se buscar se a família, profissionais envolvidos na educação, os recursos financeiros, contratação de professores, métodos de ensino, etc, são fatores que contribuem ou não para a qualidade de ensino. O critério para escolher este indicador, o IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica e selecionar as duas escolas, foi por esse ser um medidor do rendimento das escolas públicas no Brasil.

Os sujeitos da pesquisa:

Os alunos: Foram selecionados 5 (cinco) alunos de cada escola, indicados pelos gestores e professores como representantes significativos e participativos na escola. Foram indicados por esses profissionais, pelo fato de não conhecermos os alunos e isso dificultaria a nossa intervenção na escolha, porém solicitamos que esses alunos deveriam ter realizado a Prova Brasil em 2009, avaliação que acontece a cada dois anos nas escolas. O objetivo foi entrevistar os alunos, para que fosse possível ouvi-los diante desse “sucesso” escolar. Nesse caso ficou sob responsabilidade do gestor atual da escola indicar os alunos para realizar a entrevista.

As entrevistas com os alunos ocorreram no próprio estabelecimento de ensino. Os gestores e pedagogos ficaram responsáveis em comunicar os pais sobre a entrevista com os filhos e após agendar dia e horário para realização do estudo.

Na escola do Paraná as entrevistas se realizaram durante o período de aula. A equipe pedagógica informou aos professores da pesquisa que estávamos desenvolvendo para que os alunos fossem liberados durante a aula e pudessem participar da conversa. A organização prosseguiu da seguinte maneira: a pedagoga encaminhou o primeiro aluno e depois ao chegar na sala de aula esse avisou o próximo para se dirigir até o local que se encontrava a pesquisadora (biblioteca) e, assim consecutivamente até que findasse o diálogo com os 5 alunos. Todos estavam preocupados porque anteriormente estavam realizando provas de algumas disciplinas e, portanto estavam ansiosos com o resultado que só seria passado posteriormente. Naquela semana acontecia também o conselho de classe final do ano letivo na escola.

Em Santa Catarina a direção optou para que os alunos viessem até a escola para participar da entrevista. Como essa escola atende alunos até o 9º ano, os alunos que participaram da Prova Brasil em 2009 não estudavam mais naquela escola, e sim estavam matriculados nas escolas que ofereciam o Ensino Médio. Mesmo assim todos compareceram no horário marcado pela pedagoga e direção. Esses alunos estavam tranquilos em relação as suas notas, frequências, entrega de trabalhos e aguardavam apenas o resultado final. Contudo, estes estavam frequentando as aulas normalmente, no início da conversa todos falaram que tinham muita saudade da escola como um todo, principalmente dos professores que lecionavam ali. Foi uma conversa muito tranquila e com muito êxito. Todas as entrevistas ocorreram em um único dia nas duas escolas e não houve nenhuma dificuldade para desenvolver a investigação.

Pais: Foram visitadas 5 (cinco) famílias de cada escola. Com a finalidade de conhecer um pouco a realidade desses alunos de “sucesso” na escola e saber qual a participação dos pais na vida escolar dos filhos, solicitamos ao gestor de cada escola que fosse realizada a entrevista com os pais dos mesmos alunos entrevistados anteriormente. Para o agendamento dessas entrevistas fizemos o seguinte: na escola do Paraná a direção determinou que ficasse sob responsabilidade da pesquisadora. Neste caso, quando da realização das entrevistas com os alunos explicou-se o os objetivos do estudo, após anotou-se o telefone e

entrei em contato com os pais para agendarmos os dias e horários, bem como a localização para chegarmos até suas casas. Como as famílias se localizavam distantes do centro da cidade foram necessários dois dias para atingirmos todas essas cinco famílias no Paraná. Desde o primeiro contato por telefone fui bem atendida pelos pais e me acolheram super bem em suas casas. Apenas uma mãe, optou por me receber no seu trabalho para que pudéssemos finalizar as entrevistas naquele dia, todavia, nos recepcionou sem problema algum e não limitou o nosso tempo para a realização da entrevista.

Já na escola de Santa Catarina a direção, após contato com os pais, considerou melhor a realização das entrevistas no próprio estabelecimento de ensino. No entanto, organizou dia e hora para que pudéssemos entrevistá-los na escola. Todos (as) compareceram no horário combinado, assim foi possível concretizar as entrevistas com os pais em um único dia. Poder contar com a colaboração dos pais dos alunos em receber uma pesquisadora, bem como eles fazerem parte desta investigação foi de extrema importância e valorizou muito este estudo.

Gestores: Como o objetivo do IDEB é avaliar a escola a cada dois anos, houve a necessidade de entrevistar os gestores que atuaram nesta época, para que pudéssemos verificar os elementos importantes desse índice. Foi dificultoso entrar em contato com esses diretores, por exemplo, no Paraná o gestor não fazia mais parte do quadro funcional da escola, neste sentido, a razão de não fazer parte mais do quadro foi ocultado pelos profissionais, além de que não tinham nenhuma informação de contato para que pudéssemos chegar ele. Apenas conseguimos uma informação por meio da secretaria da escola, que possivelmente deveria estar trabalhando na Universidade Federal do Paraná.

Como já possuía o nome deste gestor busquei um contato a partir da verificação na Plataforma Lattes, enviei um email, entretanto, este voltava notificando que havia algo incorreto no endereço de email. Então, entrei em contato com a Universidade Federal do Paraná e consegui localizar a diretora que atuava em 2009 no estabelecimento de ensino que desenvolvia a pesquisa.

Como era época de férias (dezembro de 2010) não consegui contato com ela naquele momento, mas já tinha o e-mail correto e o número de telefone para contato. O primeiro contato foi por email com intuito de explicar melhor o objetivo do nosso trabalho e a importância da participação dela para a investigação. Durante 20 (vinte) dias não tivemos

retorno então resolvemos entrar em contato por telefone. Nesse último contato, após a “direção” explicar que não havia respondido o e-mail devido estar viajando e o retorno estava previsto para breve, consegui agendar um dia e local para a conversa.

A entrevista foi realizada na própria Universidade Federal do Paraná (UFPR), fui muito bem atendida pelo gestor anterior da escola. Assim que cheguei fui logo conduzida para a sala do entrevistado. Antes que começarmos a falar do estudo houve um longo momento de conversação fora do tema, apenas falando das viagens e da instituição de ensino na qual fazemos parte. Somente depois de vários minutos é que entramos no assunto da pesquisa. Sem correr com o tempo a entrevista durou aproximadamente duas horas, o que contribuiu muito para o trabalho desenvolvido.

Em Santa Catarina, apesar do gestor que atuava nesse período (2009) não fazer mais parte do quadro funcional em razão de estar aposentado, a direção atual decidiu entrar em contato com ele e verificar a melhor forma para a entrevista. Após alguns dias recebi um e-mail me comunicando que a entrevista seria no mesmo dia em que os pais estarão participando da investigação. A conversa com o gestor anterior foi agendada para o primeiro horário do dia devido o compromisso de viagem, porém ele fez questão da nossa conversa antes de viajar. A entrevista estava agendada para 7h30min, com o objetivo de não atrasarmos chegamos com meia hora de antecedência. Quinze minutos antes da hora programada o entrevistado já estava no local. Iniciei a conversa explicando o estudo e obtive o apoio e o reconhecimento da relevância dessa pesquisa. A aceitação da investigação foi surpreendente, o tempo aproximado de duração foi de uma hora mais ou menos, que resultou em muito significativa para o levantamento dos dados.

Professores: Foram selecionados 5 (cinco) professores de cada escola. Os critérios de seleção foram: professores que participassem da entrevista deveriam ter trabalhado de preferência entre o período de 2007-2009, efetivo ou não nessas escolas e que tivessem lecionado para os alunos do 9º ano que realizaram a Prova Brasil dessa avaliação institucional. A escolha desses professores foi através da direção atual, pois não sabíamos quais professores estavam atuando como professores naquele ano e permanecem na escola até aquele atual momento. A finalidade seria ouvir desses profissionais o que eles teriam a dizer sobre o processo de ensino e aprendizagem nestes anos, para que a escola atingisse esse

“sucesso”. Os gestores e pedagogos ficaram responsáveis em selecionar esses profissionais e agendar os dias e horários para a realização da pesquisa.

No Paraná, as entrevistas foram agendadas em dois dias. A conversa aconteceu na própria escola e nos horários de folgas dos professores e/ ou nas horas atividades para que não atrapalhássemos o andamento das aulas em sala. Todos compareceram no horário marcado e pode-se entrevistá-los sem maiores problemas. Em Santa Catarina a direção optou por agendar os dias e horários com os professores no estabelecimento de ensino em horários que eles não estivessem em sala de aula e ou hora atividade. Todos compareceram em turnos diferentes de trabalho para participar do estudo e a duração da conversa com cada professor ficou entre uma hora e uma hora e meia.

3.3 CENÁRIO DA PESQUISA

A escola do estado do Paraná é uma escola estadual, localizada no centro de Curitiba. A escola atende aproximadamente cinco mil alunos no Ensino Fundamental, Médio e Ensino Profissionalizante. Criada em 1846 hoje é uma das escolas mais bem conceituadas na cidade de Curitiba. Atualmente é considerada a escola pública mais antiga e maior do estado do Paraná. Possui uma enorme área para o espaço educativo, aproximadamente 40.000m² de área ocupada. Possui uma extensa área de Educação Física e Esportes (piscinas, campo, quadra esportiva e pista de atletismo). Além de apresentar um restaurante chamado Fome Zero Salão nobre e o Museu Guido Straube.

Para a realização das pesquisas e aulas diversificadas o professor e alunos contam com uma biblioteca ampla, um Observatório Astronômico e o Planetário para realizações de ensino e pesquisa; laboratórios de ciências e informática. O IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica em 2009 foi de 6,3, um dos melhores do estado do Paraná. Isso mostra que essa escola apresenta uma estrutura física acima da média das escolas paranaenses.

Essa escola a partir de 1974 foi transformada em um Órgão de Regime Especial, sendo assim possui um maior orçamento e “autonomia relativa” Por esse motivo essa unidade escolar tornou-se um das poucas escolas públicas do estado do Paraná sem eleição para diretores, a escolha é realizada por indicação do Governo do Estado. Porém, em 2010 foi posto em votação o Projeto de Lei que objetivava a votação para diretores em todas as escolas

públicas do Paraná, inclusive dessa escola. Mesmo assim o Regime Especial continuava em vigor.

Para ingressar na escola os alunos passam por uma análise de currículo. Anterior a 2007 a seleção era alcançada através de provas escritas na própria escola. No mesmo ano foi implantado o Ensino Fundamental, antes havia somente o Ensino Médio, e a seleção ocorre a partir de então por análise de currículos. Diante disso, os que possuem um desempenho melhor garantem a vaga.

Na atualidade a escola oferece além das disciplinas da grade curricular: CELEM – Centro de Línguas Estrangeiras Modernas, Curso Básico de Língua que é uma atividade extracurricular ofertada gratuitamente para todas as escolas da rede Pública do Estado do Paraná. Foi criado em 1986 pela Secretaria do Estado do Paraná que tem por objetivo oferecer cursos de idiomas gratuitos para os alunos matriculados na rede estadual de ensino, professores e funcionários que estejam em exercício e também para a comunidade em geral. O CELEM oferta nove idiomas: polonês, alemão, italiano, espanhol, francês, inglês, japonês, mandarim e ucraniano. Nesse estabelecimento de ensino são ofertados os nove idiomas:

- Curso Básico de Língua Alemã (desde 1986)
- Curso Básico de Língua Espanhola (desde 1986)
- Curso Básico de Língua Francesa (desde 1986)
- Curso Básico de Língua Inglesa (desde 1986)
- Curso Básico de Língua Italiana (desde 1990)
- Curso Básico de Língua Japonesa (desde 2004)
- Curso Básico de Língua Mandarin (desde 2006)
- Curso Básico de Língua Polonesa (desde 2010)
- Curso Básico de Língua Ucraniana (desde 2010)

E os seguintes cursos de aprimoramento:

- Curso de Aprimoramento em Língua Alemã (desde 2008)
- Curso de Aprimoramento em Língua Espanhola (desde 2009)
- Curso de Aprimoramento em Língua Francesa (desde 2008)
- Curso de Aprimoramento em Língua Inglesa (desde 2010)

Escolinha de Artes Plásticas – Criada em 1978 que oferece cursos de: Desenho e Pintura; Desenho P/ Prévias; Desenho de Observação; Gravura e Maquetaria. Também

oferece 16 modalidades de esportes; Aulas de teatros e violão. Essas atividades extras são oferecidas para alunos e comunidade em geral. A escola possui um diferencial das demais escolas públicas que é a infraestrutura e uma ampla área, a escola acolhe diversos eventos concretizados pelo estado e capital.

A escola de Santa Catarina é uma escola municipal, situada em um bairro em que a maioria das moradias é de alto padrão em Joinville, essa escola atende aproximadamente 700 alunos de 1º ano das séries iniciais até ao 9º ano do Ensino Fundamental. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, em 2009, foi de 7.4 nas séries iniciais (1º ao 5º ano) e 6.6 no Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), um dos melhores índices no estado de Santa Catarina. Desde 2005 esta escola tem ficado entre as melhores do país nesse índice. Atualmente a escola oferece além das disciplinas na grade Curricular:

Aulas de Apoio aos alunos que estão com algum tipo de dificuldade na escola;

Aulas de Línguas Estrangeiras Modernas (italiano francês);

Dança na escola - balé e ginástica rítmica;

Jogos de Futebol, Handebol e Basquete;

Sala de apoio para os alunos que apresentam necessidade;

E como forma de aproximar os pais da escola, desenvolve várias atividades no ambiente escolar como: Clube das mães, Mostras de Conhecimentos, dia da família na escola, eventos culturais, etc. O Clube das mães foi criado com o objetivo de aproximar as mães da escola. Todas elas podem participar. Os encontros acontecem em dois períodos por semana em um espaço do estabelecimento de ensino para desenvolver algum tipo de atividade, bordados, pinturas, etc. No período em que as mães estão na escola, cada uma delas prepara um prato de comida, na hora do intervalo é compartilhado com os filhos na própria sala da oficina. Os produtos feitos na escola são comercializados para arrecadar verbas e investido em materiais para suas oficinas.

Toda a equipe me recebeu muito bem, pedagogos, secretaria, funcionários, professores e a direção que foi extremamente atenciosa comigo. No primeiro dia que estive na escola todos já estavam sabendo e me encaminharam para a sala da direção. Após a conversa com o gestor me foi apresentada a estrutura da escola, inclusive a direção passou nas salas e me apresentou para que os alunos soubessem quem era, bem o que estaria fazendo nos próximos dias na escola.

No dia que foi marcada a conversa com os pais já havia uma sala reservada para recebê-los sem interrupções de alunos e/ou barulhos. Na mesa tinham copos descartáveis e garrafas com água, caso precisássemos. A cada instante a pedagoga da escola comparecia e entre os intervalos de uma conversa e outra, pedia licença para constatar se estava tudo certo e se as “mães” tinham comparecido. Portanto, conseguiu-se desenvolver um ótimo trabalho, com muita tranquilidade na unidade escolar de Santa Catarina.

As casas visitadas

Na escola do Paraná houve a necessidade de visitarmos as casas dos pais para a realização das entrevistas. Já em Santa Catarina o gestor agendou para que os pais viessem até a escola. No horário marcado as mães e os filhos estavam na escola para conversar. A entrevista foi realizada individualmente em uma das salas de aulas dessa escola. Todas as mães compareceram sem atraso e receberam a pesquisadora muito bem. Após explicitar o trabalho que seria efetivado todas agradeceram o convite e parabenizaram pelo estudo, manifestando que irão aguardar o encontro para que sejam repassados os resultados. No final das entrevistas, ao sair no pátio da escola, percebeu-se que muitas mães ainda se encontravam no pátio da escola conversando com os professores, pedagogos e direção.

Desta forma, voltando a conversar com elas, sem envolver a entrevista, algumas mães relataram que a escola faz parte da vida delas como se fosse sua própria casa, uma delas ressalta: *“visitava a escola mesmo sem ser convidada, vinha várias vezes durante a semana, ficava horas aqui conversando com os professores, pedagogos e direção, é uma forma que achava de estar mais perto do meu filho na escola e ele também sabendo que estou sempre por perto não “aprontava” muito.”* (Mãe SC) A direção já havia me falado anteriormente que a “presença” das “mães” na escola ocorre também dessa maneira. *“Elas estão sempre nos apoiando quando precisamos, e ficamos mais seguros quando vemos que elas estão por perto”*, relata a direção atual. Nessa escola as entrevistas com as mães, mesmo sendo realizada no estabelecimento escolar, aconteceram normalmente.

No Paraná as visitas nas casas ocorreram em dois dias. Com a ajuda de GPS a localização foi possível, pois todos moravam muito distantes do centro de Curitiba, moravam nos bairros mais afastados. Em alguns endereços os próprios alunos vieram esperar em um ponto de referência que havíamos combinado para que pudéssemos se encontrar. Eles fizeram

questão de esperar em algum local próximo. O tempo aproximado para que esses alunos cheguem à escola é entre uma 1 (hora e meia) e (duas) horas, exceto um deles que mora no centro de Curitiba. E o tempo de duração da entrevista variou entre 30 a 50 minutos. Uma única mãe agendou a visita no horário de seu trabalho para que pudesse entrevistar todos nesses dois dias.

A recepção foi surpreendente, apesar de procurar ser breve para não atrapalhar as atividades do cotidiano, todas fizeram questão de participar da investigação com muita satisfação e tranquilidade. Os filhos acompanharam a entrevista e em alguns momentos complementavam questões sobre a escola. A colaboração dos pais tornou-se imprescindível para realizar um trabalho com mais qualidade.

3.4 DESCRIÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA

3.4.1 Os alunos entrevistados

Os alunos que participaram dessa investigação foram os que realizaram a Prova Brasil no ano de 2009. Hoje estão na 1ª série do Ensino Médio, uma das avaliações que contemplam o IDEB nessas escolas. Todos os alunos possuem entre 14 (quatorze) e 15 (quinze) anos de idade e nenhum deles reprovaram durante esse tempo de escolaridade.

Na escola do Paraná os alunos entrevistados estão na escola desde 2007, ano de início do Ensino Fundamental nessa escola. A aluna PR1 - veio de uma escola particular por opção da mãe. A mãe queria uma escola em que a filha pudesse se relacionar melhor com os colegas, porém com a mesma qualidade de ensino de uma particular. Mora em um bairro distante, leva aproximadamente uma hora e meia para chegar à escola todos os dias. Pratica futsal e representa a escola nas competições. Segundo a mãe, que matriculou os dois filhos nesta escola,

[...] no inicio eles não queriam ir, eles iam praticamente quase chorando pra escola, não queriam porque não queriam..Então no começo eu ia de ônibus com eles. Tem um colégio perto de casa, tem o colégio do meu marido, mas não, não quis. Então por isso que eu digo, acaba conhecendo um grupo de pessoas ali. Lá eles conheciam as pessoas, mas não, eu queria outro grupo de pessoas. Eu optei pelo colégio por ser um bom colégio também. E eu achei uma mudança muito, muito radical na vida dela, não só

na deles, como na nossa. A gente, vamos supor, eles estavam em uma zona de conforto. Agora tem que pegar ônibus, conhece o colégio que é grande, enorme, então assim oh, melhorou bastante a cabecinha deles. Eles falam assim: mãe lá é mais puxado que no colégio particular, entendeu? Então, eu achei assim que pra ele melhorou bastante, muito.

A aluna gosta da escola por ser um espaço grande, pelos esportes e também pelos professores, gosta da maneira como ela é dirigida e considera muito bom o estudo neste ambiente educacional. Seus pais quase nunca ajudam nas tarefas de casa, mas cobram muito dela. Não estuda muito em casa, mas a mãe não deixa tirar nota baixa.

O aluno PR2 - veio de uma escola particular porque o pai achava que não aprendia nada. Mora um bairro distante e leva duas horas de ônibus para chegar ao colégio. Pratica futsal e natação, acha a escola muito boa, gosta de estudar e ler muito. Esse ano (2010) leu aproximadamente 40 livros. *“eu gosto de ler. Minha mãe até briga, eu compro um livro em um dia no outro já quero outro, rsrsrs. Esse ano todo semana eu vinha na biblioteca, devolvia já pegava outro,* relata a aluna. Acha os professores muito bons” e ela aprende bem. Essa aluna quer estudar muito para passar na Universidade Federal e fazer medicina.

Já o aluno PR3 - veio de uma escola pública porque a mãe conhecia a escola, por ter estudado lá e sabia como era o ensino. Mora em um bairro de Curitiba e leva uma hora de ônibus para chegar à escola. Pratica handebol e participa das competições pela escola, acha o ensino nessa escola muito bom e os professores excelentes. Em casa os pais não ajudam muito nas tarefas, mas sempre estão controlando o desempenho dele na escola. Este ano leu uns 15 livros. Gosta muito de ler e estudar, contudo, em casa estuda somente quando tem provas.

O aluno PR4 – veio também de uma escola pública. Sua mãe achou que ele tinha condições de entrar na escola porque tinha notas boas e conhecia a estrutura e os professores da escola, então resolveu fazer a inscrição para participar da seleção e conseguiu. Leva aproximadamente uma hora e meia para chegar à escola e pratica handebol. Considera o ensino bem melhor do que as outras, além de gostar dos esportes, estrutura e biblioteca da escola. Enfatiza várias vezes que a escola cobra muito, estudo, respeito e disciplina.

O aluno PR5 – Com 14 anos de idade já está na primeira série do ensino médio. Veio estudar nesta escola por ter participado das atividades de esportes que a escola oferecia para a comunidade. Como já treinava ali, resolveu fazer o teste de seleção para ingressar nessa escola. Pratica handebol e mora próximo da escola. Gosta dos professores e acha a infraestrutura da escola muito boa e adora os esportes. Seus pais não ajudam nas tarefas de casa,

mas cobram. Nas horas vagas treina e não estuda em casa, somente na escola, pois presta atenção nas aulas. É um aluno que leu uns 4 livros esse ano todo.

Na escola de Santa Catarina os alunos vieram até a escola para a entrevista, uma vez que escola atende até ao 9º ano e nesse caso os alunos estão em outra escola que oferece o Ensino Médio. No entanto, a diretora organizou os horários e eles foram até a escola para a realização das entrevistas. Todos os alunos (as) entrevistados (as) nunca reprovaram, estudaram nessa unidade de ensino desde o 1º ano das séries iniciais. Tiveram que deixar a escola somente porque ela não oferece até o momento o Ensino Médio.

O Aluno SC1 – Mora perto da escola e estuda nessa escola desde a 1ª série das séries iniciais. Sua mãe também estudou nessa escola e então sabia como era a qualidade de ensino. Participava da banda que havia na escola e hoje é músico e participa de uma banda fora da escola. A aluna SC2 – Mora próximo da escola e estuda lá também desde as séries iniciais. A mãe desta aluna como do SC1 também estudou nela e gostou,

[...] eu estudei aqui. O Colégio sempre foi muito bom, pena que quando eu estudei não tinha aqui a 8ª série, era só até a 4ª série. É um dos colégios que eu vejo assim, um dos melhores, pra mim. Tanto que quando eu saí daqui era para uma escola estadual. Tanto que quando fui prestar vestibular passei em 14º e não tive problema nenhum (Mãe de SC2).

A aluna gosta de ler e estudar. Os pais cobram muito por isso ela tem que se esforçar na escola. Procura tirar sempre notas boas e quase nunca falta na escola. Já o aluno SC3 – também mora perto da escola e estudou desde as séries iniciais. Como os outros sua mãe estudou na escola e acha a escolha excelente, participava de aulas de danças, xadrez e outras atividades que a escola oferecia. Seus pais costumam acompanhá-la na escola e controlam suas notas. Gosta de ler e estudar. Em casa, estuda todos os dias depois que sai da escola, após vai fazer outra coisa, mas primeiro o “estudo” sempre conforme a aluna.

O aluno SC4 – Mora no mesmo bairro e estudou nessa escola desde as séries iniciais também como os outros alunos (as). Sua mãe sempre gostou da maneira que a escola funcionava, por isso nunca mudou. Seus pais ajudam nas tarefas e sempre estão atentos nas notas. Gosta de ler, tanto que esse ano fez a leitura de 10 livros e mais o que a professora pediu para ler em sala. Estuda em casa, mas não muito. Só quando não entendeu é que vai buscar outros livros para ajudar na compreensão.

O aluno SC5 – Mora perto da escola como os outros, estudou lá porque sua mãe já tinha estudado lá e conhecia como era o trabalho dos professores e os conhecia. Esta aluna

manifestou que gosta da maneira como os professores trabalham na sala de aula e também do fato da diretora os chamá-los pelo nome, “ela sabe de todos”. Seus pais cobram, mas a escola cobra mais “[...] *gosto de ler, sempre que possível estou lendo tudo que vem pela frente*”.

3.4.2 Os pais entrevistados

A entrevista foi realizada com as mães. Não que esse fosse um critério de seleção, mas por coincidência elas que vieram para participar da entrevista, têm entre 38 a 41 anos de idade. Quatro delas, no Paraná possuem Ensino Superior completo e uma delas cursou até a segunda série do Ensino Médio. Por morarem distante da escola a participação delas não é muito efetiva e procuram acompanhar o filho conversando com eles para saber como estão na escola, além de acompanhar as notas pelo boletim.

Mãe PR1 – 38 anos, estudou até a segunda série do Ensino Médio, trabalha o dia todo e acompanha o filho conversando muito com ele em casa,

[...] Na verdade a gente sempre está em cima, porque na idade que eles estão hoje em dia é muito perigoso. Então a gente revista mochila, cadernos, até mesmo chama na escola e a gente vai lá, então a gente sempre está em cima, quem são os amigos, principalmente porque hoje em dia está bem complicado. Não conheço todos os amigos dele porque é complicado, a gente não vai buscar na escola porque eu trabalho, meu marido trabalha. Então ele vem de ônibus, mas assim pelos nomes, daí tem o irmão dele que também já está ali junto e eu digo como são os amigos do X? Que estilo que são? Mas não tem problema nenhum com o X, mas a gente sempre está em cima. Sempre acompanhando até esse ano acho que foi um dos melhores anos dele na escola, porque ele não tirou nenhuma vermelha, sempre com nota boa. Desde a 7ª série estuda lá, mas sempre estudou em escola pública, da Prefeitura da 1ª a 4ª, nunca estudou em escola particular.

Esta mãe demonstrou que se preocupa muito com a educação dos filhos, e várias vezes fala nos cursos que a escola oferece em contra turno. “*Se não tivesse esses cursos muito não poderiam participar*”. Não conhece a direção da escola, mas conversa sempre com o filho pra saber como anda. Elogia os professores e gosta das exigências que a escola faz em relação às leituras na escola e em casa. Quase não participa da escola, apenas das reuniões quando é chamada e para pegar o boletim. Considera que a conversa é melhor e que não fica exigindo o tempo todo do filho para ele estudar, ele tem que saber das responsabilidades dele.

A mãe PR2 – 41 anos, é formada em Pedagogia. No momento não está trabalhando. Acompanha a filha nas lições de casa e procura saber quem são os amigos dela. Não participa efetivamente na escola, mas costuma ir às reuniões já que mora longe. Elogia a escola pela segurança e pela qualidade de ensino. Esta mãe cobra muita leitura da filha e acompanha diariamente o que ela fez na escola conversando com ela. *“Acho que os pais devem acompanhar mais o filho, não deixar tudo estourar pra depois cobrar, quando não tem mais solução”*.

Já a Mãe PR3 – 41 anos, é graduada em Enfermagem, atualmente é mestranda em enfermagem e trabalha como professora na Universidade Federal do Paraná. Considera a escola muito boa e com qualidade de ensino. Acompanha o filho, mas não a frequenta permanentemente, porque não tem tempo e porque o filho sempre foi muito bem na escola. Entretanto, considera a participação dos pais essencial para que os alunos (as) se destaquem. Ela diz *“que o sucesso da escola está ligado diretamente a cobrança que há com os alunos”*, neste sentido,

Eu acho que a própria cobrança mesmo e a metodologia deles de ensino. Não sei te dizer comparativo se é diferenciado de outros colégios, mas eu vejo que todos os trabalhos deles que tem ser dentro das normas da ABNT. Então desde a 7ª série eu ensino ele como colocar os trabalhos na ABNT [...] Existe uma cobrança maior, as leituras também.

Ainda, complementa dizendo que: *“Querida que os pais observassem mais o comportamento dos filhos, fossem um pouco mais presentes”*. A mãe PR4- 40 anos, também é graduada em enfermagem. Trabalha o dia todo e os filhos ficam em casa sozinhos. Desde muito cedo acompanha os filhos na escola e cobra muita responsabilidade deles, bem como procura ensinar os filhos as “regras” e “valores” para que não sofram na vida. A mãe destaca que o professor está na escola para ensinar. Não costuma ir à escola porque não tem tempo e salienta,

[...] Eu não tenho tempo para isso, acho que compete a quem, ao pai que tem, não tem um trabalho, as mães que são donas de casa essas coisas, agora pra quem trabalha não dá. Tem pessoas para isso, existem agora eu, não sirvo pra isso. agora eu falo isso pra você tá indo mal tem algum problema eu vou lá e resolvo, entende?

Esta mãe considera, também que a gestão de uma escola deve ser de pessoas competentes e não somente eleger alguém porque é admirada como pessoa. A mãe PR5 – tem 40 anos, é graduada em Psicologia e acompanha o filho na escola quase diariamente. Não vai muita na escola, porém liga pra saber como anda o desempenho do filho. Cobra se o filho está estudando em casa e coloca regras para ele respeitar também em casa. Quanto a gestão escolar acha fundamental para o bom andamento escolar.

Na escola de Santa Catarina, as mães vieram até a escola para participar da pesquisa. Convidadas pela direção da escola vieram juntas com seus filhos. Lembrando que esses alunos não estudam mais na escola, portanto, vieram apenas para colaborar com a investigação e porque, segundo a direção da escola, sempre foi assim a participação dos pais na escola. Estão sempre presentes, independente do que for realizado. Nessa escola me surpreendeu a participação dos pais nas atividades, assim segundo a direção atual,

[...] eles não se preocupam em gastar com os filhos, como em outras escolas que os pais acham que a escola tem que dar tudo, aqui não, se eles acharem que é preciso pode-se contar com a ajuda deles seja financeira ou não. Vamos colocar climatização agora nas salas com o dinheiro dos pais, porque eles acham que os filhos precisam.

Nesta perspectiva, percebeu-se no decorrer da pesquisa que os pais estão bem presentes na escola e acompanham o desempenho de seus filhos. Mesmo morando perto da escola os pais levam seus filhos até a escola todos os dias. Esses alunos não precisam pegar ônibus. Nesse tempo que fiquei na escola para as entrevista percebi que muitos pais entram na escola e deixam os filhos na porta da sala e ainda cumprimentam e conversam com os colegas de seu filho, professor e direção. É importante destacar que a grande maioria dos pais dessa escola tem nível superior.

A mãe SC1 tem 38 anos e é graduada em economia, trabalha fora o dia todo, acompanha os estudos do filho. Uma vez por semana revista a mochila para verificar o que há nela e os cadernos também. Estudou na mesma escola que o filho e admira o trabalho desenvolvido naquela escola. Acha que é muito boa, que todos se preocupam com os alunos e estão sempre ligando para os pais ou chamando na escola para falar sobre seus desempenhos. Participa da Associação de Pais e leva muita sugestão para que a escola melhore. Acha que a diretora faz um bom trabalho com os alunos, professores e toda a equipe. E ressalta que a

presença dos pais naquela escola é muito mais freqüente que em outras escolas que ela conhece, acha isso muito importante.

A mãe de SC2 tem 43 anos, é formada em economia, no momento não está trabalhando. Cobra muita leitura do filho e está verificando os cadernos constantemente. Como mora perto da escola está quase todos os dias lá. Considera a parte pedagógica bem estrutura e gosta da escola e de todos que trabalham ali. Fica tranqüila em saber que o filho está nesta escola. Entretanto, lamenta pela escola ter deixado de oferecer alguns projetos que tinha antes, por falta de espaço físico, mas espera que volte, pois considera super importante as atividades extraclases. Acha importante a participação dos pais e diz que ali todos se conhecem e que podem conversar chamando tanto os pais como os alunos pelo nome e isso é muito bom.

Já a mãe SC3 – 42 anos, é graduada em pedagogia. É professora e acompanha o filho na escola sempre. Acha muito bom a maneira como a escola é administrada, pois todos têm vez e voz, tanto pais, como alunos, professores e comunidade. Gosta que o colégio exija regras, limites e estudo dos alunos, por isso ela está sempre junto com a escola para ajudar no que for preciso, Mas cobra também da escola quando vê alguma coisa errada. E a escola sempre está ligando quando tem algum problema. “[...] *A escola tem esse costume de chamar o pai e avisar, seu filho não está indo muito bem, vamos arrumar um reforça, cobrar mais as tarefas...*”. Desta forma, ainda, comenta que gosta dos professores e acha eles muito competentes e exigentes, considerando essa parte muito importante para a escola. Mesmo na outra escola, não gosta que o filho falte sem motivo. Exige muita leitura e estudo do dele.

A mãe SC4 – 43 anos, no momento não está trabalhando e estudou nessa escola também. Destaca que é muito boa pelo fato de todos se conhecerem ali, pois boa parte dos pais também estudou nela e sabem como é a maneira de ensinar e as exigências da escola. Faz parte do clube das mães e fala que nesses encontros sempre surgem idéias novas para a escola. Esta mãe pondera que é importante a presença dos pais na escola porque os filhos ficam quatro horas ali e os pais precisam saber quem são os amigos e o que fazem. Acha que o filho não teve nenhum problema em ir para outra escola depois que saiu dali, “*ele saiu daqui e foi para uma escola particular e ele se saiu muito bem lá*”.

A mãe SC5 tem 39 anos, graduada e trabalha fora, cobra muito estudo do filho e recomenda essa escola para todos. Os professores, a direção e toda a equipe ela menciona de qualidade. Fala que tem coisa para mudar, mas que aos poucos acredita que tudo será

melhorado. O filho saiu, porém ficou a filha. Gosta da maneira que a escola cobra dos alunos e o respeito que todos têm ali. *“ninguém é mais que o outro aqui nessa escola”*. Comenta que os professores sempre estão em busca de cursos para melhorar as aulas e que isso é bom. E não há muita rotatividade de professores, sempre são os mesmos professores e isso ajuda no bom andamento das aulas.

3.4.3 Os professores entrevistados

Na escola do Paraná, todos os professores entrevistados possuem graduação e especialização. A maioria dos professores que está atuando na escola é efetivo. Dos participantes da pesquisa apenas um era contratado temporariamente pela “SEED”, porém, esse trabalha na escola desde 2007, os demais todos eram efetivos e todos os cinco lecionam para os alunos nas séries finais do Fundamental e Ensino Médio.

O professor PR1 possui graduação em Letras, Administração e Comércio Exterior, especializado em Comércio Exterior e atua como professor há 12 anos, está nessa escola há 10 anos. Percebe-se durante a entrevista que ele tem orgulho de ser professor nessa unidade de ensino. O professor PR2 possui graduação em Ciências Biológicas, atua como professor há 13 anos e trabalha também em um Colégio Militar. A professora PR3 é graduada em Educação Física, atua como professor há quatro anos nessa mesma escola e foi aluna dessa escola. Já o professor PR4 é graduado em História e especializado em Educação Especial, professor há quatro anos naquela escola e trabalha em uma particular também. Foi aluno nesse estabelecimento de ensino. A professora PR5 é graduada em Geografia com especialização em Educação Ambiental. Também foi aluna dessa escola e atua como professora há quatro anos no Ensino Médio e Fundamental.

Na escola de Santa Catarina todos os professores são graduados, alguns possuem mais que uma graduação e outros são especializados. Todos que foram entrevistados atuam como professor ou professora a mais de 16 anos naquela mesma escola. Todos são efetivos na escola. O gestor considera que a permanência deles faz uma grande diferença para a qualidade de ensino. Eles acabam se vinculando ao aluno e isso é muito importante.

O professor SC1 possui graduação em Letras (Português e Inglês) e graduação em Filosofia. Atua como professor há 23 anos e está nessa escola há 16 anos nas séries finais do Fundamental e Ensino Médio. Já a professora SC2 é graduada em matemática e

especialização em Interdisciplinaridade. È professora há 25 anos e atua na mesma escola há 16 anos. O professor SC3 é graduado em Letras e atua como professor há 22 anos na escola. Já professor SC4 tem graduação e especialização em séries iniciais e atua como professor há 16 anos e está naquela escola há 12. E o professor SC5 tem graduação e especialização em séries iniciais. Atua como professor naquela escola há 20 anos e já trabalhou em outras escolas também. Segundo o depoimento do gestor, todos esses professores são muito comprometidos com a escola, dificilmente faltam e estão sempre buscando melhor e participar de cursos para se qualificarem.

3.4.4 Os gestores

Com relação ao perfil dos gestores que fizeram parte da pesquisa, o gestor da escola de Santa Catarina atua no magistério há 34 anos e nessa escola está há 24 anos. Já atuou na parte pedagógica, na supervisão, na secretaria, também como professor e atualmente na direção. Possui graduação em Administração Escolar e especialização em Psicopedagogia. O gestor da escola do Paraná atuou com gestor 3 (três) anos e meio na escola. Possui graduação em Pedagogia e é mestre na Área de Educação pela Universidade Federal do Paraná. É professor Universitário e ministra palestras nessa área.

3.5 TRATAMENTO DOS DADOS: ANÁLISE DE CONTEÚDO

Após a realização das entrevistas semi-estruturadas⁶, individuais e gravadas, e nos nortearam para o desenvolvimento dessa pesquisa, foi realizada a análise de conteúdo. Segundo Lakatos & Marconi (1999) a análise de conteúdo permite a descrição sistemática, objetiva e qualitativa do conteúdo da comunicação. Ciente disso, no momento seguinte houve a organização do material, foram ouvidas as entrevistas gravadas e transcritas para se conhecer o texto. Posteriormente investiu-se em releituras atentamente das mesmas buscando dizer “não” à leitura simples do real, para enriquecer e explorar os dados coletados e identificar as categorias que emergiram da investigação. Chizzotti (2006, p. 98) afirma que “o objetivo da análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas”. No levantamento foram evidenciadas as palavras ou expressões mais significativas durante a pesquisa. Após

esse levantamento e a cautelosa análise, foi feita a descrição procurando manter um distanciamento do contexto investigado a fim de uma melhor compreensão dos depoimentos e ao mesmo tempo buscando uma aproximação para interagir com as análises. Bardin (2006) considera que esse momento é da intuição, da análise reflexiva e crítica para tentar afastar os perigos da compreensão espontânea, dizer não “a ilusão da transparência”. Feito isso procuramos acrescentar algo novo das pesquisas já realizadas, ao mesmo tempo, buscou-se estabelecer conexões com elas, com a fundamentação teórica e os achados desta investigação. André (2005, p. 56) nos diz que “A categorização por si só não esgota a análise. É preciso que o pesquisador vá além, ultrapasse a mera descrição, buscando realmente acrescentar algo ao que já se conhece sobre o assunto”.

Neste sentido, se apresentará os destaques destas entrevistas realizadas, o que foi mais expressivo para dar conta do objeto de estudo procurando analisar os fatores que contribuíram para o “sucesso” escolar dessas duas escolas. Ao mesmo tempo foram identificados outros elementos fundamentais para aprofundar posteriormente, como: seleção de alunos e professores nas escolas públicas, permanência do professor na escola, permanência do aluno na mesma escola, a “participação das mães” na escola, entre outros que se destacam nessa pesquisa.

4. OS POSSÍVEIS DETERMINANTES DO ELEVADO IDEB APRESENTADO POR ESSAS DUAS ESCOLAS PÚBLICAS.

As dimensões identificadas nesta investigação tiveram como objetivo analisar os fatores que contribuíram para que estas duas escolas chegassem ao “sucesso” escolar. Para tanto, se buscou as escolas que tiveram o maior índice no IDEB em 2009, avaliação realizada a cada dois anos. O critério de escolha destas duas escolas de dois estados se deu no sentido de investigar se há algo entre eles que influencia a administração de uma escola pública, sejam os recursos financeiros ou outros aspectos que aparecem posteriormente na análise dos dados. Neste estudo escolheu-se entrevistar os principais envolvidos no contexto escolar (como gestores, professores, alunos e pais) com a finalidade de contribuir de forma fidedigna para os resultados apontados nesta investigação.

Para nortear este estudo foram realizadas entrevistas com perguntas semi-estruturadas. Portanto, considera-se que durante todas as entrevistas nas duas escolas, nas casas e no trabalho a maioria das falas apresentou um conjunto de elementos como influência deste “sucesso”. Quando perguntamos o que consideravam mais relevante para esse “sucesso” escolar ouvimos que além de outros fatores de extrema importância, em unanimidade comentaram o trabalho do gestor, do professor e dos demais envolvidos na escola, como pedagogos, pais e comunidade em geral. Conforme eles estes são de suma importância para o bom rendimento escolar dos alunos. O que a escola oferece como infraestrutura é importante, mas ainda é a responsabilidade dos profissionais que atuam na escola o mais fundamental. Segundo o relato de um dos professores do Paraná,

[...] não tem como nós quereremos fazer um trabalho de qualidade se não teremos um apoio pedagógico para isso, e depois vem cobrança por isso, nada adianta o estado oferecer muitas oportunidades para os alunos na escola se o diretor não vai atrás dos programas oferecido, nada adianta sermos “bons” professores em sala se os alunos não querem aprender e os pais não os acompanha na escola, e nada é feito para que isso melhore, e assim vai... Percebo que falta vontade de todos, é preciso uma formação melhor, tem profissionais que tem grandes idéias, porém, não pratica, só fala, ou as vezes fazem mas não dá resultado nenhum só atrapalha o andamento das atividades, isso não adianta...

Em outra escola ouvimos o seguinte:

[...] na nossa escola nós podemos trabalhar sem pressão, sem ser vigiado, eles cobram nossos planos e tudo, mas não tem aquela coisa da direção ficar em cima da gente sempre, nós temos muita liberdade para trabalhar com nossos alunos em sala de aula. E sempre estamos sendo apoiados pela direção, pedagogos. Eles nos motivam para estar em sala de aula e fazer um trabalho com qualidade, creio que somos privilegiados por isso, já trabalhei em escolas que não tinha esse apoio, ninguém ajudava e depois ainda queriam cobrar do professor um trabalho melhor na escola.

Nessas duas conversas percebemos que os professores demonstram que o apoio pedagógico é importante para realizar um trabalho melhor em sala de aula. Para tanto, a necessidade de mudanças e o aperfeiçoamento profissional no sentido de desempenhar suas funções na escola de maneira efetiva fazem com que todos na escola enfrentem grandes desafios diante das práticas de trabalho e se mobilizem para um único objetivo. Supõe-se que as melhorias na maneira de administrar, nova mentalidade e ações concretas auxiliam no processo de ensino e aprendizagem do aluno. Luck (2000), diz que essa formação é plena não apenas mediante uma nova mentalidade e atitudes; ela necessita, para sua expressão, de conhecimentos e habilidades que tornam as pessoas capazes de agirem com proficiência. De nada vale as boas ideias sem que sejam traduzidas em ações competentes e consequentes.

Os dois gestores destas escolas acreditam que além da direção executar um trabalho com competência e habilidade, sozinhas não conseguem “sucesso”. A parceria entre todos (as) na escola é fundamental para a realização de uma administração e educação escolar de qualidade para se chegar a esse índice que todos esperam nas escolas. Entretanto, eles reconhecem a pouca participação dos envolvidos nas ações da escola, principalmente em uma das escolas que foi desenvolvida a pesquisa.

Os alunos, além dos elementos que veremos a seguir, destacaram a direção, elevaram os professores, os pais e eles próprios. Em uma das escolas percebeu-se a insatisfação dos professores em ter que “aceitar” as formas de administração escolar da época. Entretanto, mesmo estando insatisfeitos com algumas ações, procuravam exercer o trabalho com o máximo de qualidade possível em sala de aula, pois consideravam os alunos “bons” e apostavam neles. No entanto, identificou-se que a gestão, o professor, o aluno e a família foram referenciados como uma influência muito grande no “sucesso” escolar dessas duas escolas, nas ações, na valorização e no comprometimento. Contudo, outros fatores também importantes ganham destaque especial para que essas escolas públicas fossem “bem

sucedidas” nas avaliações externas aplicadas pelo MEC a cada dois anos. Estes fatores chamaremos de “extra-escolares” e “intra-escolares”, discutidos a seguir.

4.1 FATORES EXTRA- ESCOLARES:

4.1.1 A escola como referência para o “sucesso” no Ideb

Durante a investigação e a realidade que vivenciam os pais dos alunos destas duas escolas analisadas percebemos a constante preocupação deles em matricular o filho em uma escola que fosse referência no processo de ensino aprendizagem. Todas as mães falaram que os filhos estavam estudando nessas escolas por conta de tudo que a escola oferecia, por ser uma referência na cidade, ser de excelente qualidade no ensino, professores qualificados, boa estrutura, etc. Uma mãe entrevistada no Paraná, destaca e diz, *“antes de fazer a matrícula do meu filho nas escolas, procurei a melhor, porque há muitas escolas públicas que não oferecem tudo que essa oferece, e meu filho quer estudar para passar em um vestibular e aqui os alunos vêm pra estudar não como em outras que só pensam em brincar”*. Por outro lado a mãe da escola de Santa Catarina menciona que conhece a escola deste o tempo que estudou lá, os professores, os diretores e os pedagogos, fala que fazem um trabalho legal *“ E depois , ela é a melhor daqui da cidade. Os alunos entram bem pequenos e só saem para ir fazer o ensino médio em outra escola, nossa, isso é muito bom, eu acho”*. Souza e Silva (2003, p. 123) argumentam sobre uma escola de referência,

A qualificação se sustentava, dentre outras variáveis, na experiência e formação dos professores, na preservação e funcionamento das instalações, no compromisso de determinados grupos da Unidade escolar com a manutenção da tradição da instituição e, não menos importante, em função da possibilidade de selecionar, dentre um universo ampliado de candidatos ao ingresso, alunos mais preparados. Assim, a manutenção da qualidade se alimentava da distinção, historicamente conquistada por aquela unidade específica de ensino.

Estes pais procuravam uma escola que apresentassem essas características para matricular seus filhos. Os pais consideram essas escolas exigentes em relação ao aprendizado dos alunos, fato que nota-se por meio de um depoimento de um pai da escola do Paraná, *“ali*

fica quem quer estudar, senão desiste, não dá conta. Não é qualquer aluno que estuda nessa escola. Vejo o que a minha filha trás tudo pra fazer em casa e quantas horas ela precisa estudar para fazer e tirar notas boas nas provas. Ali, tanto a diretora, como os professores, todos cobram muito.” Outra declaração de uma mãe da escola de Santa Catarina é semelhante a deste pai “ *Aqui, como eles vêm desde criança já, é difícil sair para estudar em outra escola, nossa muito difícil. A maioria fica aqui desde os primeiros anos na escola. Por isso não dá pra qualquer um que queria estudar aqui entrar, porque as vagas ficam preenchidas já no início do ano, e eles ensinam mesmo”.*

Nestas duas falas percebemos também que os pais escolheram essa escola por conta da seleção dos alunos que estarão matriculados ali. Nesta unidade escolar estão inseridos alunos de classe média alta, alunos que se destacaram no domínio de conhecimento, nas notas, e diante do que observamos famílias com um capital cultural elevado. Sobre isso os autores, já trabalhados no corpo teórico deste estudo, como Charlot (2000), Lahire (2008), Patto (1996), Arroyo (2000), nos esclarecem o “fracasso e sucesso” escolar dos alunos pertencentes as classes populares. Charlot (2000) explica que o fracasso escolar é compreendido como uma experiência que o aluno vive e interpreta o qual pode se transformar em objeto de estudo. Para o autor, não se pode afirmar que o fracasso escolar está somente relacionado com as classes sociais dos alunos, mas deve-se estudar o fracasso na relação com o saber e a escola. Embora isso ocorra em maior número com alunos pertencentes às classes populares, mas há casos de alunos provenientes dessas classes e que são brilhantes na escola, nesse caso deveria buscar a história desses alunos, esclarece o autor. Lahire (2008), em sua pesquisa realizada com 26 alunos sobre o “sucesso e fracasso” escolar dos alunos de classes populares, afirma também que não se pode entender o “sucesso” escolar do aluno como “reprodução necessária e direta”, econômica e cultural familiares da situação social. Ele acredita que a família é importante para o bom desempenho do aluno, mas, não só “ela” como a escola e outras instituições influencia para o bom rendimento. Logo Patto (1996) aponta três dificuldades para o fracasso escolar para os alunos provenientes da classe popular: a) as condições de vida, a falta de formas adequadas para a escola saber lidar com esse aluno e a falta de sensibilidade e de conhecimento da realidade de vida dos alunos [...] *Os professores não entendem ou discriminam seus alunos de classe baixa por terem pouca sensibilidade e grande falta de conhecimento a respeito dos padrões culturais dos alunos pobres, em função de sua condição de classe média*”. Arroyo (2000) diz que nas últimas décadas formou-se uma “ indústria de

reprovação”, tanto nas escolas públicas como nas privadas. Ele acredita que existe uma valorização dos profissionais se das instituições que optam por “selecionar cobras” e eliminar os “medíocres”. Nesse caso, precisaria rever o sistema de ensino, pois a “ a cultura de exclusão” vem favorecendo o fracasso escolar.

Diferentemente nestas escolas os alunos de “ sucesso” pertencem a classe média/alta e os pais possuem ensino superior, podendo contribuir de forma mais significativa para o desempenho dos alunos na escola.

No Paraná, a direção procura responsabilizar os pais com os compromissos da escola logo ao matricularem o filho. Nota-se que os pais se preocupam em preservar a vaga do filho na escola, para tanto, assumem as responsabilidades já no início do ano em acompanhar seu o desempenho escolar. Caso, não se apresente um bom rendimento, este aluno poderá perder o acesso na escola e será transferido para outra instituição de ensino. Para que isso não aconteça os alunos se comprometem mais e os pais acompanham os filhos em casa. Mas acredita-se que de certa forma o status social do filho em frequentar uma escola de alto padrão diante da sociedade, faz com que os pais passem a exigir ainda mais responsabilidade dos filhos na escola. Segundo o relato da direção,

[...] essa escola é uma escola de opção, o estado tem que garantir a vaga perto da residência, então nós sempre falamos, pais se vocês fizeram a opção por essa escola, então vocês têm organizar a vida de vocês para cumprir as regras dessa escola. E nós cobramos dos pais para que eles cobrem dos filhos atitudes melhores, comportamento adequado na escola, porque os professores querem ensinar aqui e não podem ficar cobrando essas coisas que eles tem que vir de casa, entende?

A esse respeito, uma das professoras da escola analisada complementa,

[...] Aqui não temos tanto problema como nas outras escolas que eu trabalhava antes e que era publica, Nossa!!! Os alunos não traziam nada de educação pra escola. Aqui eles sabem que se não se comportarem direito, saírem das regras, eles não ficam aqui. Então eles cuidam com isso é melhor pra nós na sala de aula porque podemos ensinar [...].

A escola de Santa Catarina se situa em um bairro bastante prestigiado da cidade, as ruas e as casas explicam muito o poder aquisitivo dos moradores daquela região, um padrão acima da média. Os alunos que ali estão matriculados pertencem a escola desde o 1^a ano das

séries iniciais até ao 9º ano do Ensino Fundamental. A direção considera que esses alunos não frequentaram outra escola, não vieram com “hábitos” diferentes do que a escola busca desenvolver ali. Nesta perspectiva, Lahire (2002) coloca que os homens são plurais, que constituem um estoque de conhecimento que estarão disponíveis no momento. E esses diversos repertórios podem modificar o contexto social. O autor considera que as experiências passadas estão presentes em nossos esquemas de ações,

A ação é sempre o ponto de encontro das experiências passadas individuais que foram incorporadas sob forma de esquema de ação, (esquemas sensórios motores, esquema de percepção, de avaliação, de apreciação, etc.) de hábitos de maneiras (de ver, de sentir, de dizer e de fazer) e de uma situação social presente (LAHIRE, 2002, p. 69).

Refletindo sobre as experiências vividas pelos alunos em outras escolas, estes chegam na escola, no caso de Santa Catarina, com as experiências do cotidiano familiar e do meio, entretanto, alguns hábitos são adquiridos na própria escola, como experiências de sala de aula, das práticas, dos comportamentos, das responsabilidades escolares. Já no Paraná os alunos chegam com alguns hábitos de outras escolas, todavia, se não ocorrer um comportamento adequado estes perdem a vaga, também há certa punição no sentido de controlar e obter disciplina em sala de aula. Com base nos depoimentos, destaca-se que esse foi um fator importante para o desempenho escolar desses alunos na escola. No entanto, não sabemos como seria o desempenho destes alunos de “sucesso” em outras escolas e com outro perfil se não houvesse esse controle.

Paixão (2007. p. 2), em seus estudos percebeu que alguns professores demonstraram insatisfação diante da situação que enfrentam na sala de aula. Eles esperam que os pais façam a parte deles em casa que é a “educação”. Consideram que a função deles é “ensinar” também, e isso ocorre tanto com as crianças das classes populares como das classes médias. Três professores entrevistadas no Paraná ressaltam também, as escolas públicas estaduais que recebem todas as crianças, seja das classes populares ou não, esse procedimento de exigir que os pais “eduquem” para que os filhos consigam chegar à escola para aprender os conteúdos propostos e necessários, não acontece.

Os alunos, nestas escolas não perdem a vaga por que foram indisciplinados, muitas vezes são transferidos várias vezes durante o ano para outras escolas devido às mudanças de

moradia dos pais na própria cidade ou não, transportes, distância da moradia, entre outros motivos. Um dos professores entrevistados, diz que precisam fazer incorporar dois papéis na escola, dos pais e dos professores, também “educar e ensinar”. Apesar destas insatisfações, durante a entrevista, percebeu-se contrariamente o orgulho dos professores e da direção em trabalhar nestas escolas. A direção (PR) declara,

[...] O sonho dos pais é assim: Se meu filho passar por aqui, ele já tem garantia de 70% de sucesso na vida. Então é isso o nome, o que ofertamos, esportes, professores, laboratórios, etc. O Colégio foi criado e pensado em atender a elite do estado do Paraná, ele é considerado o mais antigo do Paraná, até tem outras escolas da mesma época, mas não atingiram o status que essa escola conseguiu. O estado estava nascendo naquela época, então foi pensado em atender o povo paranaense que vai governar o Paraná [...].

Essa fala nos leva à questionamentos, pontos que ressaltam uma vez que nem sempre a realidade funciona assim, já que deve-se ponderar em que sentido que existe esta garantia de 70% ? Seriam das notas? Status? Aprendizagem? O Colégio foi criado para atender a “elite”? Qual concepção de elite que a direção está se referindo? Assim, se observa em depoimento de um dos professores desta mesma escola que complementa,

[...] Do grupo de teatro que estudaram aqui nós temos grandes artistas hoje na televisão, no teatro, né. Por exemplo, o Ary Fontoura que é um grande ator da Globo, a Leticia Sabatella, o Edson Capri, que foram alunos do colégio[...]. [...] e fora as personalidades que estudaram aqui, o Janio Quadros, Jaime Lerner, porque o colégio é centenário, ele é de 1846, então muitas pessoas importantes passaram por aqui, É muito bom trabalhar aqui, somos mais valorizados do que em outras escolas. Ter no currículo que trabalhamos aqui é como se fosse uma Universidade. Não é qualquer professor pra entrar aqui não.

Ao conversar com os pais e alunos também percebemos que eles se sentem-se valorizados socialmente por fazer parte dessa escola. Uma das mães declara,

Pra nós é um orgulho saber que minha filha está matriculada nessa escola, gosto da escola, tem mais segurança, não diria uma segurança total, mas a gente tem um pouco mais de segurança e o ensino também, né? Já acompanhei alunos que eram do Colégio [...] e que conseguiram passar no vestibular e irem para Universidade então tem essa cobrança maior.

O depoimento de um aluno também é expressivo, pois resulta num diferencial de escola quando diz “ *Aqui é bem diferente, tem esporte, é maior, os professores são muito bons. Eu gosto muito daqui, sei que muitos querem estar aqui ,mas não conseguem*”. Na escola de Santa Catarina não foi distinta a opinião, por exemplo, a direção menciona características da escola que contribui para um sentimento de orgulho: “*Nos sentimos honrados com o resultado, porque preparamos os alunos desde as séries iniciais, o resultado do nosso trabalho está nesse sucesso. Procuramos trabalhar com qualidade no que fazemos, seja na administração ou na sala de aula. Estamos sempre juntos, professores, alunos, pais*”. Neste aspecto, Libâneo (2005) afirma que para uma escola de “sucesso” não perder o brilho e o sincronismo precisa ser bem organizada e administrada, os alunos devem se sentir envolvidos nas atividades escolares. Este envolvimento é registrado nos depoimentos a seguir de duas mães da escola de SC,

Essa escola é muito boa. Além de ser bem próxima da minha casa, ela é considerada uma das melhores da rede, né? Não posso assim reclamar de modo geral. Gosto da escola, gosto do trabalho, acho que eles tão com parte pedagógica bem estruturada.

É um dos colégios que eu vejo assim, um dos melhores, pra mim. Eu estudei aqui também. Tanto que quando eu saí daqui era para uma escola estadual. Tanto que quando fui prestar vestibular passei em 14º e não tive problema nenhum

Da mesma forma, um dos professores mostra seu sentimento pela escola nesta fala,

[...] Olha eu amo essa escola. Amo esta escola porque é uma escola comprometida, não somente com aquilo que o ensino fundamental pede, arroz e feijão. Já diz uma casa quando você constrói o fundamento você não espera grandes toques arquitetônicos, você espera o que? Solidez. Porque dependendo do fundamento você vai poder fazer uma construção que realmente vai vencer as intempéries do tempo e outras coisas mais. Então a nossa escola foca nisso.

Através dessas falas é possível entender o porquê da preocupação com o nível de seleção dos alunos matriculados e de todos os profissionais que atuam nessas unidades escolares. Isso faz-se necessário, na opinião da direção (PR), para manter seu status diante da sociedade, “*caso não nos preocupássemos com o perfil dos alunos que estão aqui matriculados e dos professores, não seríamos tão valorizados*”, confirma a direção. Diante

deste depoimento podemos considerar que a seleção dos alunos e dos profissionais que atuam nesta escola é um determinante importantes para o “sucesso” no índice escolar.. Nesse sentido, pode-se dizer que a imagem da escola, o nome, seu status social, fazem os pais optem por matricular seus filhos nestas escolas.

E para garantir a permanência deles os pais fazem um acompanhamento mais rigoroso em relação ao desempenho do filho, facilitando, assim, o trabalho pedagógico e o processo de ensino e aprendizagem nestas duas escolas. Porém, percebemos que os pais apenas acompanham o desempenho de seus filhos na escola, mas não participam ativamente das ações escolares ou sugerem melhorias para o ensino e aprendizagem. Mesmo assim, é notório que o acompanhamento, ajuda a escola em relação a indisciplina, notas melhores, etc, questiona-se então, até que ponto esse tipo de acompanhamento dos pais é importante para a vida escolar do filho? E os pais em várias escolas públicas, estadual e municipal, que não acompanham os filhos e nem se envolvem nas ações escolares? E as escolas que não possuem estrutura adequada, a transferência de alunos é constante e não se garante a permanência deles em uma única escola. Da mesma forma, são alunos que chegam, muitas vezes, na escola com ausência cultural familiar fragilizada, as notas dos alunos nem sempre, mas as vezes são as melhores, alunos que chegam com fome, sem os materiais necessários para estudar, entre outros fatores que são importantes para se atingir um bom desempenho. Nesta perspectiva, Charlot (2000) nos ajuda a compreender melhor quando diz que há alunos provenientes das classes populares que são brilhantes em sala de aula, mas entende também que *“há uma postura diferente frente à escola entre as crianças de classes médias e de meios populares”*. E isso, segundo o autor tem um *“peso importante”*.

4.1.2 Os alunos selecionados para o “sucesso” nessas escolas.

Na escola do Paraná, a seleção de alunos é uma medida adotada pela escola. Segundo o que comenta a direção o colégio se situa no que é chamado de regime especial. Ele (colégio) goza de certa autonomia orçamentária (portanto, financeira), pedagógica e administrativa. *“Isso significa que podemos selecionar a alunos sim, desde que seja uma decisão de todos aqui, professores, pedagogos. há muitos interessados para poucas vagas”*. Nesse caso, para o aluno ingressar na escola ele passa por uma análise de currículo. Conforme a diretora é um teste instituído por conta da história de qualidade que a escola tem, por isso

ela diz que tem-se selecionar os alunos que estarão na escola, assim como os professores. Os critérios para ingressar nessa escola do Paraná são o seguinte: primeiro é a idade e depois os alunos passam por uma avaliação de currículo.

Na escola de Santa Catarina, não há seleção de alunos, mas eles entram no 1º ano do Ensino Fundamental e permanecem até o 9º ano, séries finais. Como a escola não oferece o Ensino Médio, os alunos procuram outras escolas para se matricular. De certa forma, há também uma seleção dos alunos nessa escola de Santa Catarina, pois a permanência deles na escola contribui bastante para o desempenho do aluno e da escola, diz um professor de Santa Catarina,

[...] E os alunos são bons aqui, conhecemos eles desde que chegaram aqui na escola. Sabemos quando eles estão até com uma dor e eles não chegam a falar [...] Eles são bem comportados, educados, não temos sérios problemas com isso nessa escola. Já trabalhei em outras, bem antes daqui e olha... foi difícil ensinar, cada dia um aluno diferente na sala de aula.. Aqui não, são sempre os mesmo, eles aprendem bem, tanto é que somos uma das escolas destaques no IDEB, já faz alguns anos.

Portanto, pode-se dizer que tanto a seleção de alunos como a permanência deles em sala de aula é outro componente relevante para esse “sucesso” escolar. Além disso, notamos que muitos alunos, tanto da escola do Paraná, como de Santa Catarina, procuram obter um bom desempenho porque há uma cobrança por parte dos pais e da escola. No caso do Paraná se não houver comprometimento perderá a vaga na escola que é referência no estado, e em Santa Catarina os alunos criaram uma espécie de “raiz” com a escola, onde buscam permanecer ali por conta da aproximação da escola com a família.

Percebemos que os pais dos alunos da escola do Paraná são super preocupados com relação às notas dos filhos, pois alguns alunos estão com as notas aquém do esperado. Contudo, mesmo assim acreditam que a aprendizagem é melhor do que nas outras escolas que estudavam anteriormente, mas as notas ficaram fragilizadas. Uma mãe confirma esta preocupação,

[...] Ali não, ali é diferente, eles têm que fazer. Diminuiu as notas, diminuiu, hoje se eles fossem pra entrar em uma escola por notas eles não iam passar. Para entrar nessa escola é de 9, 9,5 a 10,0 !!! Só que depois que eles tão lá dentro, as notas abaixaram, porque a particular assim, ah meu filho, vou passar o seu filho, não sei o que... vou aceitar qualquer trabalho, não são

boas escolas? Eu senti isso, então, quer dizer, ainda está no oba, oba.. Hoje não, hoje eles têm que trabalhar...

Diante disso e de outros relatos similares a esse, perguntamos se essa pressão dos pais em relação as notas dos filhos, disciplina na escola para garantir a vaga entre outras cobranças que a escola exige, não acaba prejudicando os alunos de maneira que eles estudem tensos, preocupados em atingir a média e deixem de lado a originalidade? E a participação efetiva desses alunos na escola? Não encontramos algo que a escola realiza para os alunos participarem com suas opiniões, sugestões, reclamações. Isso não seria uma de forma de moldurar os alunos nessa escola? Em Santa Catarina, os pais consideram que as notas sempre foram boas, desde quando entraram na escola, mas estão sempre controlando as notas que tiram nas avaliações, uma mãe declara,

[...] é muito raro vir uma reclamação pra mim que as notas estão baixas, mas eles levam ali [...] Por exemplo, se o meu filho tira mais que duas notas baixas eles ligam para mim. Daí já sabe, eles ficam só estudando, porque não faz outra coisa, tem tempo pra estudar e ainda tira nota baixa? Não dá...

A cobrança da escola e dos pais para que os alunos estudem e sejam bem sucedidos na escola faz com que eles tenham a obrigação de tirar boas notas. Convém questionar neste aspecto se esse controle está realmente ajudando ou não na vida escolar dos filhos? Eles fazem isso sob pressão ou livre? A preocupação dos pais é somente com as notas? A vida escolar do filho se resume somente em notas altas? Dos professores entrevistados na escola de Santa Catarina, dois deles, reforçam o questionamento em relação as escolas públicas em geral em que alguns alunos demonstram ou não vontade em aprender, neste caso, o que fazer se não há essa cobrança por parte do pais e da escola? Charlot (2004), na entrevista concedida exclusiva ao site do CRE durante o Fórum Mundial de Educação, faz a seguinte colocação,

Toda pessoa tem uma atividade intelectual, mas o fato de mobilizar ou não essa potencialidade depende do sentido que ela confere àquilo que está ouvindo e à situação que está vivenciando. Isso varia, em primeiro lugar, com a história singular de cada aluno. Ou seja, os motivos que despertam o desejo de aprender numa criança podem não ter nenhum efeito sobre outra, que tem uma história pessoal diferente. Além disso, há uma explicação de origem sociológica: sabe-se que há uma postura diferente frente à escola entre as crianças de classes médias e de meios populares. Não sabemos

muito bem como a classe influencia, mas é inegável que ela tenha um peso importante (CHARLOT, 2004, entrevista on line)

Assim, pode-se dizer que o que mobiliza esses alunos, nestas escolas, a obterem um bom rendimento escolar pode estar relacionado a condição vivenciada no momento, pois essa obrigação e a cobrança para serem bons alunos diante dos pais, professores e sociedade faz com eles se mobilizem em aprender e apresentar bons resultados. Todavia, cabem alguns questionamentos de acordo com o exposto, pois observamos que os alunos entrevistados na escola do Paraná entraram a partir do 8^a ano na escola. Diante disso, levantamos algumas questões: A razão da escola ter obtido esse “sucesso” na Prova Brasil está relacionada com a seleção de alunos que chegaram à escola com um nível de conhecimento elevado, com as notas acima da média? Conforme mencionamos a Prova Brasil é aplicada para os alunos que estão no 9^a ano, os alunos entrevistados chegaram à escola no 8^o ano, isto é, apenas um ano antes da avaliação. Pergunta-se, um ano foi suficiente para preparar esses alunos para realizar a prova e obter “sucesso”? A bagagem que eles trouxeram de outras escolas ajudou nesse resultado? Que avaliação é realizada para medir o ensino e aprendizagem deste aluno durante o tempo que está matriculado na escola?

Frente aos questionamentos elaborados perguntamos, especificamente para os pais da escola do Paraná, se eles reconhecem que os alunos que chegam nessa escola já possuíam um desempenho escolar brilhante. Nesse caso, o bom desempenho do aluno pode estar associado ao ensino recebido nas outras instituições de ensino, mesmo sendo pública ou privada. Se os filhos estavam com um bom desempenho em outra escola qual a razão de matriculá-los em outra instituição de ensino? A seguir podem-se visualizar as falas das mães no que se refere a esta problemática,

Sim, reconheço que ele já veio com notas boas de outras escolas, ele é bom mesmo na escola. Se ele não fosse bom, ele nem poderia continuar nessa escola, não daria conta, mas na outra escola eles não cobravam tanto do aluno para aprender como aqui, lá meu filho tirava notas altas facilmente. Aqui já não...

Tirei meu filho de uma particular pra botar ali, porque lá na particular, eles aceitavam qualquer coisa Um dia meu filho entregou um trabalho pela metade e eles aceitaram. Ah, não. Meu filho não pode fazer as coisas pela metade, ele tem que aprender. Então mudamos, porque conversei com várias mães que os filhos estudavam nessa escola, e ela falou que era boa.

Colocamos lá e estamos gostando também. [...] Ele fala assim: mãe lá é mais puxado que no colégio particular, entendeu? Então, eu achei assim que pra ele melhorou bastante. As notas são mais complicadas ali pra tirar, mas pelo menos eles aprendem e na particular as notas vinham muito de graça, até porque ele tá achando puxado estudar nessa escola, já tirou várias notas baixas, inclusive. Não sei se ia conseguir entrar com essas notas em outra escola que fizesse análise de currículo.

Percebe-se que as referências sociais do colégio em relação aos professores, exigências, infraestrutura, atividades extras fizeram com que os pais matriculassem o filho nesta escola. Observa-se nos depoimentos que a razão dos filhos estarem ali é porque apresentam sim um bom desempenho escolar. Entretanto, não concordaram de certa forma com as notas e com algumas ocorrências de outras escolas, acharam que as notas vinham de graça e por isso requerem mais exigências para seus filhos.

4.1.3 A participação da família no “sucesso” escolar desses alunos

A ampla discussão de que o “sucesso” escolar do aluno pode estar ou não relacionado com a trajetória cultural familiar surge da necessidade de destacarmos algumas situações nessas duas escolas. No início desse trabalho apresentamos algumas discussões a esse respeito a partir de autores como: Prado (1981), Carvalho (2000), Lahire (2008.), Charlot (2000), nestas discussões e reflexões constata-se que a família tem uma grande responsabilidade na formação e desenvolvimento do filho (aluno), pois são eles que acompanham toda a história desses indivíduos, suas primeiras experiências de vida, por exemplo, são adquiridas na família. Neste sentido, é inegável, segundo estes autores, a contribuição dos pais para o desenvolvimento humano, seja para o “sucesso ou para o fracasso” escolar dos filhos. Mesmo sendo eles responsáveis, em muitos estudos nota-se que muitas escolas buscam formas de aproximar os pais deste estabelecimento de ensino, mas ao matricular os filhos acabam passando toda responsabilidade para a escola e muitas vezes se isentam dela. Esta discussão pode ser levada a cabo quando mencionamos as insatisfações dos professores, já citadas anteriormente, por não poder ensinar, uma vez que os alunos chegam na escola totalmente despreparados e indisciplinados, pois segundo eles deveriam vir de casa “educados” para que os professores possam ensinar.

Nestas duas escolas notamos a presença dos pais de duas maneiras. Na de Santa Catarina verificou-se que a direção e equipe pedagógica procuram que os pais estejam sempre presentes na escola. Através de reuniões, contato direto dos pais com os professores, direção e pedagogas, clube das mães, eventos, entre outros. Os pais, por sua vez, procuram sempre estarem presentes e dizem que querem dividir essas responsabilidades com a escola, pois valorizam a ação escolar. Talvez pelo fato destes alunos permanecerem desde o 1º ano das séries iniciais na mesma escola e os pais acompanharem desde cedo seus filhos nas atividades escolares, eles continuam presentes na escola como um hábito. E esse fato acaba contribuindo para resultados positivos, tanto para seu filho como para a escola. Figueiredo (2010) pontua muito bem quando se refere que a escola consegue provar que é bem sucedida e mantém a qualidade no ensino, pela permanência dos alunos na escola, evasão, reprovação, etc.

Porém, a participação dos pais se resume nisso, não há discussão do Projeto Político Pedagógico da escola com eles. E também a presença deles tem uma explicação que não pode ser desconsiderada, todos (as) moram bem próximos da escola, praticamente no mesmo bairro e conhecem a maioria dos outros pais, ficando mais fácil o contato com a escola e com as decisões que precisam ser tomadas junto com a direção e professores. Na escola do Paraná, observa-se que os pais não estão tão presentes quanto na de Santa Catarina. Segundo depoimentos dos pais, eles procuram acompanhar seus filhos conversando, olhando o caderno, mas comparecem na escola somente para pegar o boletim ou quando são chamados na escola. Por morarem longe da escola estes dizem não ter tempo para ir até lá, mas que sempre estão perguntando e verificando as notas. A mãe PR4 diz,

[...] eu não sou assim de ficar indo o tempo todo na escola, eu não tenho tempo pra isso. Se têm notas baixas, vamos ver o que aconteceu, deu problema com meu filho, vamos resolver. Agora este negócio de associação de pais essas coisas, não dá tempo. Eu não tenho tempo para isso, acho que compete a quem, ao pai que tem tempo e não tem um trabalho, as mães que são donas de casa essas coisas, agora pra quem trabalha não dá. Tem pessoas para isso, agora eu, não sirvo pra isso [...]

A ausência dos pais na escola do Paraná também foi entendida um pouco mais após a conversa com a direção. Os pais dos filhos matriculados deveriam fazer cumprir com suas obrigações antes de matricular o filho, eles são orientados, bem como assinam uma espécie de termo de compromisso com a escola, desta forma devem ficar cientes que o filho não pode chegar atrasado, que deve estar na escola uniformizado, deve ter bons rendimentos, etc.

Portanto, o pai acaba assumindo esse compromisso para que o filho permaneça naquela escola e o filho apresenta um “ bom” comportamento porque gosta da escola e não quer perder a oportunidade de estudar ali. Para essa direção conseguir uma vaga nesta escola é “garimpar uma pérola”.

Neste caso, os pais cobram dos filhos, como é relatado pela mãe, o cumprimento das regras da escola, como: pontualidade, disciplina, frequência, comportamento, notas boas, uso do uniforme, entre outras exigências da escola. Neste ponto, Lahire (1997) pondera muito bem que desta maneira os pais também estão participando da vida escolar dos filhos, há várias formas disso acontecer, como: castigam-os quando os resultados não são satisfatórios, compram cadernos, ficam atentos para que os filhos vão para a cama cedo, etc. Uma das professoras um pouco indignada faz a seguinte colocação, *“Olha, aqui os pais pelo menos fazem a parte deles, alguns ainda resistem, mas já trabalhei em escolas públicas que os pais nem isso faziam, nem o material para o filho eles compravam, era a escola que tinha que dar, acompanhar os filhos na escola, isso nunca”*. O que fazer nessas escolas em que as famílias não se preocupam com a vida escolar do filho? Que não compram o material para que ele estude? Claro, que as respostas devem ser analisadas por meio do contexto que estes alunos se inserem e das condições materiais e estruturais familiares, uma vez que diferentemente pode-se inferir numa análise descontextualizada.

Entretanto, um dos fatores relevantes também para o “sucesso ou fracasso” escolar está pautado na escolaridade dos pais destes alunos nas duas escolas do Paraná e Santa Catarina. Todos possuem escolaridade elevada, ensino superior completo, apenas uma possuem Ensino Médio completo. Isso se revelou como um fator muito importante para o desempenho do aluno, pois os alunos chegam em casa e não se sentem “sozinhos”, distintamente do que acontece com os alunos das classes populares como coloca Lahire (2008). Os alunos destas escolas analisadas conseguem chegar à casa e dividir o que aprenderam com a participação dos pais, apesar destes aspectos percebe-se que os pais esperam muito da escola e a escola espera muito dos pais, resultando num contraponto natural pela complexidade que demanda a temática. Observamos nessa pesquisa também que as mães acompanham mais os filhos na escola, os pais não se envolvem. Nas entrevistas no estado do Paraná que tivemos que ir até as casas, as mães que nos receberam, os pais um deles estava viajando e iria voltar na semana seguinte, outro estava no trabalho, na quarta casa visitada o pai não ficou na entrevista, nos recebeu no início e depois saiu, somente na quinta

casa visitada que o pai fez questão e acompanhar a entrevista. Em Santa Catarina, compareceram somente as mães para a realização da pesquisa. Antes de convidar os pais para esse estudo, deixamos claro que seria importante se os dois pudessem participar, porém houve apenas a participação de um único pai na pesquisa. Uma das mães no Paraná diz: “*Olha, quando eu recebi esse recado que alguém viria fazer uma pesquisa aqui em casa, pensei, dessa vez o pai que resolva rsrs, achei que fosse problemas na escola*”. Diante disso, observamos que os pais mesmo em outros momentos não acompanham muito os filhos e sim a presença das mães predomina na escola. Perguntamos para a direção das duas escolas, e as duas falaram que sempre as mães estão muito mais presentes na escola, os pais quase nem aparecem.

No depoimento de duas mães da escola de Santa Catarina, SC2 e SC4, as cobranças que contribuem para o “sucesso” de seus filhos são cobradas da seguinte maneira, “*Cobro leitura, os trabalhinhos, alguma coisa extra da escola assim. Procuro estar bem próximo naquilo que me é possível*”. Já a mãe SC4 diz “*Eu ajudo meu filho cobrando tarefas, olhando o material, perguntando como foi o dia na escola. Conversando num geral sobre a escola. O que aconteceu na sala de aula ou fora da sala*”. No que diz respeito ao conteúdo cobrado e estudado na escola, os pais não têm esse acompanhamento, sobre o que aprendem nas disciplinas ou se precisam acrescentar algo a mais nesse conteúdo.

É importante salientar que os pais, nestas duas escolas, ajudam no sentido de cobrar comportamento e comprometimento. Todavia, notou-se que dos conteúdos estudados pelos alunos, poucos pais complementam em casa, mesmo àqueles que têm um curso superior sendo a maioria. A seguir estão registradas as formas de ajuda dos pais com os filhos, na escola do Paraná, conforme os depoimentos em sequência das mães PR4, PR1, PR2 e PR3,

[...] Porque eu penso que a responsabilidade é dela de cada um deles, entendeu? E outra coisa, é a mesma coisa em casa, lavou um copo e não ficou bem limpo, vai lavar de novo. Não ficou bem seco? Vai secar de novo! E assim que é, entende? Essa é a obrigação deles, eu falo assim: veio nota baixa, eu digo: o que vocês estão fazendo? vocês só fazem isso no dia? Então, vocês vão estudar! Eu quero notas melhores, entende?

[...] Então a gente revista mochila, cadernos, até mesmo chamam da escola a gente vai lá, então a gente sempre está em cima, quem são os amigos, principalmente porque hoje em dia está bem complicado. Não conheço todos os amigos dele, porque é complicado, a gente não vai buscar na escola, porque eu trabalho meu marido trabalha, então ele vem de ônibus então, mas assim pelos nomes.

Na verdade, a gente pega um pouco no pé dela, né? Para ela tá sempre estudando, trabalho assim a gente sempre dá um força pra ela. Tanto ela me ajudava quando eu tava fazendo a faculdade também.

Eu estou sempre atenta a que eles estão fazendo, mas não sou de ficar tão em cima dele o tempo todo verificando de ele fez se não fez. Porque também nunca fui chamada na escola, nuca ficou em exame em recuperação.

Em nossa análise o que mais chamou a atenção foi que estas entrevistas aconteceram somente com as mães, apenas no Paraná um dos pais fez questão de participar da conversa junto com a mãe e a filha. Notamos que a presença das mães na escola ainda é predominante, os pais pouco de envolvem. Por mais que os pais não acompanhem os conteúdos e acrescentem algo a mais nesse sentido, as cobranças em casa devem ser para garantir o comprometimento do aluno ou filho (a) na escola, no sentido de que esteja estudando, fazendo sozinha, buscando o conhecimento independente de alguém pedir ou não, a escola já ganha muito com isso. Para o gestor de Santa Catarina, a presença dos pais é fundamental, pois assim pode contar com eles em qualquer momento. Como exemplo, a direção destaca algumas ações dos pais junto à escola,

Temos o clube das mães que se encontram semanalmente, isso ajuda os pais estarem mais próximos de seus filhos; Precisamos de salas climatizadas, os pais se reuniram e agora vamos colocar isso em todas as salas. Esse valor será dividido entre os pais. Melhoramos a segurança na escola. Antes não tínhamos controle de quem entrava na escola, não tínhamos como controlar. Os pais se reuniram e colocamos um portão eletrônico, ninguém entra ou sai sem a gente saber; Quando tem eventos o pai vem para prestigiar a apresentação do filho. Isso valoriza também o filho.

A gestora ainda complementa que “*Eles ajudam, mas eles cobram muito da gente [...] Qualquer coisa estão ligando, cobrando o que vamos fazer, mas eles não esperam que a escola dê tudo, porque sabem que as vezes é complicado e demorado depender dos recursos que a escola recebe*”. Mas perguntamos isso é participação efetiva? A cobrança que os alunos tem em casa e na escola, esses encontros que a escola e as próprias mães promovem, contribui para a qualidade no ensino e aprendizado do aluno? Neste sentido, alguns professores também ressaltam a importância da família estar acompanhando seu filho na escola. Assim, alguns pesquisadores vêm levantando estudos sobre o envolvimento da família

na escola, como Davies, Marques & Silva (1997); Marques, (2002). Estes autores pesquisam mais especificamente sobre o desenvolvimento social, cognitivo e o “sucesso” escolar. Nesta investigação, observamos através dos depoimentos dos alunos, pais, professores e gestores da escola de Santa Catarina que a cobrança tanto da escola como do pais em relação ao desempenho do filho na escola é grande nas duas escolas. Os professores, por unanimidade, responderam que o envolvimento familiar tem dado certo no âmbito escolar, porém, temos que ressaltar que o envolvimento está voltando na cobrança com os cumprimentos das regras da escola e notas altas. Nesse sentido, cabe uma reflexão sobre esse envolvimento que os professores consideram que está dando certo no âmbito escolar, que tipo de cidadão a escola está formando? Participativo? Atuante? Democrático? Crítico?

Destacamos algumas considerações que alguns pais, alunos e professores fizeram sobre a família na escola. O professor SC5 diz,

Acho fundamental a família na escola, porque o aluno vai se sentir também mais valorizado. Ele está vendo que a família está presente. Porque só nós professores cobrando e as famílias não, então o aluno não vai ter essa referência. Ele não vai ter uma orientação precisa, um objetivo realmente.

Já o professor SC3 fala da cobrança dos pais, vê isso como um mal necessário,

[...] a cobrança deles (pais) em casa, o respaldo de você poder cobrar e ele continuar essa cobrança em casa. De fazer a tarefa, entregar nos prazos certos, saber o comportamento de seu filho em sala de aula é muito importante para nosso trabalho.

Por outro lado, o professor SC2 reforça que a família na escola ajuda no desempenho do aluno, mas faz a seguinte ressalva,

Não podemos falar assim, ah, porque a família dele é “coitadinha”, então vamos dar uma ‘ajeitadinha’ aqui, entende? Então, eu acho que nós temos que avaliar mesmo. Não focar muito essa parte da família, vai muito do aluno em sala de aula. Porque eles falam muito quando chega no final do ano, ah, mas a família é assim, assim, assim [...] nós temos que passar o aluno, nós temos que... Entende? Olhar o outro lado dele, e têm muitos alunos que usam disso para dizer que não vão bem na escola, entende? Então eles facilitam muito nesse lado para o aluno.

Para esse profissional o envolvimento familiar é muito importante, mas o aluno deve se esforçar e aprender mesmo se a família não estiver presente, caso a família apresentar dificuldades financeiras ou estruturais o aluno deve procurar ser autônomo, ser avaliado pelo que ele aprendeu e como buscou o conhecimento, mesmo que sua família não esteja presente por algum outro motivo, esclarece esse professor. Os pais acham a atitude que escola tem de chamá-los e o seu envolvimento como essencial, tanto para eles, como para o aluno, pois ao perceber a presença do pai na escola eles ficam mais atentos e aprendem mais. Neste aspecto, a mãe SC1 faz uma colocação,

Eu acho que esse envolvimento dos professores com os alunos e dos pais é importante. O envolvimento da família com a escola, dos professores, o boletim é entregue para os pais. A entrega é sempre nas últimas aulas, os alunos são dispensados e é entregue os boletins. Quando o pai não pode vir porque trabalha, eles marcam outro horário. No horário que eles podem, se eles vêm no horário que o professor não está eles pegam com a orientadora. Então oportunidade dos pais terem contato com a escola e quando a escola percebe que a gente não está vindo, eles mandam chamar. Marca hora e tal. Acho que é uma diferença da gente se preocupar. Os pais sabem qual dia que o professor tem horário vago e então podemos vir falar com os professores nesse horário.

Percebe-se que nesta escola de Santa Catarina a família procura estar envolvida com a equipe escolar. Os professores conhecem os pais, no entanto, não estão inseridos no contexto do aluno, ele pode estar enfrentando algumas dificuldades em casa, e nem sempre é informado aos professores. Os pais dizem ter total liberdade de entrar e sair da escola como se fizessem parte da equipe. Mas não se observou nenhuma participação efetiva na escola. Na pesquisa encontramos pais com um grau de escolaridade elevado, mas não percebemos que estão contribuindo com a escola para a qualidade do ensino na escola. O que na realidade se percebe é o compromisso de cobrar dos filhos um bom desempenho escolar, contudo, não há uma contribuição mais efetiva no Projeto Político Pedagógico. Neste sentido, Piaget (2000, p. 50), ajuda na compreensão de uma ligação mais constante,

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva a muita coisa mais que uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se até mesmo uma divisão de responsabilidades [...].

Sem sombra de dúvidas, refletindo sobre a temática a escola precisa dividir as responsabilidades com os pais, é justamente quando estes estão mais presentes na escola que todos (as) ganham mais força e desenvolvem um trabalho com mais qualidade. Buscar essa parceria é o que muitas escolas tentam nos dias de hoje, porém com pouco “sucesso”.

No Paraná como os pais não se envolvem muito com a escola, a não ser quando têm reuniões ou algum problema maior. Caso o filho não apresente nenhum problema os pais não costumam vir até a escola para dar sugestões ou fazer um acompanhamento mais de perto. Um dos professores PR4 reclama e acha que a família é muito ausente na escola, diz que falta esse envolvimento familiar. Assim, comenta um tanto quanto indignado,

A grande maioria dos pais acompanha somente as notas. Mas tem pais que já é assim, né?. Por exemplo, para uma 5ª série que a gente trabalha a gente tem problema com bullying, aí então aí tem pais que perguntam: o que está acontecendo? O que a escola vai providenciar, meu filho está relatando tal coisa, tal situação. Mais é a minoria, né?. Por exemplo, foi feita uma reunião com os alunos dessa 5ª série que tem 34 alunos, só compareceram 4 pais e desses 4 pais eram pais dos alunos que sofrem bullying, não pais daqueles que a gente diagnosticou que cometem o bullying, né?. Aí o que você faz? você manda uma convocação você não pode ser arbitrária. Tem que convocar, ah eu não posso, eu trabalho, porque não sei o que, porque choveu no dia [...] e aí vai passando, aí estamos dia 09 de dezembro, daqui a pouco é Natal acaba o ano e daí??

Foi identificado também nestas duas escolas que a cobrança dos pais, na concepção dos professores, faz a diferença no ambiente escolar. Poder contar com o apoio dos pais e ser atendido valoriza o trabalho do professor, assim ele pode conhecer e ajudar o que acontece nesse espaço educativo. Os gestores afirmam que a escola fica mais forte quando se tem a presença dos pais, porque eles não podem assumir sozinhos ou ter a responsabilidade em “educar” sem a participação dos pais. Paro (2001) afirmava já anteriormente, que por menor que seja a contribuição dos pais na escola, não deve ser ignorada, deve ser levada em consideração, assim evita-se que algo seja imprescindível no desempenho dos alunos. Em síntese, traz-se o que Sposito (2008) coloca de acordo com a temática escola e família, essas são instituições complementares e indispensáveis ao desenvolvimento do ser humano e, diante de tais evidências, torna-se facilmente compreensível a relevância da construção de uma verdadeira parceria entre ambas.

4.1.4 O desempenho dos Alunos

Durante a realização deste estudo realizado nestas duas escolas também se notou em vários momentos que professores, pais, alunos e o próprio gestor colocaram a importância dos alunos serem disciplinados e comportados, seja na escola ou no seu dia a dia. Alguns professores que trabalham também em outras escolas destacam a falta de “autonomia” como sendo um problema nas escolas, complementam que a indisciplina acontece em todas as escolas, inclusive nestas duas pesquisadas. Um assunto que deve ser muito bem trabalhado e desenvolvido, pois isso poderá afetar o desempenho dos alunos, muitos vêm de casa sem saber respeitar os limites e consideram que os pais poderão ajudar para que isso aconteça. Observa-se nestas escolas que procuram cobrar muito os valores, respeito e a disciplina no ambiente escolar.

Com base nos dez relatos desses sujeitos da pesquisa e que trabalharam ou já trabalharam em outras escolas públicas, seis deles dizem que se o aluno respeitasse as regras, os limites sem precisar o professor ficar o tempo todo chamando a atenção, ele saberia quando e como agir, e certamente chegaria ao conhecimento mais facilmente. Destacamos aqui alguns depoimentos a esse respeito, o primeiro é da Mãe PR2 “*a gente dá liberdade para ela, tem que saber aproveitar, senão vai se prejudicar. Não precisa ficar do lado o tempo todo, regras são regras*”.

O próximo depoimento da Mãe PR3, ela menciona sobre diálogo,

A gente conversa muito sobre saber obedecer as regras na vida, isso vem de casa, muitas vezes o alunos não têm limite nenhum em casa.. Na escola, muitas vezes, não é culpa do aluno por ele não saber obedecer as regras. Você vai impor e ele faz justamente ao contrário, porque nunca soube obedecer regras na vida.

O professor SC3 fala de como ocorre a disciplina no sentido de repensar os limites necessários a boa convivência escolar,

Cobramos de nossos alunos disciplina, ainda bem que em nossa escola não tem muita indisciplina, mas mesmo assim, acho os pais devem cada vez mais ensinar em casa a respeitar os limites, eles vêm pra cá e nós temos que ensinar.

Também o professor PR 4 se manifesta sobre algumas dificuldades encontradas na escola,

Eu acredito que ainda é um pouco em relação à indisciplina de alunos, né, porque eu tenho 5ª e 6ª séries, o que acontece... eles vêm de outras escolas de bairro de longe, daí não se adapta muito ao colégio, porque o colégio é grande e eles querem ser livres, não sabem o pode e o que não pode fazer. Temos que ensinar. Isso demora um pouco até que eles se adaptem ao espaço escolar.

Um aluno SC diz o seguinte a esse respeito:

“Aqui os professores cobram mesmo, temos que estudar, caso contrário não aprendemos. E eles eram nossos amigos também, mas se alguma coisa estava errado eles logo chamavam nosso pais”

Outro aluno no Paraná fala que,

“Senti uma grande diferença quando comecei a estudar aqui, se a gente não levar a sério os professores levam pra pedagoga, e depois para os pais. Eu gosto disso, e mesmo em casa, não precisa meus pais ficarem dizendo, agora você tem estudar, agora tem que fazer isso ou aquilo. Faço porque quero, gosto de estudar, ler, jogar e aqui posso fazer tudo isso junto. As vezes quando não entendemos a matéria, nos reunimos com outros amigos que entenderam, assim um ajuda o outro”.

Estes depoimentos mostram que os alunos, também sentem-se responsável por aprender, vão atrás do que não aprenderam e procuram ter um bom comportamento e disciplina na escola. No entanto questiona-se se estão fazendo isso sob pressão ou não, como eles se sentem quando são cobrados. Outros alunos também falaram que fazem grupos de estudos na escola para aprender, sem precisar do professor. Porém, nem sempre encontramos alunos que sabem agir sem que alguém os oriente, são extremamente dependentes de outras pessoas, até mesmo para permanecer em silêncio em sala de aula, para realizar as atividades sozinhas ou então saber seus próprios limites, percebe-se que o que se enfrenta nessas duas escolas é a indisciplina como uma dificuldade a ser sanada.

A mãe SC5 ao falar sobre a indisciplina comenta admirada: “*não sei como que um aluno indisciplinado consegue aprender, os professores são vitoriosos*”. Desta forma, Lahire (2008, p. 55) esclarece:

[...] existem alunos indisciplinados, instáveis e com desempenhos escolares medíocres; alunos disciplinados atentos e com bom desempenho escolar; mas existe também, ainda que mais raramente, alunos razoavelmente indisciplinados e com bons desempenhos escolares, e alunos relativamente disciplinados com fraco desempenho escolar.

Nestas escolas o que se verifica é que há indisciplina, mas isso não vem atrapalhando o andamento das aulas, os alunos são chamados pela orientação caso estejam dificultando. Todavia, conseguem aprender e ter um bom desempenho na escola. Ou então os pais são comunicados para que “cobre” do filho um bom comportamento. Isso se percebeu nas duas escolas, quando o aluno apresenta algum problema de indisciplina e não respeitam as regras da escola os pais são avisados, no Paraná, por telefone mesmo. E em Santa Catarina os pais sempre estão acompanhando e eles ligam para a escola semanalmente ou passam pessoalmente na escola para saber como o filho (a) está. Este fator faz com o filho (a) seja mais controlado (a). Se não houvesse essa cobrança rígida por parte dos pais e da escola perguntamos será que o comportamento ou disciplina seria o mesmo para esses alunos? É partir deste enfoque que se comenta sobre autonomia, de certa forma sempre relativa, que é falada pelos pais, professores e direção. Na verdade, pode ser considerada como uma autonomia controlada, não sendo algo realizado naturalmente por eles. Os professores tanto do Paraná como de Santa Catarina, consideram que o êxito do ensino e aprendizagem nessas escolas está no comportamento dos alunos.

Ao fazer a análise das entrevistas dessa pesquisa, percebemos que várias vezes a palavra “ controle” é dito tanto pela direção, professores, pais e alunos. Entretanto, não se pode esconder que os professores levantam em vários momentos a importância desses alunos já virem de casa com esse controle ou limite, assim eles conseguem ensinar e não perdem seu tempo “educando”, como já citamos em outros momentos nessa pesquisa. Esse controle torna-se para o aluno de certa forma uma pressão, pois, e se ele não atingir uma nota boa, se achar que precisa mudar algumas regras e ter que opinar, sugerir, reclamar, como já vimos anteriormente, terá prejuízo em casa e na escola? Para que isso não aconteça, pode ser que esses alunos, acabem se fechando e fazendo somente o que é proposto pelas escolas e pais. O

preocupante nesse contexto é que tipo de cidadão críticos, a escola forma? Esse controle em relação aos alunos não está ocultando a liberdade de se manifestar, agir e, sobretudo, criar? Serão sempre controlados por regras e deixar de atuar? Lembramos nessa discussão de Rousseau, “o princípio inspirador do pensamento democrático é a liberdade, compreendida como autonomia”.

4.2 ASPECTOS INTRA- ESCOLARES

4.2.1 Um aprender e ensinar para além da sala de aula

Fazer da escola um ambiente agradável para que o aluno se sinta motivado em aprender e encontre um novo significado em estar na escola é um desafio para todos os envolvidos na educação. Neste estudo compreende-se que uma das grandes razões dos alunos estarem interessados em aprender e buscar conhecimentos é estar coligado ao ambiente escolar. Dos dez alunos entrevistados, oito consideram como aspectos positivos para permanecer na escola o professor, o ambiente escolar e o que a escola oferece, sejam nas atividades extras-curriculares como na infraestrutura, esse último aspecto mais observado na escola do Paraná.

O modo como as aulas são administradas, como são tratados, a diversificação e as ações educativas que há nas escolas contribui para a escola se tornar um lugar significativo na opinião destes alunos. Isto reforça o que Luck (2002) coloca “o professor é a figura principal para fazer com que os alunos gostem ou não da escola, motivar ou não a estudar”. Neste sentido, um aluno De SC1 revela porque se sente motivado, *“ficávamos muitas horas aqui na escola, há muita coisa pra fazer aqui se quiser. E mesmo se ficássemos o dia todo parece que não enjoávamos da escola, entende? Eu até preferia ficar aqui do que em casa as vezes. Aqui eu tinha meus amigos, os professores que me faziam gostar de estar na escola, entende?”*. Nesta perspectiva, Arroyo menciona que devemos,

[...] reconhecer e tratar crianças, adolescentes e jovens, inclusive adultos, educandos, como sujeitos sociais e culturais inseridos em rede múltiplas de conhecimento, socialização e cultura, que passam tempos cada vez mais longos na escola com diálogo e interação com os adultos e com seus pares e

interage por meio de rituais, saberes, tempos e espaços educativos. (ARROYO, 1999, p. 158)

Ressalta-se que estas duas escolas procuram proporcionar aos alunos (as) atividades extras, como: esportes, idiomas, danças, aulas de artes, natação na escola do Paraná, música, etc. Nesse caso eles ficavam mais tempo no espaço escolar, favorecendo o aprendizado segundo os relatos dos professores entrevistados. Além de perceber, mais na escola de Santa Catarina, a afetividade entre alunos, professores, direção e pais é visível. Portanto, o aluno PR3 confirma que na escola há uma boa integração dos alunos com todos,

[...] Aqui eu aprendi um monte de coisas novas também e os professores fazem muita coisa legal em sala de aula para nós aprender, conversam como amigos. Acho esse ambiente escolar muito bom, todos tratam gente bem e isso faz a gente gostar da escola.

O aluno SC1 destaca que além do professor ser responsável por gostar de estar na escola, há outros aspectos importantes na opinião dele,

Acho que são os alunos, professores e a integração. Na minha época tinha a banda, tinha vários projetos extras que animava para os estudos, considero importante essas coisas extras para o ensino. Sou músico, toco trombone.

Lembrando que esse aluno estudou naquela escola até o nono ano, em função da escola não oferecer Ensino Médio. É interessante este posicionamento, pois se baseando em Soares (2007) "A educação na sua concepção mais ampla, tem objetivos que ultrapassam o raio da ação da escola" (SOARES, 2007, p. 136). Deste modo, os relatos deixam claro que proporcionar aos alunos, além de um ambiente agradável, um aprendizado através de outras atividades se torna um dos elementos que podem estar influenciando para o "sucesso" destas escolas, fato registrado entre os entrevistados nessa pesquisa. Tanto os pais, como alunos e professores consideram que as atividades extracurriculares e diversificadas em sala de aula se configuram em elementos importantes para o bom desempenho do aluno, para que ele tenha uma integração melhor com os colegas, além de fazer com que o aluno esteja mais presente no espaço escolar. Para a Mãe PR1,

[...] acho muito importante essas atividades que a escola oferece em turnos diferentes para os alunos, por exemplo, de manhã ele tem aula de handebol, ele faz treinamento para handebol lá. O meu outro filho faz curso de violão, então eles têm também sua opção na escola, não só ir para a escola para estudar. Dois dias na semana eles ficam o dia todo lá. Para almoçar, eu dou dinheiro por opção minha para eles almoçarem fora, mas tem a opção da merenda e tem a Fome Zero, se não me engano tem a opção deles comerem lá sem pagar nada.

Para os professores essas atividades extras são muito importantes e consideram que as aulas devem ser diversificadas, proporcionando mais motivação para aprender. O professor PR2, diz que não pode ensinar o aluno apenas em quatro paredes, o tempo que eles estão em sala de aula o professor tem que fazer algo para que o aluno se motive e aprenda a aprender. O professor SC1,

Nós trabalhamos variando os gêneros desde textos informativos até textos poéticos, textos científicos, textos humorísticos, nós variamos muito, nós somos bem ecléticos. E muito mais preocupados... a minha preocupação na elaboração de minhas aulas é muito maior no quesito chamar a atenção, incentivo, eu preparo as aulas pensando no que eu vou fazer para que meu aluno se interesse.

Esse mesmo professor destaca que as dificuldades encontradas em sala de aula são muitas, mas que todos precisam se mobilizar e realizar algo para que esses alunos se motivem a estudar. E além das atividades extras reflete,

Embora nossa escola hoje ofereça vários recursos, tá, nos temos uma organização que uma vez por semana nossos alunos, no mínimo uma vez por semana, as vezes acontece até mais vezes, os nossos alunos se deslocam da sala da onde eles estão para uma sala informatizada. E ali nós temos acesso a uma boa internet, os alunos pesquisam, lêem livros, lêem textos de vários autores através da internet, então isso aí eu que já trabalho tantos anos na educação, vejo que isso aí veio para favorecer e para enriquecer o trabalho.

Portanto, por meio destes discursos pode-se analisar que nessas duas escolas o ensinar não ocorre somente em sala de aula, mas se procura possibilitar vários meios de aprendizagem-extra. Segundo Wittmann (2000, p.90) “Os educadores estão reencontrando e reconstruindo o sentido e o prazer em educar”, pelo menos nestas duas escolas. Os alunos têm

a possibilidade de estarem na escola em tempo integral alguns dias na semana. Essas atividades extracurriculares que são oferecidas são para atender todos os alunos matriculados e que tenham interesse, não sendo obrigatória a participação deles. No caso da escola do Paraná a comunidade em geral pode participar também dos programas, porém, a prioridade é para os alunos. Os gestores e professores destas duas escolas acreditam que poder oferecer essas atividades em contra turno ajuda a escola a manter o aluno mais tempo na escola e evita que ele fique com o tempo livre para se envolver com drogas ou outras coisas que venham prejudicar o desempenho dele em sala. Neste sentido, a gestora da escola de Santa Catarina destaca,

Nossos alunos são muito bons, quase todos participam de atividades extras aqui na escola, temos várias atividades que eles podem participar: teatro, dança, banda, sala de reforço, aulas de Línguas Estrangeiras, vários esportes etc. basta ele querer. E nós incentivamos muito eles, quem ganha não são somente eles, mas nós também. Eles ficam mais disciplinados com isso e sabem respeitar as regras. Apenas sala de aula não basta...

Destaca-se também nesta pesquisa que um dos motivos dos pais escolherem estas escolas para matricular seus filhos é por conta das atividades-extras oferecidas. Os profissionais que atuam nestas duas unidades de ensino acreditam que manter o aluno mais tempo na escola facilita o desempenho deles. Por exemplo, em um depoimento de uma professora de Santa Catarina pode-se perceber como se dá isso, “*Considero essas atividades extras como uma contribuição na disciplina em sala de aula e ajuda no desempenho do aluno também. Porque vejo muitos alunos por aí de outras escolas que ficam em casa, ou na rua aprontado, quando chegam na escola não tem “cabeça” pra aprender*”. As declarações de duas mães do Paraná também são contundentes sobre o assunto,

Essas atividades extras que a escola oferece é muito bom, por exemplo, o no meu caso, trabalho fora e quando meu filho chega da escola, não sei ao certo o que ele fez em casa, sei que ele fica muito no computador. Então, quando tem essas atividades, fico tranqüila, porque sei que está na escola e está aprendendo ao invés de ficar na rua ou no computador”.

[...] meu filho fica muito no computador quando ele está em casa. Por mais que eu cobre dele ele está lá. Então, procuro incentivar ele a participar de quase todas as atividades na escola, ele fica só um meio dia em casa durante a semana, os outros períodos ele está na escola, pelo menos está aprendendo.

Venosa (2005) é um autor que acredita em seu texto que com atividades extras na escola os alunos ficam cada vez mais afastados dos pais,

[...] atualmente, a escola e outras instituições de educação, esporte e recreação preenchem as atividades dos filhos que originalmente eram responsabilidade dos pais. Os ofícios não mais são transmitidos de pai para filho dentro dos lares e das corporações de ofícios. A Educação cabe ao Estado ou a instituições privadas por ele supervisionadas (VENOSA, 2005, p. 22).

Isto significa que a escola vem cumprindo o papel dos pais, pelo menos se percebe nestas duas escolas analisadas que a grande maioria dos pais trabalha fora e não têm muito tempo para ficar com os filhos. As atividades que a escola apresenta podem ser formas dos filhos ocuparem mais seu tempo e evitar “ falhas” na educação familiar.

4.2.2 Os professores e gestores que atuam para o “sucesso” nessas escolas

Nas duas escolas os professores e diretores que atuam nessas unidades de ensino apresentam além da graduação a especialização. Um gestor é mestre em Educação. Na escola de Santa Catarina todos buscam aperfeiçoamento contínuo, segundo a direção da escola o próprio município oferece cursos de aperfeiçoamento, tanto para os professores com para os gestores. No estado do Paraná, os professores fazem os cursos de acordo com a necessidade. O estado oferece alguns, porém, na opinião dos professores poderiam ser ofertados muitos outros cursos. Neste aspecto Demo (1993) acredita que alguns problemas enfrentados pelos alunos podem ser devido à qualidade formal do professor. O professor deve estar preparado/qualificado para que o aluno aprenda a pensar de forma criativa. “Não há maior injustiça em prejudicar os direitos dos alunos, por conta de professores ineptos ou inadequados (DEMO, p. 78, 1993).

Conforme a direção da escola de Santa Catarina os professores são todos capacitados para atuarem como professores de séries iniciais, portanto, contribuiu muito para esse índice,

[...] esses profissionais buscavam cursos pela internet para melhorar o seu trabalho e alguns o município oferece e outros eles fazem fora. Em alguns momentos, eu ficava na sala para o professor ir se capacitar, diz a direção

da escola, e ainda complementa, Os alunos nunca foram dispensados porque o professor não estava, até mesmo para fazer cursos.

Uma das exigências da direção da escola de Santa Catarina era que o professor se capacitasse e entrasse na sala de aula para ensinar. A direção entrevistada acredita que se o professor não estiver bem qualificado poderá trazer prejuízos para os alunos. Por essa razão, nas séries iniciais, a gestora procura, no início de cada ano letivo, distribuir as aulas para os professores que possuem mais experiências com esses alunos. Para ela, é essencial que os professores desenvolvam um trabalho mais cauteloso nessas primeiras séries, pois os alunos, por chegarem em uma escola “nova” precisam de mais atenção em relação ao comportamento, disciplina, aprendizado, afetividade etc, sem deixar de ensinar. E expõe que eles quando se identificam com essas turmas fazem um trabalho melhor, porém, a qualificação é tanto para os professores dos anos iniciais como finais é essencial,

Acredito que essa é uma das razões de não termos tanta evasão e repetência aqui na escola, os professores sabem como trabalhar com os alunos que vem apresentando certa dificuldade desde o início, se vem outro professor ou esse só trabalha nos anos finais do ensino fundamental não saberá entender o que se passa com os alunos nessa fase da vida deles, ainda mais quando chegam na escola. Acho que é muito importante, mas poucas escolas agem assim.

Sobre o assunto o MEC (2000) traz que,

A desarticulação entre a formação de professores da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental e a formação dos professores para os anos finais do ensino fundamental e para o ensino médio tem trazido para a formação dos alunos prejuízos de descontinuidade, gerando gargalos no fluxo da escolarização, representados, principalmente, pelos índices de evasão e repetência observados na transição entre a 5ª e a 6ª séries do ensino fundamental (MEC, 2000, p. 17-18).

Os relatos consideram que o trabalho do professor torna-se um fator relevante para a qualidade interna da aprendizagem do aluno. Com isso, o “sucesso” escolar nessas escolas consiste em melhorias nas práticas de ensino do professor em sala de aula. No entanto, é de

extrema importância que ele esteja preparado para desempenhar um trabalho com qualidade e propiciar melhores condições de aprendizagem.

Não é comum encontrarmos professores com essa qualificação atuando nas séries iniciais das escolas públicas, como no caso de Santa Catarina. Neste sentido, pode-se destacar como um fator importante também para a razão do “sucesso” nessa escola. Nestas duas escolas, além da qualificação profissional que os professores possuem até o momento, todos (as) estão se aperfeiçoando constantemente. Uma das professoras de Santa Catarina ressalta: *“Encontramos na sala de aula alunos muito bons, se não cuidar eles dão a aula por nós. Isso não pode acontecer, temos que ir buscar conhecimento também, pois aprendemos o tempo todo com eles”*. Portanto, é interessante o que diz Demo (1993, p.153) que ensinar não representa apenas passar “saber”, mas sim ter capacidade de motivar o processo emancipatório com base no saber crítico, criativo, atualizado e competente. Trata-se “[...] não de controlar a competência de quem ‘aprende’, mas de abrir-lhe a chance na dimensão maior possível” (DEMO, 1993, p. 153).

Quando se analisa sobre a busca pelo aperfeiçoamento dos professores verifica-se que houve mais na escola de Santa Catarina. Nessa unidade de ensino os professores trabalham durante anos na mesma escola. Encontra-se também nesta escola um diferencial que é a permanência integral do professor, ao contrário de Curitiba em que os professores precisam trabalhar em outras escolas. Esses profissionais, além da escola pública do Paraná trabalham em escolas particulares. Trabalhar em escolas particulares passa a ser uma opção deles. Neste ponto, em uma conversa informal com os professores do Paraná, após a entrevista, um deles disse que *“depois que trabalhamos na escola do Paraná não conseguimos nos adaptar em outras escolas públicas mais, não é?”* e todos concordaram.

As duas diretoras das duas instituições de ensino destacam o comprometimento também dos professores com a pontualidade, responsabilidade, assiduidade, bem como o compromisso com os alunos de estarem sempre presentes na escola, isto é, sem faltar nos dias das aulas. Entretanto, no Paraná, quando estivemos realizando a pesquisa observei que os alunos estavam nos corredores da escola por falta de professor na sala de aula. Mais tarde, ao conversar com a direção atual, me informou que um dos professores estava sendo substituído por que estava se ausentando muito e eles estavam tendo uma cobrança muito grande por parte dos alunos e dos pais. Percebeu-se que existe uma cobrança por parte da escola para que

os pais orientem e exijam dos filhos em casa o bom desempenho na escola e o cumprimento das regras, no entanto, os pais também exigem da escola quando há algo que eles não estão de acordo. É uma cobrança tanto da escola para os pais como dos pais com a escola. No Paraná a direção salienta que a grande maioria dos professores que atuam naquela escola são “bons” e complementa,

[...] os professores sentem-se honrados em dar aulas nesta escola, muito mais os professores que foram alunos daqui. Esses professores são prova de que formamos cidadãos críticos e competentes e que apostamos neles.

A afirmação de que os alunos saem da escola “críticos” e “competentes” sugere-se ser questionável, pois não se pode descartar que para ingressar na escola as notas são elementos principais e para permanecer o aluno deve se comprometer em respeitar as regras das escolas. Não se pode garantir que a aprendizagem escolar esteja consolidada para que esses alunos lidem com a vida de maneira “crítica e competente”, pois de certa forma a escola impõe normas e os alunos para garantir a permanência cumprem. Não ficamos sabendo de nenhuma ação em que os alunos pudessem colaborar e contribuir nas discussões para melhorias no ensino e aprendizado ou algo que demonstrassem estar “preparados” para desvelar o mundo. Lima (1991) afirma que “O actor é o elemento central – aquele que, mesmo nas situações mais extremas, conserva sempre um mínimo de liberdade que utilizará para *bater o sistema.*” (p. 148). Todos que estão inseridos no âmbito escolar, deveriam interagir e lutar pelo objetivos, porém, não notamos que isso acontece por parte dos alunos, as regras impostas tanto pela escola como pelos pais, são respeitadas e seguidas. Notamos também que durante as entrevistas dos alunos, na escola do Paraná, os alunos estavam preocupados em terminar a entrevista rapidamente para entrar para sala de aula. Isso aconteceu com todos os cinco alunos entrevistados. Isso nos chamou a atenção e perguntamos para um dos entrevistados a razão de estar preocupado com a hora, ele respondeu: “è que não quero demorar, porque senão o professor cobra depois”. Ficamos imaginado os alunos ficarem nessa tensão todos os dias...

Neste aspecto trazemos Charlot (2000, p. 63) que contribui na perspectiva da relação com o saber,

Não há sujeitudo de saber e não há saber senão em certa relação com o mundo, que vem a ser, ao mesmo tempo e por isso mesmo, uma relação com o saber. Essa relação com o mundo é também uma relação consigo mesmo e relação com os outros (CHARLOT, 2000, p. 63).

Não podemos afirmar se é relevante efetivamente nessa unidade escolar o saber que esses alunos detêm ao chegar à escola, se há uma valorização, um reconhecimento de outros saberes, de diferentes culturas, ou se está simplesmente idealizando o saber do aluno. No entanto, nota-se que em sala de aula o professor, segundo os alunos, vem desempenhando um trabalho significativo, contudo, no que diz respeito ao Projeto Político Pedagógico nem todos participam. A grande maioria fica de fora e apenas alguns dos professores se encontram junto com equipe pedagógica para discutir a organização educacional nas escolas, solução para as dificuldades, etc. Em relação aos alunos e pais, o número de participantes nas decisões, principalmente no Paraná é quase insignificante. Em relação a essa participação do pais na escola, notamos que a unidade escolar precisa também se organizar para esse envolvimento dos pais nas ações pedagógicas.

Os pais não poderão auxiliar ou contribuir se eles não conhecerem como funciona o cotidiano escolar, como é o Projeto Político Pedagógico escolar. Cabe a toda equipe pedagógica organizar encontros para que todos conheçam a organização como um todo. Com isso os pais terão mais oportunidade de estar envolvido nas ações e participar mais efetivamente. Neste sentido, há um desconhecimento do que seja a instituição escolar pelo menos naquilo que se refere Luck (2010),

A escola é uma instituição estabelecida pela sociedade para promover, de forma organizada, sistemática e intencionalmente definida e orientada, a educação de suas crianças, jovens e adultos, de modo que estes desenvolvam competências necessárias ao enfrentamento dos desafios da vida no mundo em contínua evolução com qualidade. É na medida em que todos os atores que participam dessa instituição atuem como um todo organizado com esse propósito que a escola existirá como estabelecimento educador (LUCK, 2010, p. 44).

A escola pode ter bons professores em sala de aula conforme os depoimentos dos alunos, todavia, observa-se que nem todos participam efetivamente das ações e a “luta” por qualidade nesta escola pode estar de certa forma direcionada em avaliações e não em preparar o aluno para enfrentar os desafios da vida no mundo, de acordo com a autora citada.

Entretanto, questiona-se também, se estes que foram alunos e hoje são professores podem ser considerados “excelentes profissionais”. Valorizar e apostar na formação que a escola proporcionou a esses alunos é aceitável para reforçar ainda mais o “status” da escola. Mesmo assim, a direção discorre que todos são chamados e orientados sobre como trabalhar em sala de aula,

Esse orgulho que existe em dizer: eu fui aluno dessa escola e hoje sou professor aqui, eu também apelava para esse argumento deles. Apelava no sentido de que, professor! Então vamos construir esse orgulho, vamos transformar esse discurso de orgulho em prática efetiva. E complementa: Não podemos aceitar qualquer profissional aqui, como oferecemos muitas oficinas, pista de atletismo e natação, se o professor não souber essas práticas, técnicas, então não tem como contratar.

Para a contratação dos professores na escola do Paraná, os professores passam por um teste seletivo, uma avaliação de títulos e tempo de serviço no estado, realizado on line, pela SEED. Após a inscrição o profissional aguarda o edital de classificação e na medida em que as escolas no estado do Paraná forem precisando, são chamados para apresentar os documentos originais, se estiver de acordo e ‘seguinto’ a ordem de classificados estes são contratados. No entanto, examinou-se que os professores contratados nesta escola especificamente são os que já lecionavam nos anos anteriores e foram alunos na escola, conforme se descreve adiante.

A permanência do professor na mesma escola nem sempre é garantida nas escolas públicas, em função do número diferenciado de professores que se inscrevem no edital anualmente e pelo número de vagas disponíveis. Quando questionada a direção sobre a coincidência da escola ter os mesmos professores em anos consecutivos e esses serem alunos da escola, a diretora faz a seguinte esclarecimento: “[...] é comum isso acontecer, porque antes da contratação os professores passam por uma avaliação na escola, e se ele não sabe nadar por exemplo, não tem como ser contratado, diferente das outras escolas que não possuem essa área de desporto.”

De certa forma concorda-se com a opinião da direção, porém, nota-se que no edital para o teste seletivo nada consta a esse respeito e as avaliações de outros profissionais em outras escolas públicas do Paraná não são realizadas na escola e sim na própria SEED,

seguindo a ordem de classificação e apresentando somente os títulos para comprovação. A direção recebe o professor para iniciar o trabalho sem ter conhecimento das práticas de trabalhos dos mesmos. Sobre o trabalho da gestão escolar, considera-se que nas duas escolas estes profissionais estão qualificados para atuar como gestores. A direção de Santa Catarina atua naquela mesma escola há 24 anos e tem 36 anos de magistério. A gestora conhece todos os alunos (as), pais e já trabalhou por todos os setores da escola, secretaria, supervisão, orientação, professora em todas as séries e direção.

Após a apresentação a direção fala com muito orgulho que a escola está entre as melhores do país desde 2005. E ao comentar sobre sua carreira profissional destaca a importância de ser graduada em Administração Escolar e ter passado por esses setores, pois agora entende de tudo, qualquer situação ela sabe conduzir “*Acho que todos os gestores devem passar por todas as séries de ensino*”. Em 1996 fez um trabalho nas séries iniciais, lembrando que é uma escola municipal, na linha construtivista e que mais tarde as outras escolas municipais estavam trabalhando dessa maneira também.

Nesta escola os professores são todos efetivos garantindo dessa forma a permanência deles para fazer um trabalho contínuo. A gestora considera isso é muito importante para o desempenho do aluno. Assim como no Paraná, acredita-se que os melhores professores devem estar na sala de aula. Como essa escola oferece desde as séries iniciais ela iniciou a colocação dos professores com mais experiências nas primeiras séries iniciais “*Se a criança for bem encaminhada nos primeiros anos, ela vai “embora” pro resto da vida*”. Em relação ao trabalho em equipe a direção diz que a escola só tem este desempenho por causa da equipe. Desta maneira, complementa,

Uma equipe bem comprometida, porque se você não tem uma equipe comprometida, uma equipe responsável, um gestor que não sabe lidar com as dificuldades do dia a dia, você não vai conseguir. Não é o gestor que consegue esse resultado, se você não tiver uma equipe de trabalho, o pouco rodízio de professores, nós temos professores aqui, que começaram aqui e estão de aposentando aqui. São professores formados e com especialização. Então esse trabalho em equipe, esse comprometimento, o amor pela educação que temos aqui. Porque a partir da hora que acabar esse comprometimento esse amor que temos pela educação, acabou essa escola.

Alguns desses profissionais se emocionaram durante a entrevista ao falar do trabalho realizado, do compromisso em ensinar o aluno que fica evidente em todos (as), não apenas em

uma única pessoa. Chamou-me a atenção que todos os professores utilizaram em suas falas a palavra “amor” pelo que fazem. O próprio gestor fala constantemente “eu amo” todos (as) aqui. Mello (2004) diz que “ não dá para ensinar pensando somente na cabeça do aluno, o coração também é importante”. E isso acontece com os professores e pais que foram alunos dessa escola. Neste aspecto, os depoimentos a seguir são destaques de dois professores de Santa Catarina,

[...] Olha, eu amo essa escola. Amo está escola porque é uma escola comprometida além daquilo que o ensino fundamental pede arroz e feijão. Já diz uma casa quando você constrói o fundamento você não espera grandes toques arquitetônicos, você espera o que? Solidez. Porque dependendo do fundamento você vai poder fazer uma construção que realmente vai vencer as intempéries do tempo e outras coisas mais. Então a nossa escola foca isso. Nós até participamos de projetos, mas o nosso norteador não é esses projetos que venhamos a aparecer na mídia, não. Nós trabalhamos alguns projetos, tivemos a oportunidade de estarem vários órgãos da mídia, jornais, televisão inclusive, mas isso tudo foi consequência, nunca trabalhamos por esse objetivo, o nosso objetivo realmente é fundamentar o aluno em conhecimento.

Ganhamos aqui liberdade e confiança. Confiar no seu trabalho ajuda muito, porque elas conhecem o nosso trabalho, sabe o que você está trabalhando, está interada do seu trabalho, está junto quando você precisa, conhece a sua capacidade e assim oh, se tu precisar de um apoio extra também está lá para te ajudar. Esse eu acho que é um dos fundamentos para nós.

A fala de uma mãe SC1 também expressa o quanto é importante como escola trabalha,

Como se diz assim, eu sou muito... eu estudei aqui. Amo isso aqui. O Colégio sempre foi muito bom, pena que quando eu estudei não tinha aqui a 8ª série, era só até a 4ª série. É um dos colégios que eu vejo assim, um dos melhores, pra mim. Tanto que quando eu saí daqui era para uma escola estadual. Tanto que quando fui prestar vestibular passei em 14º e não tive problema nenhum.

E assim se poderiam trazer vários outros depoimentos que expressariam este sentimento pela escola. Fica evidente também, talvez pelo fato dos alunos iniciarem e permanecerem durante nove anos na mesma escola, que há uma afetividade muito grande entre todos ali. Ouvia-se muito “eu amo” esses alunos. São falas que não são muito comuns em uma escola que atende alunos de Ensino Fundamental.

Todos os professores conhecem os pais destes alunos e os pais têm acesso livre para falar com os professores em qualquer momento. Os professores da escola de Santa Catarina, consideram que isso é importante para o bom andamento das aulas. E eles podem se aproximar dos pais dos alunos e falar o que acontece com o filho em sala de aula. Eles ficam a disposição dos pais nas horas atividades. O pai sabe o horário que o professor estará de folga e então vai até a escola e fala direto com ele. A Mãe SC4 comenta sobre o assunto, “*Acho bem importante o contato com os professores e diretores, eles conhecem o seu filho pelo nome. Eles sabem quem é, quem são os pais, onde moram, eu acho isso super importante*”.

Todavia, conhecer os alunos, os pais, o local que moram não significa que o professor tem conhecimento do que o aluno está enfrentando em casa. Apesar dos professores considerarem que os pais são na grande maioria escolarizados e morarem em um lugar de padrão de vida elevado, não significa que esses alunos não enfrentem problemas em casa, ou sintam necessidade de um atendimento diferenciado na escola, fazendo com que não alcancem o rendimento esperado pelos professores e pais. Evidencia-se que nessa escola a gestão procura uma liderança mais envolvida com a comunidade escolar para desempenhar sua função. Nesta perspectiva, Batista e Codo (1999, p. 189) escrevem que a,

Educação não é obra de solista: ou se orchestra, ou não ocorre. Entre os professores tem que haver coordenação em torno de objetivos comuns, entre funcionários (todos) e professores, tanto quanto entre alunos e corpo de professores e funcionários, é preciso construir, de alguma forma, uma “ comunidade de destino”, por último comunidade direta e indiretamente envolvida na escola precisa, de alguma forma, participar do processo.

Nos depoimentos dos professores, dos alunos, dos pais e da gestão verifica-se que o coletivo fez com que assumissem o compromisso em ensinar e estar se dedicando completamente quando estão na escola. Neste sentido, todos acreditam que o resultado foi fruto do comprometimento de todos. A título de curiosidade nas duas escolas a escolha da direção acontece por indicação. No estado do Paraná, segundo a Lei Estadual nº. 14.231, de 26/11/2003, a eleição de diretores dos colégios estaduais são de competência da Comunidade Escolar, mas,

[...] Excetuam-se da presente lei os Estabelecimentos de Ensino em regimes especiais, regidos nos termos dos convênios celebrados com a Secretaria de

Estado da Educação, os que funcionam em prédios privados, cedidos ou alocados de instituições religiosas, os da Polícia Militar do Estado do Paraná e o Colégio Estadual do Paraná.

Diante disso, para essa escola pesquisada a lei determina que o orçamento do colégio seja repassado diretamente do Estado para o diretor, por esse motivo é necessário que o governador faça a escolha de sua confiança. Ademais, as verbas repassadas por aluno seriam insuficientes para manter sua infraestrutura e corpo docente, devido ao porte do colégio, Mesmo assim, poderá ser aprovada a eleição nessa escola, conforme informação da direção. Neste caso o regime passará a ser comum e as verbas serão repassadas de acordo com o número de alunos, segundo ela isto poderá inviabilizar a sobrevivência financeira do colégio.

Paro (1999, p.212) ajuda na reflexão quando menciona que o gestor acaba se sobrecarregando com as atividades da escola pelo fato dele (gestor) ser responsável em repassar para o estado ou município o que se é realizado na escola. Muitas vezes por medo de não responder por algo que não teve conhecimento centraliza nele os afazeres. Entre as duas escolas intuímos que na do Paraná a direção administra o financeiro da escola, que não é pouco, porém, poucas vezes nota-se a participação efetiva nas ações escolares, diferentemente de Santa Catarina em que o envolvimento da direção com as ações pedagógicas estão mais presentes, como contato direto com os professores, participação nos encontros pedagógicos, decisões a serem tomadas na escola, contato com os alunos e o fácil acesso a sala da direção, seja por alunos, pais, pedagogos e demais colaboradores. Já não foi o que se presenciou na escola do Paraná, tanto que o primeiro contato com os alunos é por meio de um vídeo passado nas sala de aula para que todos tomem ciência do que a direção espera dos alunos. O fato explica-se devido a escola pertencer a um grande porte, dificultando o acesso ou até mesmo o afeto do dirigente em relação aos alunos, isso não encontra-se na escola de Santa Catarina. Para Luck (2010),

” A ausência ou falta de afetividade dessa liderança na escola permite que se forme em seu contexto uma cultura caracterizada por concepções e ações centradas em interesses pessoais e corporativos: por tendência imediatistas e reativas [...] em vez de por interesse socioeducacionais com foco no desenvolvimento dos alunos”. (LUCK, 2000, p. 116)

Não desqualificando o trabalho do gestor, aliás, reforçando ainda mais diante dessa pesquisa a importância da qualificação para os gestores das escolas publicas para os bons

rendimentos escolares, é importante acordar para outros dirigentes que enfrentam tantos compromissos e responsabilidades assumidas nas escolas públicas, considerem relevantes o desempenho seu trabalho em prol a qualidade no ensino sem esquecer o desenvolvimento do aluno. Campos (2006) em seu relatório final da pesquisa “ concepções e práticas dos diretores das escolas públicas das redes estadual e municipal da 9ª Gerencia de Educação, Ciência e tecnologia de Joaçaba”, cita que Fonseca (2004 et. al., p. 53) considera uma visão de gestão escolar pautada em três eixos: a descentralização, a autonomia e a liderança escolar. Diante disso, destaca-se a importância do investimento em qualificação para esses profissionais, e venham incorporar novos conhecimentos, novas práticas que o levem para atuar como líderes competentes nessa função em prol de uma educação de qualidade.

4.2.3 A Infraestrutura escolar no auxílio ao “sucesso” escolar

Podemos destacar como infraestrutura nas escolas as condições básicas para desempenhar um trabalho melhor: laboratório de ciência, biblioteca e laboratório de informática. Entretanto, na escola do Paraná estes não podem ser relevantes para analisar os rendimentos escolares, pois no que se refere à infraestrutura física a escola apresenta variáveis diferenciadas das demais escolas públicas. Uma das professoras questiona,

Dei aula em outra escola estadual aqui que não sei como os alunos tinham gosto de ficar naquela escola, sem motivação para estudar, era uma escola triste, as condições eram inaceitáveis para um ambiente educacional. Eu acredito que a uma melhoria em outras escolas públicas, possa ajudar no aprendizado, então como vamos exigir dos alunos aprendizagem?

Não foi difícil observar que as pessoas que compõe esse ambiente sentem-se bem e motivadas em fazer parte daquele espaço, de certa forma estimulados. Garrido (1990) afirma que a motivação é um processo psicológico, é uma força que se origina no interior da pessoa impulsionando para a ação. Neste aspecto, um professor relata “*Se não estamos motivados não teremos vontade de realizar determinadas atividades apresentas pra nós no dia a dia, vejo pelo nossos alunos, se eles não se sentem motivados dificilmente eles aprendem. Aqui vejo que eles sentem isso, porque tem muita coisa que chama atenção deles, fora o espaço da*

sala de aula.” Isto sugere que o clima organizacional deve corresponder a um estado de espírito coletivo e contribuir com bom humor, neste caso Luck (2010, p. 65) salienta,

[...] satisfação de expressão variável segundo as circunstâncias e conjunturas do momento. [...] evidencia-se que esse humor pode ser resultado não só dos elementos culturais instalados nas escolas (em cujo caso tende a ser mais constante), como pela influencia de elementos externos, como, por exemplo, uma reforma no prédio escolar, a introdução de novas tecnologias [...]

O ambiente favorece para que o aluno, professores e demais equipes gostem de estar ali. Assim, um dos alunos discorre, *“Aqui é bom estudar, a gente se sente bem com tudo que tem aqui, a escola faz a gente se sentir bem, eu não consigo me imaginar estudando em outra escola sem tudo isso aqui”*. A seguir apresentamos passagens dos depoimentos dos professores e gestores do Paraná levantaram como essencial para o trabalho a ser desempenhado com qualidade,

[...] *acho que a escola deve atender as necessidades dos professores primeiramente, comprar materiais que precisamos em sala, livros, mapas, entre muitas coisas que precisamos, se ela não tem condições de comprar não podemos fazer um trabalho diferente em sala de aula. Aqui temos materiais de sobra as vezes nem conseguimos usar tudo que tem.*

[...] *Já trabalhei em uma escola que não funcionava nada e não mandavam arrumar porque não tinham condições de contratar pessoas para executar o serviço. Hoje aqui, vejo que é muito importante manter os equipamentos funcionando, a merenda escolar, oferecer um ambiente agradável, acho que isso é fundamental em uma escola.*

Constata-se também que um fator importante para manter a escola de maneira satisfatória, no sentido de qualidade do ensino, é a disponibilidade dos recursos para mantê-las. A escola do Paraná por estar estabelecida em um regime chamado especial possui orçamento próprio, não tendo sérios problemas na parte financeira, segundo o relato da direção,

[...] *nós temos orçamento próprio [em torno de 12 milhões de reais por ano]. Parte do orçamento do estado, isto é, do tesouro estadual, é repassado diretamente para a direção do colégio. Fazemos a nossa folha de pagamento, pagamos todas as despesas da escola com orçamento próprio. Isso diferencia o colégio das demais escolas. Pelo fato de ser um regime especial, nosso orçamento é uma pequena fatia do orçamento do estado*

delegada à direção, que é a ordenadora de despesas. E ainda recebemos verba que vem do Governo Federal chamada PDDE – Programa Dinheiro Direto na Escola. O dinheiro que essa escola recebe é muito mais que suficiente para atender os alunos, professores, manter o espaço físico e toda a escola no geral. A escola precisa de uma verba assim para se manter. Nós prestamos contas diretamente para o Tribunal de Contas e diretamente para o governo do estado.

A direção enfatiza que em todas as outras escolas a verba principal é a do fundo rotativo⁴. Conforme ela a escola jamais sobreviveria com essa verba, jamais se sustentaria se saísse do regime especial. E os diretores da escola vão ter que se virar para arrumar recursos para mantê-la. A diretora complementa que pela história dessa escola ela não tem condições de sobreviver com o fundo rotativo, que é um valor repassado por aluno. Esses valores não cobrem as despesas de material de limpeza nesta escola. Então, conforme ela, esta verba, mesmo que fosse de 200 mil reais (o máximo a que chegaria pelo fundo rotativo), não sustenta a escola. Só para manutenção de piscinas, de pistas, de ginásio, as despesas estão previstas em 300 mil reais.

Apesar das duas direções considerarem muito importante os recursos financeiros, aposta que o desempenho está voltado para os sujeitos que estão inseridos ali, “*não adianta receber vários materiais se os profissionais não souberem usufruir de tudo isso e a qualidade do ensino não for boa*”, diz a direção SC. Em Santa Catarina a escola apresenta uma infraestrutura não muito diferente das outras escolas municipais. A escola possui, para oferecer melhor qualidade nas aulas, laboratório de informática, uma sala multiuso para aulas de artes e alemão, quadra esportiva, espaço para jogar ping-pong e biblioteca. A gestão esclarece que a Secretaria Municipal sempre atende muito bem a escola e sempre que precisa de alguma coisa envia uma solicitação, diz a diretora que quase sempre recebe, as vezes demora mas vem,

⁴ Segundo o site: <http://portal.tjpr.jus.br/web/fundorotativo>, **O Fundo Rotativo é um sistema de descentralização administrativa/financeira**, foi criado pela Lei nº 11.767 de 10 de julho de 1997, regulamentado pelo Decreto Judiciário nº 047 em 30 de janeiro de 2001, reestruturado pelo Decreto Judiciário nº 321 de 9 de agosto de 2005, para viabilizar com maior agilidade o repasse de recursos às Comarcas, visando dar melhor dinamismo à realização de despesas com manutenção e outras atividades relacionadas ao serviço jurisdicional. Os recursos do Fundo Rotativo devem ser aplicados nas despesas de aquisição de materiais indispensáveis ao serviço jurisdicional (não disponíveis no estoque), manutenção e de pequenos reparos nos bens e prédios forenses.

Nós temos pais muito presentes na escola, eles sempre ajudam no que for preciso, fazemos muitas coisas aqui na escola com ajuda dos pais, Não esperamos vir da secretaria, os pais mesmo se reúnem e fazem o que está precisando na escola. São pais com um bom recurso financeiro isso ajuda muito nossa escola. Acho o recurso financeiro muito importante para a escola, mas mais importantes são os professores que estão aqui dentro para ensinar com competência.

Sobre a colaboração dos pais nas melhorias da escola uma das professoras que teve experiência em outras escolas públicas comenta,

Aqui não temos problemas, mas reconheço que os valores recebidos pela mantenedora não são suficientes para atender a todos em outras escolas públicas. Esses gestores fazem milagre tendo que sanar seus problemas arrecadando recursos financeiros junto à comunidade. A Associação de Pais e Mestres que há nas escolas, fica basicamente para atender essa necessidade da escola, E poderiam ajudar nas decisões dos assuntos da escola. E vão a busca de recursos, que são através de rifas, promoções, bazar, entre outros.

Nesta escola se identificou muitos componentes que os pais colocaram com recursos próprios, como portão eletrônico, melhoria no acesso aos carros e bicicletas dos alunos. Estavam também se mobilizando para colocar climatização em todas as salas de aulas. Entretanto, Paro (2001, p. 67) destaca que a participação dos pais e da comunidade na escola, “[...] não pode cair no equívoco de delegar aos pais e a comunidade aquilo que compete ao Estado, por meio da escola, realizar”. Nesse caso, a participação dos pais não deveria ficar somente na participação de festas, bingos, rifas, promoções realizadas pelas escolas, ou ainda prestar um serviço para a escola sendo que é obrigação do Estado e não deles.

Na escola de Santa Catarina quem controla os recursos financeiros é a própria Secretaria de Educação. Uma reflexão sobre o assunto é importante, ao mesmo tempo, que se questiona será que a Secretaria de Educação acompanha o dia a dia da escola para enviar materiais ou faz manutenções de acordo com a necessidade da escola? A pessoa certa para atender as necessidades da escola não seria a própria direção ou Associação de Pais e Mestres?

Por meio dos dados do censo escolar de 2010, obtido pelo INEP que dispõem de informações anuais das escolas em diferentes aspectos, como matrículas, fluxo de alunos,

dados sobre as características básicas das escolas, sobre os bens materiais e edificações e ainda alguns dados sobre os professores, técnicos administrativos, constata-se que não há escola estadual pública no Paraná com a infraestrutura como esta analisada. Concorde-se com a professora quando fala da sua experiência vivida em escolas públicas que algumas não apresentam as condições básicas para a educação, deste modo, considera-se um dos fatores importantes que pode ter contribuído para o “sucesso” nestas escolas, como já se afirmou anteriormente, especialmente a do Paraná. As políticas públicas educacionais não podem ignorar este fato. Sabe-se que propiciar melhorias neste sentido, poderá resultar na aprendizagem ou fracasso escolar. Contudo, deve-se refletir sobre o que Demo (1993, p. 89) diz,

Todos os apoios didáticos, importantes em si, dependem da capacidade do professor, inclusive aproveitamento das adequações físicas dos estabelecimentos, do material escolar etc. O único livro didático insubstituível é o próprio professor. Deve estar de tal modo bem formado que, se necessário for, ele mesmo prepara texto de português, exercício de matemática, projeto de planejamento etc.

Portanto, de nada adianta a escola apresentar uma infraestrutura significativa para a melhoria do ensino e aprendizagem se o professor não estiver preparado para usufruir com competência e capacidade dos materiais de apoio.

4.2.4 O trabalho pedagógico no “sucesso” escolar.

Dentre os fatores destacados para as possíveis razões do “sucesso” escolar nestas duas unidades escolares, o apoio pedagógico foi bastante levantado ou citado, principalmente na escola de Santa Catarina. Tanto os professores, pais, alunos e gestores destacam que outro motivo para o “sucesso” escolar está relacionado ao trabalho desempenhado pela equipe pedagógica, pedagogos, professores e direção. O relato de um dos professores de Santa Catarina confirma “as ações contribuíram para que essa equipe esteja no mesmo caminho e a valorização, reconhecimento, apoio são importante para que haja motivação e se reflita no desenvolvimento dos alunos e da sala de aula”. Libâneo (2001, p. 81-82) explica que a participação em conjunto é de extrema importância para proporcionar um ensino de

qualidade. E acrescenta que essa participação significa a intervenção dos profissionais da educação e dos alunos, pais na organização da escola.

Na pesquisa pode-se visualizar também o destaque que, principalmente os professores dão para a necessidade de serem valorizados na escola, de serem reconhecidos em seu trabalho e de apoio quando necessitam de alguma ajuda na sala de aula, especialmente em relação a indisciplina ou alunos desinteressados e de um trabalho em conjunto nas resoluções dos problemas. Isso representa mais comprometimento da parte deles com a escola, pois segundo a professora PR1, “*Quando somos apoiados na escola, ficamos mais comprometidos com ela, com os alunos, em ensinar, com todos*”. É a partir deste contexto que Freitas (2000) pontua que em alguns casos este descomprometimento pode estar associado às dificuldades apresentadas no relacionamento entre direção, funcionários, estudantes e professores.

Ademais, os professores levantam a importância de poder participar das decisões da escola. No Paraná, os professores e direção sentem dificuldades em reunir a equipe para as tomadas de decisões ou discussões de alguns assuntos fundamentais para a escola. Neste sentido, Freitas (2000, p. 57) explica que nas escolas o professor permanece pouco tempo, não em tempo integral, e é justamente no Paraná que professores trabalham em outras escolas também, vindo daí os problemas para se formar uma equipe participativa,

As escolas que apresentam mudanças constantes de professores, combinadas com pouco tempo de permanência na escola, têm mais problemas para instalar uma gestão participativa. Escolas com destacado desempenho têm um quadro de professores com tempo integral mais do que de professores que dividem seu tempo de trabalho com outras escolas.

É deste cenário que averiguamos que na escola do Paraná os professores estão um bom tempo na escola, mas trabalham em outras unidades escolares prejudicando realização do trabalho em conjunto. Mesmo sendo professores efetivos, trabalham em outras escolas particulares também, nesse caso, dificulta o encontro nas reuniões realizadas com a finalidade de discutir alguns problemas ou melhorias encontrados na escola. Ao falar nas horas atividades realizadas pelos professores na escola do Paraná, a direção reclama que seria um trabalho grandioso se pudessem concentrar os professores nas hora atividades por disciplinas para conversar com os pedagogos e discutir com outros professores de disciplinas afins, e dessa forma, trabalhar de maneira interdisciplinar. Porém, isso não acontece, e ela esclarece “

como os professores trabalham em outras escolas também, não podemos concentrar as horas atividades dos professores em um único dia da semana. Tentamos por várias vezes fazer isso, mas não conseguimos reuni-los para a realização desse trabalho”. E ainda ressalta que “não conseguimos reunir todos os professores nas reuniões pedagógicas que fazemos também. Isso prejudica nosso trabalho em conjunto na escola”. Nesse caso, seria viável que os professores fossem efetivos as 40 horas na mesma escola, assim facilitaria esse trabalho em conjunto e a concentração de hora atividades para as discussões em conjunto. Na grande maioria dos professores dessa escola do Paraná, segundo a direção, não tem 40 horas efetivas, a maioria possui somente 20 horas efetivas, por isso vão para outras escolas particulares para completar com mais 20 horas, a carga horária semanal de 40 horas.

A direção comenta que nem sempre os professores efetivos com 20 horas, conseguem aulas extras para fechar sua carga horária naquela mesma escola. Pois, há vários professores que assumiram concurso com apenas 20 horas. Diante disso, a escola e os professores não conseguem realmente realizar esse trabalho em conjunto. Cabe as Políticas Públicas analisar e tentar solução para esse problema. Uma das soluções que o estado vem apresentando é dobrar a carga horária dos professores que possuem apenas 20 horas nas escolas, para permanecer com 40 horas e permanecer somente nessa escola. No entanto, é um processo lento e enquanto isso não acontece as escolas perdem essa interação dos professores que é fundamental para a realização de mudanças e melhorias nas escolas.

Já na escola de Santa Catarina observa-se que procuram realizar um trabalho em conjunto, fato que se explica pela permanência dos professores na escola, conforme Freitas (2000). Os depoimentos mostram que o trabalho desenvolvido é muito bom, o professor SC5 ressalta, *“Acho o trabalho do pedagógico em nossa escola ótimo, tem um entrosamento, procuram estar sempre presente, nos apoiando, procura sempre ouvir os professores, todos os profissionais apóiam.”* Já Luck (1998) acredita que as escolas precisam de líderes que facilitem a resolução dos problemas, que sejam capazes de trabalhar em conjunto e ajudar no que for preciso, bem como devem saber ouvir o que os outros têm a dizer. Em Santa Catarina os pedagogos acompanham o desempenho dos alunos sem sala e quando não estão com um bom rendimento é comunicado os pais para comparecerem na escola ou então conversarem com o filho em casa, em determinadas situações.

Nesta escola também as reuniões com os pais são frequentes para repassar sobre a situação atual do aluno, entretanto, as reuniões não se resumem, segundo o relato dos pais e

professores, somente em reclamações e sim procuram ouvir os pais. As mães contam que o número de pais (pais e mães) presentes nas reuniões sempre é grande. “*Não estamos na escola somente quando somos chamados, mas sempre acompanhando, isso acontece com a maioria aqui, mas nas reuniões sempre têm diversos pais, acho que quase todos, se faltam são poucos, não sei dizer.*”

No Paraná, os pais como citado anteriormente, são orientados ao matricular os filhos que deverão acompanhar o desempenho dos filhos, se o aluno não estiver obtendo um bom rendimento os pais são avisados. Porém, nota-se que a presença dos pais na escola é muito rara. Os pais procuram orientar os filhos em casa e dificilmente comparecem na escola para conversar com os professores, pedagogos ou direção. As reuniões de pais são realizadas no início do ano letivo para que eles tenham conhecimentos de como serão desenvolvidas as atividades durante o ano, todavia, poucos estão na escola. Uma das mães reclama quando há reunião na escola,

Fui uma vez nas reuniões, reunião que teve de esportes ou no início do ano, nem sei. Eu lembro que eu dei sugestão tempos atrás, mas eu nem me lembro o que. Os outros nem falaram. O fato é de participar por participar ali, porque tem pais que, eles (escola) falam tudo que tem que falar, daqui a pouco um pai levanta a mão ali e pergunta a mesma coisa que já foi falado, é complicado. No final, acaba não dando em nada, ficou do jeito que a escola queria. Acho que também já fazem isso porque sabem que ninguém vai falar nada, fazem por obrigação essas reuniões. Além da demora, muita reclamação, se for assim então podiam mandar uma carta contando tudo que era melhor [...]

Neste contexto, Caetano (2003) reforça que nesse tipo de parceria escola, família e comunidade, os professores devem ter consciência de que estas reuniões, em que o objetivo é chamar os pais para ficarem cientes da situação dos filhos na escola, devem ser replanejadas, pois normalmente são extensas e somente os professores falam, em muitas delas não é dada oportunidade para os pais falarem também, por isso surgem conversas paralelas, fazendo com que os pais não demonstrem interesse pela vida escolar do filho e, muitas vezes, faltam nas reuniões por esse motivo.

Nesta perspectiva, pondera-se que o trabalho em conjunto, com pais, comunidade, professores e toda a equipe escolar não significa concordar com tudo e com todos. As discussões, as opiniões, as mudanças são necessárias para formar esse coletivo, mas acima de

tudo deve-se priorizar o respeito com a opinião das pessoas que fazem parte desse grupo, independente se isso vai contra ou não a escolha dos demais. E, claro, isso se torna complicado em um grupo que não sabe dividir ou contribuir efetivamente para este acontecimento. No caso dos pais, Luck (2000) coloca que sentem receio em se pronunciar diante das decisões, por medo que o filho seja prejudicado na escola, por essa razão acabam silenciando e aceitando as opiniões da direção e professores. Em Santa Catarina os pais e alunos reconhecem que o “sucesso” escolar está voltado para o trabalho de todos envolvidos na escola, segue alguns depoimentos,

Considero que essa escola tem “sucesso” por um conjunto em geral, tudo, professores, orientadores, diretoras até o quadro de funcionário, tudo, todo mundo é importante dentro de uma escola. Eu não destacaria nenhum, acho que é um conjunto. Se não funciona uma peça do conjunto, não funciona nada (Mãe SC1).

Penso que aqui nessa escola o ensino é bom, primeiro eu acho que o professor deve ser competente, depois a direção para organizar e eu acho que a direção cobra dos dois lados tanto dos pais como dos professores. [...] Eu acho que é um conjunto. Os professores, porque eu acho que é a peça principal para a educação do seu filho é o professor. Eu sempre falo, o professor já tem um lugarzinho no céu. Porque entrar em uma sala de aula se dispor a ficar na sala de aula 4 horas ensinando seu filho... a família eu acho que é super importante estar presente, conversar, você estar presente na vida do seu filho e conversar e si interessar pelo que está fazendo (Mãe SC4).

[...] a colaboração num geral dos alunos junto com os professores e direção é a razão da escola ir bem [...] (Aluno SC1).

Na escola do Paraná poucos contribuíram com alguma idéia para melhoria na educação. Um professor explica “*Não vou culpar a escola, nós que não nos envolvemos na verdade, temos outras escolas e nem sempre participamos das reuniões na escola.*” Nos depoimentos percebe-se que para a construção do Projeto Político Pedagógico não há participação efetiva, tanto dos pais como dos alunos, direção e equipe pedagógica. Nas duas escolas não se mobilizam e também não estão presentes nos encontros quando há discussão segundo a direção. E quando perguntou-se qual era a participação deles nos assuntos das ações pedagógicas da escola ou do Projeto Político Pedagógico, as respostas não foram muito diferentes nas duas escolas quanto à participação, seguem depoimentos dos alunos,

Não, nunca participei (SC1)

Eu fui numa reunião que tinha pra resolver um problema com uma professora lá. Mas foi a única que eu fui para dar opinião ou alguma coisa dessa forma (PR4)

Diretamente para a escola não, as vezes falo em casa e minha mãe fala na escola (SC2)

Não, nenhuma (SC3)

Eu entrei para o grêmio esse ano. Entrei para uma chapa a chapa ganhou, acho que vou participar mais, antes não (PR1)

Não, não participo (PR2)

Eu, acho que nunca participei (PR3)

Com esses depoimentos é notório a ausência de participação dos alunos nas ações escolares. Reforça ainda mais os questionamentos em relação a formação de cidadãos críticos e atuantes. Alunos notas dez em sala de aulas, mas não podemos ignorar a falta de envolvimento deles nas decisões e participação das ações realizadas pelas escolas para a construção de seu próprio conhecimento. Verifica-se que essas duas mantêm a tradição de ensinar e vem apresentando bons resultados nesses índices de avaliação externa, e como vimos é um orgulho para todos os envolvidos nelas. Porém, despertar no aluno a vontade de se envolver social, política e culturalmente é função do professor também. E ensinar sobre a democracia é importante em uma escola, porém ensinar pela participação efetiva, envolvimento pela democracia é fundamental.

As mães,

Não, para dar opinião não fui, fui para escutar eles falarem, isso sim (PR1)

Não, não vamos na escola freqüente, as vezes tem alguma reunião que tem lá, quando tem alguma mudança, mas é só isso. Eles não costumam chamar muita a gente. A última reunião tinha lá explicando as regras (PR2)

Eu acho que sim, nas as reuniões que são feitas eles sempre falam que precisam decidir isso e aquilo e nós falamos, as vezes não aceitamos outras vezes sim(SC2)

Sei que é errado, mas não, quase nunc. Vou na escola sempre, mas não faço participo da construção do PPP (SC4)

Acho que pelo fato do meu filho não dar problema na escola e eu estar sempre aqui, sempre falo o que preciso melhorar aqui e tudo mais, mas sei que precisava participar mais, a direção cobrava isso da gente (SC5)

De encontro com a discussão empreendida por Vasconcellos (2006) o projeto político pedagógico “[...] é um instrumento teórico metodológico que visa ajudar a enfrentar os desafios do cotidiano da escola, e que é essencial a participação de todos os envolvidos”. Contudo, é notório que precisa ocorrer uma interação maior com as condições de vida escolar e familiar. A participação dos pais e dos alunos na construção do Projeto Político Pedagógico é de extrema importância para solucionar determinados problemas, porém direcionar a metodologia de trabalho para essa interação torna-se uma dificuldade para a escola. As reuniões acabam sendo somente para reclamações e repasse de informações sem dar voz aos pais e alunos, nesse caso, há necessidade de novas metodologias de trabalho na escola.

Os professores precisam ter um espaço para essas discussões junto com os pais, alunos e toda a equipe da escola. Como foi salientado que os profissionais que atuam nestas duas escolas procuram se aperfeiçoar constantemente para desempenhar um trabalho com mais qualidade na escola, Luck (2000), acrescenta que essa formação é plena não apenas mediante uma nova mentalidade e atitudes; ela necessita, para sua expressão, de conhecimentos e habilidades, que tornam as pessoas capazes de agirem com proficiência. De nada adianta as boas ideias sem que sejam traduzidas em ações competentes e conseqüentes.

Diante do exposto, considero que a discussão realizada com os autores ofereceu subsídios relevantes para a possibilidade de conclusão dessa pesquisa, assim como ressaltou a importância dos sujeitos que participaram da investigação. Diante disso, as dimensões que encontramos explicam as “possíveis razões” para o “sucesso” nessas duas escolas públicas, porém, fica a provocação para estudar em outras escolas esse “sucesso”, pois foi notório que alguns aspectos encontrados são específicos dessas escolas e favoreceu o bom rendimento nas avaliações externas. Nesse sentido, houve vários questionamentos sobre os indicadores dessas avaliações. Contudo, essa investigação, foi de extrema importância tanto como pessoal, profissional e intelectual. Na tentativa de explicar o que senti durante o processo de realização dessa investigação e na possibilidade de continuação dessa temática, finalizo esse trabalho compartilhando o que Guimarães Rosa diz: “ eu não sentia nada. Só uma transformação pesável. Muita coisa importante falta nome”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa procurou identificar as dimensões que influenciaram para o “sucesso” escolar de duas escolas, uma no estado do Paraná e outra no estado de Santa Catarina. A escolha se deu por meio do índice no IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, nesses dois estados, portanto, se selecionou as escolas que apresentaram o maior índice em 2009 na avaliação para que fosse possível investigar os fatores que contribuíram para que elas atingissem esse indicador. Destacam-se alguns fatores comuns nessas escolas que podem ter sido importantes para o bom desempenho dessas escolas no IDEB.

Compreende-se que os resultados dessas avaliações externas não são garantia de êxito, mas a partir desta investigação pode-se refletir sobre dimensões encontradas e procurar explicar as possíveis razões para esse “sucesso”, pois muitas escolas públicas vêm apresentando uma média nacional muito abaixo diante destas avaliações. Entretanto, mesmo ao final deste trabalho ainda surgem indagações a respeito do IDEB, afinal a prova aplicada nas escolas públicas e urbanas, chamada de Prova Brasil pode “provar” ou “aprovar” com apenas uma nota, o “sucesso” real da escola e dos alunos? E os alunos que não conseguiram um bom desempenho nestas escolas terão auxílio pedagógico? Após o resultado, as escolas que não obtiveram “sucesso”, terão um acompanhamento para melhoria no ensino? É apresentando o “por quê” deste resultado? Qual é o problema ou a razão do “sucesso”? São questionamentos surgidos após a investigação e que ficam em aberto para que futuros pesquisadores possam investir em seus estudos ou quem sabe a pesquisadora poderá aprofundar em um próximo trabalho.

Esta pesquisa objetivou buscar as possíveis razões de “sucesso” de duas escolas em dois estados diferentes (PR e SC) como já foi exposto, no entanto, sabe-se que existem outras escolas que chegaram a atingir também um índice elevado, neste sentido pergunta-se quais foram estas razões? Martins (2001) explica que podemos considerar essas avaliações externas um importante indicador para que os dirigentes escolares, estado, município possam corrigir alguns problemas, reorganizar as discussões ou a metodologia de trabalho, promover melhorias no ensino, mas que estes resultados finais nos testes padronizados, não capta a real dinâmica das unidades escolares.

Fernandes (2007) analisa que esses indicadores do desempenho escolar são fundamentados em duas ordens de fatores: a) indicadores de fluxo (promoção, repetência e

evasão) e, b) pontuações em exames padronizados obtidas por estudantes ao final do 5º e 9º ano do Ensino Fundamental e 3ª série do Ensino Médio. Frente a isso, evidenciaram-se nessa pesquisa algumas dimensões intraescolares e extraescolares que se configuram em fatores importantes que se sugere ter contribuído para que estas escolas fossem bem sucedidas nesta avaliação externa. Na análise optamos por dar dois enfoques intraescolares e extraescolares para facilitar a compreensão do estudo.

Na análise da dimensão “extraescolares” se procurou olhar os aspectos da escola de um modo mais global, uma análise de fora para dentro da escola, os subtítulos estão intitulados como: a escola como referencia para o “sucesso”; os alunos selecionados para o “sucesso” nessas escolas; a participação da família no “sucesso” escolar desses alunos e alunos compromissados com o “sucesso”.

Na análise da dimensão “intraescolar” abordou os processos internos, os quais são denominados com os subtítulos, um aprender e ensinar além da sala de aula; os professores e gestores que atuam para o “sucesso” nessas escolas; a infraestrutura escolar no auxílio ao “sucesso” escolar e o trabalho pedagógico no ‘sucesso escolar’. Na abordagem destas duas dimensões alguns autores foram fundamentais como Lahire (2008) Charlot (2000), Paro (2001-2007-2008), Luck (2000), Freitas (2000) Libâneo (2001-2004), Arroyo (2000), Demo (2006), entre outros, que nos auxiliaram em todo o estudo.

Na dimensão extraescolares encontra-se a imagem pública das escolas: as duas escolas, tanto do Paraná como de Santa Catarina são consideradas escolas públicas de “ alta qualidade”, bem como vêm apresentando um bom índice nas avaliações externas desde 2005. Por essa razão tornam-se cada vez mais referenciadas socialmente. Os estudantes que estão matriculados nelas têm um bom rendimento escolar. Tanto os alunos como os professores sentem-se orgulhosos de fazer parte da escola, por ser uma referência. Também todos (as) que ali estão inseridos sentem-se valorizados e respeitados fazendo com que todos os envolvidos se motivem e desenvolvam um trabalho com “qualidade”.

Os pais demonstram satisfação em matricular seus filhos nestas unidades escolares, creditam à qualificação, à experiência e à formação dos professores o bom rendimento dos filhos na escola. Confiam que o fato dos filhos estarem entre os alunos mais preparados na escola é um grande diferencial no desempenho dos alunos e da escola. Destacam-se alguns fatores que podem explicar a razão dos alunos apresentarem um bom rendimento nas avaliações externas. Na escola do Paraná, por exemplo, os alunos para garantir uma vaga,

precisam passar por uma análise de currículo, somente os alunos que apresentarem notas maiores na disciplina de Português e Matemática, terão a vaga garantida, outro critério estabelecido e respeitado é a faixa etária do aluno.

Esta seleção não é comum acontecer nas escolas públicas, porém, esta escola pertence a um regime especial, nesse caso, pode ter autonomia na administração, como o número da procura é maior que o número de vagas a seleção se faz necessária. Como a escola é uma escola de referência no estado, todos que conseguem ingressar nela procuram obter um bom desempenho para garantir a matrícula. Como já apontamos os testes padronizados aplicados pelo MEC nas escolas avaliam o desempenho dos alunos, do quinto e nono ano que respondem questões de Português, focalizam a leitura e interpretação e Matemática, centralizando na resolução dos problemas.

Ao selecionar alunos com um bom desempenho nestas disciplinas se favorece o resultado positivo nas avaliações externas. Contudo, esses alunos que foram entrevistados chegaram à escola no oitavo ano e as avaliações foram aplicadas nos quintos e nonos anos. Nesse caso, questiona-se se estes alunos chegaram na escola com um bom desempenho ou essa escola preparou os alunos em um ano para que eles pudessem responder as questões das provas com “sucesso”?

Na escola de Santa Catarina não há seleção de alunos, entretanto, os alunos pertencem à escola desde as séries iniciais. No entanto, apresentam baixa rotatividade das famílias e a evasão torna-se quase inexistente, somente quando algum aluno troca de cidade ocorre a transferência, fora disso eles permanecem na mesma escola das séries iniciais até o nono ano. A escola situa-se em uma região com moradores de alto poder aquisitivo e, nestas duas escolas, o grau de escolaridade das famílias entrevistadas é elevado, possuem o ensino superior, fatores que se acredita terem influenciado também no bom desempenho dos filhos. Uma das razões deste fator ter influenciado nos resultados finais é o baixo número de evasão e abandono, esse último não foi constatado em nenhuma dessas escolas.

Isso também procede para a escola no Paraná, os alunos procuram permanecer na escola por ela oferecer várias atividades diferenciadas, ser referência no estado, não há muito abandono ou evasão durante o ano letivo. Os pais nestas duas escolas demonstraram serem exigentes ao acompanhar o rendimento do seu filho na escola e em casa, no Paraná, para não perder a vaga naquela unidade de ensino, os pais procuram orientar os filhos para cumprir com as regras e obter bom desempenho. E estão na medida do possível sempre

verificando os cadernos, comprando os materiais necessários, uniformes, enfim, tudo que a escola exige para promover um ensino com mais qualidade. Em Santa Catarina, os pais estão mais presentes na escola e podem acompanhar mais de perto seus filhos, conhecer os amigos, professores, a organização da escola, etc. Lahire (1997) considera que a relação dos pais e a escola é realizada pela socialização dessas duas instituições (familiar e escolar) e castigar os filhos quando os resultados não são satisfatórios, comprar cadernos, ficar atentos para que os filhos vão para a cama cedo, etc. são formas dos pais participarem da vida escolar do filho e que não pode ser ignorado.

Este contexto leva a refletir que alguns alunos nas escolas públicas não conseguem um bom rendimento porque se sentem isolados por não ter a parceria dos pais na vida escolar. Segundo Lahire (2008), os casos de fracasso escolar, muitas vezes, é devido aos alunos se sentirem sozinhos no universo escolar. Eles, muitas vezes, não podem socializar em casa o que aprendem na escola e o mesmo acontece no ambiente escolar, se sentem alheios diante daquela realidade sem poder dividir o que acontece em casa. Se observarmos a realidade de outras escolas públicas e com base nos depoimentos dos professores que trabalharam em outras escolas municipal e estadual, podemos constatar que muitos pais não compram sequer os materiais básicos para serem utilizados em sala de aula, caderno, lápis, caneta, borracha. O aluno acaba ficando sem apoio familiar e escolar, sem motivação, neste sentido, Garrido (1990) afirma que a motivação é uma força que impulsiona para a ação.

No caso destas duas escolas os alunos têm a parceria de “cobrança” dos pais, talvez não tão presente na vida escolar, mas estão sempre acompanhando, vendo os cadernos, comprando os materiais necessários, comprando um livro, etc. Sobre isso Lahire (2008) reforça que em alunos de “sucesso” escolar os pais querem comprar livro para os filhos, vão a biblioteca e lêem o mesmo livro para incentivar a leitura. Essa socialização entre escola e família torna-se importante no desempenho dos alunos e mesmo sendo famílias trabalhadoras se preocupam com a vida escolar do filho. Nessa pesquisa, constatamos que os pais são realmente cobrados da escola em relação as notas dos filhos, disciplina, cumprimento de regras entre outros, porém a escola também é cobrado pelos pais o compromisso em ensinar, organização, bem estar do filho na escola, segurança, entre outros fatores.

Como aspectos intra-escolares destacam-se nas duas escolas as atividades “extracurriculares”, são atividades que a escola oferece para ampliar a carga horária dos estudantes. Nota-se que, tanto os professores como os pais preferem que os filhos

permaneçam maior parte do dia na escola. O professor acredita que o aluno estando na escola em um tempo mais amplo melhora seu comportamento em sala de aula e ficam mais disciplinados, além do mais ficam longe de outros problemas, enquanto não estão na escola.

Para os pais é melhor que os filhos estejam o tempo integral na escola, pois desta forma ficam isentos de ter tempo para acompanhar os filhos durante o dia, porque trabalham fora, e os filhos não ficam muito tempo em frente do computador ou na rua. Por isso a participação nestas atividades extracurriculares ajuda os pais a ficarem mais seguros quanto à aprendizagem de seus filhos. Venosa (2005) discorre que estas atividades extras acabam por distanciar os filhos dos pais e da escola, estado, município, acaba assumindo a responsabilidade dos pais.

Perguntou-se na Secretaria da Educação estadual do Paraná, que tive acesso, se outras escolas públicas apresentam atividades extracurriculares para os alunos também, neste aspecto, ficou evidenciado que o governo oferece atividades de esportes, artes, música, idiomas, danças, todavia, a infra-estrutura das escolas não atende esses programas. As escolas não possuem espaço adequado para o desenvolvimento destas atividades e acabam deixando de oferecer aos alunos a oportunidade de um aprendizado mais eficaz. Ao contrário desta escola pesquisada no Paraná que possui uma infra- estrutura acima do perfil das escolas públicas brasileiras,

Nas escolas estaduais públicas, segundo informação da Secretaria de Educação nenhuma delas apresenta uma infraestrutura como essa. Comprovamos que uma das razões dos alunos estarem motivados em aprender e gostar na escola está relacionado ao fato da escola oferecer várias atividades diversificadas, e isso acontece pelo fato da escola apresentar uma infraestrutura favorável. E as demais escolas que não possuem essa infraestrutura, poderão ser avaliada igual a essa?

Um fator que podemos considerar positivo para o “sucesso” destes resultados é a baixa rotatividade dos professores, na escola de Santa Catarina, por exemplo, os professores trabalham entre 16 a 25 anos na mesma escola. Os alunos iniciam sua escolaridade nesta mesma unidade de ensino e ficam até o nono ano do Ensino Fundamental. No Paraná os professores são contratados e estão na escola anos consecutivos podendo desempenhar um trabalho com mais qualidade. Não encontramos essa baixa rotatividade nas escolas públicas, cada início de ano novos professores entram em sala de aula sem conhecer seus alunos e os alunos ao professor. Isso não seria prejudicial ao aluno?

Outro fator importante que se encontrou na investigação é quanto à formação dos professores nestas duas escolas, todos (as) têm nível superior, especialização e procuram se reciclar frequentemente, principalmente na escola de Santa Catarina. Os alunos aprendem com professores qualificados desde que chegam à escola, nas séries iniciais. A qualificação dos professores que atuam nas séries iniciais é uma questão relevante no sentido de promover um ensino com mais qualidade nas escolas. Segundo o MEC (2000), a desarticulação entre a formação de professores da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental e a formação dos professores para os anos finais e médios faz com que se apresente uma grande evasão escolar e repetência dos alunos.

Nota-se também que em Santa Catarina a escola pode contar com a colaboração efetiva dos pais em relação à aquisição de algum material. A direção acredita que por serem alunos de um nível aquisitivo melhor, muitos materiais os próprios alunos trazem de casa, muitas vezes não se tem a necessidade da escola destinar recursos nesse sentido. Enfatiza-se que é fundamental a participação dos pais no acompanhamento dos filhos à escola para favorecer uma melhor qualidade no aprendizado deles. Entretanto, como diz Paro (2001) não é obrigação dos pais prestarem esse tipo de auxílio a escola, é obrigação do estado, e nesse caso, do município atender e oferecer uma educação de qualidade nas escolas.

No Paraná, a escola possui orçamento próprio, recebe um valor considerável para atender os alunos. Por ser uma escola de grande porte, é como se essa unidade de ensino fosse um apoio para a Secretaria de Educação, no entanto, não depende das verbas que o estado envia para as outras escolas. Também recebe verbas do Governo Federal, além dos valores próprios que possui. Neste sentido, salienta-se que nas duas escolas os valores financeiros ajudaram, para o bom rendimento escolar, e reforçam a importância de manter a escola bem preservada para proporcionar melhores condições de trabalho aos profissionais e alunos.

A investigação também apresenta o que muitos pais, professores, alunos e gestores falaram sobre o valor de um trabalho em “conjunto”, por várias vezes afirmavam que o “sucesso” destas escolas é resultado de um trabalho em “equipe”. Contudo, observou-se que quando se comentava do trabalho coletivo poucos participavam efetivamente. Percebeu-se que foram poucos encontros realizados em conjunto com os professores, alunos e pais para as decisões da escola, especialmente no que diz respeito ao Projeto Político Pedagógico. No Paraná os professores trabalham em outras escolas e isso dificultou a participação nos encontros coletivos.

Neste aspecto Libâneo (2001, p 85) acredita que a escola possui uma cultura própria, ela pode ser modificada pelas pessoas, pode ser discutida e replanejada, desde que seja em conjunto “num rumo que responda aos propósitos da direção, da coordenação pedagógica, do corpo docente”. Os alunos e pais não tiveram participação nestas discussões, muitos reclamaram que a escola não convidava para esses assuntos e sim para encontros para repassar a situação dos filhos na escola ou para discutir sobre o desempenho escolar deles. Os pais não tinham vez para expor suas ideias ou para sugerir. Neste ponto, Luck (2010) pondera que a escola define e assume para si, muitas vezes de forma sutil e disfarçada ampla autonomia sobre o estabelecimento de seu modo de ser e de fazer.

Em Santa Catarina, os professores encontram-se em tempo integral na escola e os encontros acontecem com mais facilidade, podem trocar experiências e, ao mesmo tempo, tentar melhorias. Entretanto, os pais e alunos admitiram que pudessem estar mais envolvidos nessa questão. Portanto, concorda-se com Silva (2010) quando diz que não podemos definir a escola efetivamente a partir do Projeto Político Pedagógico elaborado pela própria escola. Para isso seria necessário ficarmos isento de julgamentos sobre a forma de pensar e atuar nela praticados e assumidos cotidianamente e para seus arranjos e inter-relações. Comparando as duas escolas em relação a participação efetiva, pode-se dizer que em Santa Catarina, a participação se torna colaborativa, os pais estão sempre presente para atender a escola no que ela precisa. Seja financeiro, problemas com notas dos filhos, disciplina, descumprimentos de regras, etc, A escola do Paraná a participação dos pais acontecem mais em forma de cobrança no desempenho dos filhos, quase não aparecem na escola. Mas estão sempre acompanhando junto com os filhos os rendimentos deles. Diante disso, observa-se que não há uma participação efetiva dessas duas escolas na construção do Projeto Político Pedagógico escolar. Os pais e também os alunos, não estão inseridos nessas discussões. Para tanto, é preciso acordar para que as escolas desenvolvam ações que proporcionem esse tipo de envolvimento dos pais. Os pais só poderão participar efetivamente se souberem realmente como a escola funciona com um todo. Se ele não sabem como ela é organizada pouco poderão contribuir mesmo sendo todos graduados e com grandes condições para auxiliar nas melhorias das ações escolares.

Nota-se também nestas escolas que todos os alunos entrevistados têm um objetivo de vida. Querem estudar para estar em uma Universidade Federal ou serem bem sucedidos

profissionalmente. Percebe-se também que os professores motivam os alunos a sonhar alto e isso pode ser uma grande razão dos alunos gostarem de estudar e estarem na “frente”.

Todavia, como vimos nessa pesquisa o “sucesso” destas escolas resultou de uma combinação de fatores que favoreceram para que alcançassem um índice elevado nas avaliações externas. Lahire (1997, p. 287) confirma que “estes múltiplos elementos não se somam uns aos outros, mas se combinam para criar a realidade”. Neste contexto apresentado muitas escolas públicas, estaduais ou municipais, não conseguem controlar o fluxo de alunos, pois durante o ano letivo há várias transferências e abandonos influenciando no final para um resultado negativo nas avaliações externas.

O que fazer com as escolas não selecionam alunos, não são referências escolares na sociedade, não possuem uma infraestrutura adequada para ofertar atividades extracurriculares. Os alunos pertencem às classes populares, cultura familiar em alguns casos fragilizada, a minoria pertence à classe média e é frequente deixarem a escola por vários motivos particulares, troca de endereço, trabalho, desmotivação, etc. Chegam à escola segundo Arroyo (2000) *reprováveis*, sem capacidade de enfrentar o ritmo “normal” de aprendizagem.

A grande rotatividade de professores, alunos e familiares na escola também contribui. Os pais normalmente não apresentam escolaridade elevada para auxiliar no desempenho dos filhos e o nível de repetência, conseqüentemente se torna intenso, temos que refletir se estes são problemas que devem ser considerados para que estas escolas sejam “fracassadas”. O que fazer para que essas escolas consigam um bom desempenho? E os alunos que apresentam condições desfavoráveis para o “sucesso”, mas mesmo assim chega a atingir um bom rendimento nestas escolas, o que está feito para se perceber isso? Estão sendo valorizados e reconhecidos? De que forma?

No que diz respeito ao IDEB pode-se dizer que estas duas escolas apresentaram um bom índice, tendem a continuar com um índice elevado nas próximas avaliações também. O que fazer com aquelas que estão aquém, elas permanecerão com a média nacional sempre abaixo? Os critérios de avaliações, as provas, garantem melhorias no ensino e aprendizagem? São questões que continuam me instigando e sugiro para outros pesquisadores ou para um próximo estudo, pois desejo, apesar de não chegar a conclusões definitivas sobre esta temática, compartilhar e continuar a contribuir para diagnósticos ou reflexões inseridas nas Políticas Educacionais que possam vir a priorizar uma melhoria na qualidade do ensino. Com certeza, algo que cabe aos profissionais da educação. Afinal, a educação é um direito e dever

de todos, por isso necessitará cada vez mais de soluções que possam desvelar a qualidade do que se cria nos meios escolares.

6. REFERÊNCIAS

AGUIAR, Márcia Angela, ALLOUPA, Jomária Mata de Lima. **Formação de administradores da Educação: relatório da pesquisa**. Brasília: Anpae, 1998. (Série Estudos e Pesquisa, 2)

ANDRE, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Liber, 2005.

ARROYO, M. Fracasso-sucesso: o peso da cultura escolar e do ordenamento da educação básica. In. ABRAMOWICS, A.E MOLL, J. (org) **Para além do Fracasso Escolar**. Campinas, Ed. Papyrus, , 2000, 3ª edição, p. 11-26.

ARROYO, Miguel G. Experiências de inovação educativa. O currículo na prática da escola. In: MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa (org). **Currículo: políticas e práticas**. Campinas: Papyrus, 1999.

BALANCHO, M.J e COELHO F. (1996). **Motivar os Alunos – criatividade na relação pedagógica: Conceitos e práticas**. Lisboa: Texto Editora.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo** (L. de A. Rego & A. Pinheiro, trads.). Lisboa: Edição 70. 2006.

BATISTA, Analia S. CODO, Wanderley. A centralização de gestão. In: CODO, Wanderley, VASQUES-MENEZES, Ione (Org). **Educação: carinho e trabalho. “Burnout” a síndrome da desistência do educador, que pode levar a falência da educação**. Petrópolis: Vozes, Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, Universidade de Brasília, Laboratório de Psicologia do trabalho, 1999, p. 183-189.

BRASIL. Presidência da Republica. Índice de Desenvolvimento da Educação Básica: resultados 2009, disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/prova-brasil-e-saeb/prova-brasil-e-saeb>. Acesso em 15 de janeiro de 2012

BRASIL, Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do adolescente e dá outras providências. Diário oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 julho, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm. Acesso em 26/01/12 as 19h25min.

BODGAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação**. Uma introdução á teoria e aos métodos Trad. Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista, Porto-PT: Porto Editora, 1994.

BOURDIEU, P. (coord). **A miséria do mundo**. Tradução Mateus S. Soares Azevedo et al. 2 ed. Petrópolis: Vozes , 1997

BZUNECK, J.A. **As crenças de auto-eficácia dos professores**. In: F.F. Sisto, G de Oliveira, & L.D.T. Fini (Orgs). Leituras de psicologia para a formação de professores. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

CAETANO, Luciana Maria. **Relação escola e família: uma proposta de parceria**. Intellectus: revista Digital acadêmica das faculdades Unopec, Jaguariúna /SP. P. 8-16, jul/dez. 2003 Disponível em: http://www.seufuturonapratica.com.br/intellectus/_Arquivos/Jul_Dez_03/PDF/Luciana. acesso em 11 de novembro de 2010, as 14:50.

CAMPOS, Roselane Fátima. Relatório final da Pesquisa “**Concepções e Práticas dos diretores das escolas públicas das Redes Estadual e Municipal da 9ª GEECT/Joaçaba**”. Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC, Chapecó-Santa Catarina, 2006.

CAMPOS, Roselane F. **A reforma da formação inicial dos professores da educação básica nos anos de 1990**. Tese (Doutorado em Educação). Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2002.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia**. Cad. Pesquisa., São Paulo, p. 47-63, maio , 1996. Trad. Neide Luzia de Rezende.

_____. Da relação com o saber. **Elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CHARLOT, Bernard. **Entrevista**. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/ent_a.php?t=006. Acesso em 15 de Janeiro de 2012, ás 00h 12m

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 8ª ed. São Paulo: Cortez. 2006.

DEMO, Pedro. **Desafios Modernos da Educação**. Rio de Janeiro: Vozes , 1993.

FERNANDES, R.. Índice de **Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb)**. Brasília DF: Instituto Nacional Anísio Teixeira – INEP (Série Documental. Texto para discussão; 26, 2007a

_____. IDEB : Monitoramento objetivo da qualidade dos sistemas a partir da combinação entre fluxo e aprendizagem escolar. In **O Plano de Desenvolvimento da Educação – Em questão nº4** , Mariângela Graciano (Org). São Paulo : Ação educativa/Observatório da educação, 2007 b,

_____. **Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB)**. Instituto Nacional de estudos e Pesquisa educacionais Anísio Teixeira, Brasília, p, 26, 2007.

FREITAS, Katia Siqueira de. Uma Inter-relação: Políticas Publicas, gestão democrático-participativa na escola publica e Formação da equipe escolar. In: **Revista Em Aberto / Instituto Nacional de Estudos e pesquisas Educacionais**. V.17, n. 72, P. 47-59, fev/jun 2000

FORQUIN, Jean Claude. Abordagem sociológica do sucesso e do fracasso escolares: desigualdades de sucesso escolar e origem social. In.: FORQUIN, Jean Claude (Org). **Sociologia da Educação : Dez anos de pesquisa**. Petrópolis, Vozes, 1995, p. 79-145

GABRIEL, C. T. **Currículo: um elo importante na parceria escola/família**. TVEBrasil, Boletins, 2002.

GARRIDO. I. (1990). **Motivacion, emocion y accion educativa**. Em : Mayor, L. e Tortosa, F. (Eds). Âmbitos de aplicacion de la psicologia motivacional (pgs. 284-343). Bilbao: Desclee de Brower.

GATTI. Bernadete Angelina. **A Construção da Pesquisa em Educação no Brasil**. Brasília DF: Líber Livro 2007.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso Escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática , 2008. Tradução de Ramon Américo Vasques e Sonia Goldefeder

LAHIRE, Bernard. **Sucesso Escolar nos Meios Populares**. As razões do improvável. Tradução Ramon Américo Vasques e Sonia Goldfeder. 1ª edição. Editor, 2002

LAKATOS, Eva Maria,; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamento de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização a Escola Pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1987.

_____. **Organização e gestão da escola da escola**. teoria e prática. 5 ed. Revista e ampliada. Goiânia : Editora Alternativa, 2004.

_____. **Organização e gestão da escola da escola**. teoria e prática. Goiânia : Editora Alternativa, 2001.

_____. **Pedagogia e pedagogos, Para quê?** 3ª edição. São Paulo, Cortez, 2000

LIBANELO, J. C. ; OLIVEIRA, J.F; TOSCHE, M.S. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização** . São Paulo: Cortez, 2005.

LIMA, L. (1991). Produção e reprodução de regras: **normatismo e infidelidade normativa na organização escolar**. *Inovação*, 4, pp. 141-165.

LUDKE, Menga; ANDRÊ, Marli Elisa Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U, 1986.

LUCK, Heloisa. **Ação Integrada: Administração, Supervisão e Orientação Educacional**. 19ª ed. Petrópolis: 2002. Editora Vozes.

_____. Perspectivas da Gestão Escolar e Implicações quanto à Formação de seus Gestores. In: **Em aberto**. Brasília. V.17, nº 72, p. 3-5, fev/jun. 2000.

_____. **Gestão da Cultura e do clima organizacional da escola**. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2010 – série cadernos de gestão.

LUCK, Heloisa, SCHNECKENBERG, Marisa, DURLI, Zenaide. **A implantação e implementação de políticas educacionais: o caso do Proem**. Curitiba: PUC-PR, 1999.

LUCK, Heloisa et al . **A escola participativa: o trabalho do gestor escolar**. Petrópolis. RJ , Vozes 2005.

_____. **Gestão educacional: uma questão paradigmática** . V 1 – Petrópolis /RJ – Vozes, 2006. série cadernos de gestão

MARTINS, A.M.A . **Descentralização como eixo das reformas do ensino**: uma discussão da literatura. Educação & Sociedade. Revista de Ciência da educação : CEDES, n,77, ano XXII, p, 28-48, dez, 2001.

MELLO, Guiomar Namó de. Educação Escolar e Classes Populares: uma reflexão sobre o atual momento educacional e político do Brasil. In. ALVES, Nilda. **Educação e supervisão**. O Trabalho Coletivo na escola. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1998.

MORAES, Maria Cândida. **O Paradigma educacional emergente**. Campinas, SP: Papirus, 1997.

MACHADO, Maria Aglaê de M. Desafios a serem Enfrentados na Capacitação de Gestores Escolares. In: **Em Aberto**, Brasília, v. 17 nº72, p. 97-112. Fev/jun 2000.

MARQUES, R. **Professores, família e projeto educativo**. Coleção: Perspectivas actuais em educação. Porto Portugal: asa editoras, 2001.

_____. **O envolvimento da família no processo educativo**: resultados de um estudo em cinco países. Disponível em: <http://www.eses.pt/usr/Ramiro/texto.htm>. acessado em 30 de janeiro de 2012, as 16:30

MELLO, G.N. **Cidadania e Competitividade**: desafios educacionais do terceiro milênio. São Paulo: Cortez , 1993..

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO (2000). Proposta de diretrizes para a formação inicial de professores da educação básica em cursos de nível superior. Brasília: MEC. (http://www.mec.gov.br/sesu/ftp/curdiretriz/ed_basica/ed_basdire.doc), 2000.

NETO, C.A. [et al] . Educação e Gestão Descentralizada: Conselho Diretor, caixa Escolar, Projeto Político Pedagógico. In: **Em aberto**. Brasília. V.17, nº 72, p. 3-5, fev/jun. 2000.

PARO, Vitor Henrique. **Administração escolar**. Introdução crítica. 9 ed, São Paulo, Cortez, 2000.

_____. O Conselho de escola na democratização da gestão escolar. In: BICUDO, M.A.V.; SILVA JR, C.A (orgs). **Gestão, financiamento e direito à educação**: análise da LDB e da Constituição Federal. São Paulo. Xamã., 2001.

_____. Administração escolar e qualidade no ensino: O que os pais e ou responsáveis tem a ver com isso? In: BASTOS, João Baptista (Org.). **Gestão democrática** . 2. Ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2001. P. 57-72.

_____. **Qualidade do ensino: a contribuição dos pais**. 3. Reimpr. São Paulo: Xamã, 2007.

_____. **Gestão democrática da escola pública**. 3 ed. São Paulo: Ática, 2008.

PAIXAO, Lélia Pinheiro. Escolarização : estratégias Instrumentais e identitárias. In: **Atos de Pesquisa em educação** , v 2 p, 1-29, 2007b.

PATTO, M. H. S. *A produção do fracasso escolar: Histórias de submissão e rebeldia*. 1987. 312p. 2v. Tese (Livre docente em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

PIAGET, J. **Para onde vai a educação**. José Olympio Ed. 15ª edição. Rio de Janeiro, 1972/2000.

PORTAL TJ-PR. Disponível em: <http://portal.tjpr.jus.br/web/fundorotativo>, acesso em 26 de fevereiro de 2012 as 14h45min

SAVIANI, D **A Nova Lei da Educação**: trajetória, limites e perspectivas. Campinas /SP: Autores Associados, 1997.

SOARES, C.M.M.; FIGUEIREDO . L. **Nível de Renda e Qualidade da Educação nos Municípios Brasileiros. XIV seminário sobre Economia Mineira**. Diamantina –MG. Org. CEDEPLAR/FACE (UFMG), 2010.

SOARES, J.F. Melhoria do desempenho cognitivo dos alunos do ensino fundamental. In: **Cadernos de Pesquisa**, 37 (130), 135-160 - 2007

SOUZA, Elizeu Clementino de Souza. **A didática como iniciação**: fabricação de identidade, políticas e práticas de formação de professores. In. Encontro Nacional de didática e prática de ensino. Políticas educacionais, tecnologias e formação do educador: repercussões sobre a didática e as práticas de ensino (org) Maria Monteiro Silva [et al]. Recife: ENDIPE, 2006. P. 15-25.

SPÓSITO, F. J. P. T. **Parceria Escola-Família: uma meta possível e desejável para a Educação no mundo contemporâneo.** (2008). Disponível em <<http://www.portalobjetivo.com.br>> Acesso em novembro/2008.

VASCONCELLOS, C.S. **Coordenação do trabalho pedagógico:do projeto político pedagógico ao cotidiano da sala de aula.** 6ª edição . São Paulo: Libertad Editora, 2006.

VEIGA, I.P.A. **Perspectiva para reflexão em torno do Projeto Político Pedagógico.** In: (org) projeto Pedagógico : uma construção possível . 8 ed. Campinas, SP : Papirus, 1998.

_____, **Inovações e Projeto Pedagógico** : Uma relação regulatória ou emancipatória? Cadernos Cedes, v.23, nº61, Campinas, Dez, 2003

_____, **Projeto Político Pedagógico da escola:** Uma construção possível . 22 ed. Campinas, SP : Papirus, 2004.

VENOSA, Silvio de salvo. **Direito Civil** : Direito da família. 5 ed.,v. 6, São Paulo: Atlas, 2005

WITTMANN, Lauro C. Autonomia da Escola e Democratização de sua gestão: novas demandas para o gestor. In: **Revista Em Aberto** . Instituto Nacional de Estudos e pesquisas Educacionais. V17, n. 72, p. 88-96. Fev/jun 2000.

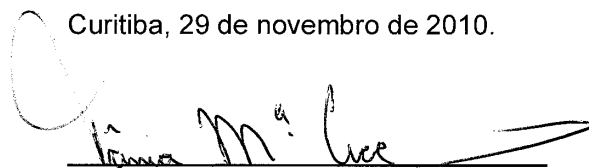
7. ANEXOS

ANEXO I – Termo de Autorização das Instituições

AUTORIZAÇÃO

A Direção do Colégio Estadual do Paraná autoriza a realização da pesquisa com o título **'Escola de Sucesso, Gestão Escolar e Atuação do Gestor Escolar'** a ser realizada pela mestrande Cleudane Andrade Hornick sob orientação da **Prof.^a Dr.^a TANIA REGINA RAITZ**. Durante o desenvolvimento da pesquisa, a pesquisadora e sua coordenadora estão autorizadas a freqüentar a instituição para a realização da coleta de dados com os gestores, professores, alunos do ensino médio e pais. Os horários e organização da coleta serão negociados previamente com a direção e os participantes da pesquisa. Todos os dados coletados e o nome da instituição serão mantidos em sigilo e utilizados somente para os objetivos desta pesquisa. A pesquisadora e sua coordenadora estarão disponíveis para esclarecimentos de dúvidas a respeito da pesquisa, sempre que for necessário.

Curitiba, 29 de novembro de 2010.



DIREÇÃO GERAL

Tânia Maria Acco
Diretora Geral - CEP
Dec. 8431 de 29/09/2010

ANEXO II - Termo de Autorização das Instituições

E. M. Pastor Hans Müller
 Cód. 050101994/1
 Rua Pastor Hans Müller, 102 - Joinville - SC
 Ent. Mant. Pref. do Mun. de Joinville - SC
 Vinc. Ao Sistema Estadual de Ensino
 Decr. De Criação nº. 2.277/71 - 17/06/71

AUTORIZAÇÃO

A Escola Municipal Pastor Hans Muller de Joinville SC, na figura de sua Diretora Cleide Machado dos Reis autoriza a realização da pesquisa com o título ' **Escola de Sucesso, Gestão Escolar e Atuação do Gestor Escolar**' a ser realizado pela mestrandade Cleudane Andrade Hornick sob orientação da **Prof.ª Dr.ª TANIA REGINA RAITZ**. Durante o desenvolvimento da pesquisa, a pesquisadora e sua coordenadora estão autorizadas a freqüentar a instituição para a realização da coleta de dados com os gestores, professores, alunos do ensino fundamental e pais. Os horários e organização da coleta serão negociados previamente com a direção e os participantes da pesquisa. Todos os dados coletados e o nome da instituição serão mantidos em sigilo e utilizados somente para os objetivos desta pesquisa. A pesquisadora e sua coordenadora estarão disponíveis para esclarecimentos de dúvidas a respeito da pesquisa, sempre que for necessário.

Coordenadora Prof.ª Dr.ª Tânia Regina Raitz (48) 99911810; (47) 33417516 sub ramal 8010

Local de pesquisa: Escola Municipal Pastor Hans Muller de Joinville SC,

Validade desta autorização: Fevereiro de 2011 a Junho de 2011.

Itajaí, 01 de dezembro de 2010.

Cleide Machado dos Reis
 Diretora
 Port. 23.774


 Raquel Alves dos Santos Queiroz
 Coordenadora de Ensino Fundamental



Responsável pela instituição

ANEXO III – Roteiro das entrevistas para os alunos

Universidade do Vale do Itajaí

Programa de Pós-Graduação em Educação – PMAE

Orientadora: Dra. Tânia Regina Raitz

Pesquisadora: Cleudane Andrade Hornick

Roteiro de entrevista com os alunos das escolas públicas

1) Nome da Escola:

2) Número de alunos:

3) Nome do aluno (a):

4) Idade:

5) Série?

6) Já repetiu alguma série? Se sim, por quê?

7) Desde quando estuda nessa escola?

8) Já estudou em outras escolas Públicas? Se sim, como foi a experiência?

9) Qual a maior dificuldade encontrada na escola? Por quê?

10) Seus pais ajudam você nas atividades escolares?

11) O que acha da escola que você frequenta? Comente os aspectos bons e ruins da escola?

12) O que considera importante que a escola ofereça para os alunos, professores e equipe?

13) Quais as exigências da escola em relação ao seu desempenho escolar?

15) Você acha que a escola se preocupa em saber mais sobre sua vida familiar, como são seus pais, se trabalham ou não e outros aspectos?

16) Seus pais participam da escola sempre? A participação deles ao seu ver é efetiva? De que modo?

17) Acha importante a participação dos pais na escola. Por quê?

18) Quais os elementos que você acha que foram importantes e decisivos para sua escola ficar com índice 6.3 no IDEB.

18) Qual a sua participação nos assuntos das ações pedagógicas da escola ou do Projeto Político Pedagógico?

ANEXO IV – Roteiro das entrevistas para os professores

Universidade do Vale do Itajaí

Programa de Pós-Graduação em Educação – PMAE

Orientadora: Dra. Tânia Regina Raitz

Pesquisadora: Cleudane Andrade Hornick

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS PROFESSORES DE ESCOLAS PÚBLICAS

- 1) Nome da Escola:
- 2) Número de alunos:
- 3) Nome do professor (a):
- 4) Formação:
- 5) Tempo de atuação como professor na escolar:
- 6) Já atuou como professor em outras escolas Públicas? Se sim, como foi a experiência?
- 7) Qual a maior dificuldade encontrada na escola? Por quê?
- 8) Como é o trabalho em equipe na escola?
- 9) O que considera importante que a escola ofereça aos alunos, professores e equipe?
- 10) Quais as exigências da escola em relação ao seu trabalho na escola?
- 11) A participação dos pais é efetiva ou não no processo de ensinoaprendizagem dos seus filhos? Como?
- 12) Acha importante a participação dos pais na escola. Por quê?
- 13) Como ocorre a integração entre pais, comunidade e escola?
- 14) Você acha importante os professores terem conhecimento da trajetória cultural das famílias e alunos?
- 15) Quais os elementos na sua opinião que foram importantes e decisivos para sua escola ficar com índice 6.3 no IDEB?
- 16) Qual sugestão você daria para os professores das escolas públicas estaduais estarem melhorando esse índice?
- 17) Qual a sua participação nos assuntos das ações pedagógicas da escola ou no Projeto Político Pedagógico da escola? A comunidade e os pais participam?

ANEXO V – Roteiro das entrevistas para os pais

Universidade do Vale do Itajaí

Programa de Pós-Graduação em Educação – PMAE

Orientadora: Dra. Tânia Regina Raitz

Pesquisadora: Cleudane Andrade Hornick

**ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS PAIS DOS ALUNOS DAS ESCOLAS
PÚBLICAS**

- 1) Nome da Escola:
- 2) Nome dos pais:
- 3) Nome do filho (a):
- 4) Idade do pai/mãe?
Formação
- 5) Trabalha?
- 6) Acompanha o desempenho de seu filho na escola?
- 7) Como considera a escola?
- 8) O que considera importante que a escola ofereça aos alunos, professores e equipe?
- 9) Quais as exigências da escola em relação ao seu desempenho de seu filho na escola?
- 10) Sua participação na escola é efetiva? Como? Participa de projetos da escola?
- 11) Acha importante a participação dos pais na escola. Por quê?
- 12) Quais os elementos que você levantaria que foram importantes e decisivos para sua escola ficar com índice 6.3 no IDEB.
- 13) Qual a sua participação nos assuntos das ações pedagógicas da escola ou do Projeto Político Pedagógico da escola?
- 14) Costuma levar algumas sugestões para escola ou só participa quando é chamado pela mesma?
- 15) Foi na escola esse ano, quantas vezes? Por qual motivo?
- 16) Acha que seu filho teve influência da família para se destacar na escola? Por quê?

ANEXO VI – Roteiro das entrevistas para os gestores

Universidade do Vale do Itajaí

Programa de Pós-Graduação em Educação – PMAE

Orientadora: Dra. Tânia Regina Raitz

Pesquisadora: Cleudane Andrade Hornick

Roteiro de entrevista com Gestores de escolas públicas

- 1) Nome da Escola:
- 2) Número de alunos:
- 3) Forma de ingressar na escola?
- 4) Nome do Gestor (a):
- 5) Escolha por eleição ou indicação
- 6).Formação:
- 7) Tempo de atuação na gestão escolar:
- 8) Já atuou como gestor em outras escolas? Se sim, como foi a experiência?
- 9) Tempo de atuação como professor:
- 10) Teve alguma qualificação (especialização, Mestrado ou Doutorado) para estar na gestão escolar? Se sim, qual?
- 11) Considera importante essa capacitação? Por quê?
- 12) Quais os conhecimentos adquiridos nesta capacitação que ao seu ver contribui para sua atuação como gestor?
- 13) Qual a maior dificuldade encontrada na administração escolar? Por quê?
- 14) Como é o trabalho em equipe na escola?
- 15) O que considera importante que a escola ofereça aos alunos, professores e equipe?
- 16) Quanto aos professores, há um comprometimento desses com ensino/aprendizagem? Como?
- 17) Qual a relação que ocorre da sua escola com a comunidade e as famílias dos alunos?
- 18) Quais os projetos desenvolvidos pela escola junto com as famílias e comunidades?
- 19) Como é elaborado o projeto Político Pedagógico da Escola? A comunidade participa? E as famílias?
- 20) A participação dos pais é efetiva na escola? Como eles participam do processo ensino aprendizagem de seus filhos?
- 21) Comente sobre sua maneira de atuar na administração escolar.
- 22) Quais os elementos que você levantaria que foram importantes para sua escola ficar com índice 6.3 no IDEB?
- 23) Qual sugestão você daria para as escolas públicas estaduais estarem melhorando esse índice?
- 24) Os recursos financeiros foram suficientes e/ou influenciaram para esse índice?

ANEXO VII – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Alunos

UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ
Programa de Mestrado Acadêmico em Educação
www.univali.br/pmae • e-mail: pmae@univali.br
Fone: (47) 3341 7516 - fone/Fax: (47) 3341 7822
Rua Uruguai,458 - Bloco 29 - 4º piso CEP: 88302-202 Itajaí - SC.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Cleudane Ap. Andrade Hornick, sou aluna do Programa de Pós Graduação do Mestrado em Educação e pesquisadora do projeto de investigação **‘ESCOLA DE SUCESSO, GESTÃO ESCOLAR E ATUAÇÃO DO GESTOR ESCOLAR’**, sob a orientação da Profa. Dra. Tânia Regina Raitz, pesquisadora responsável. Esclarecemos que diante do atual contexto de mudanças no mundo do trabalho e da educação, com implicações para todos os trabalhadores, consideramos pertinente a realização desse estudo oportunizando novos conhecimentos sobre o trabalho do gestor escolar. Gostaríamos, então de convidá-lo a participar desta pesquisa que:

- 1) Será realizada, através de entrevistas individuais, com questões relativas à sua carreira profissional, sobre o tema dos sentidos do trabalho na contemporaneidade.
- 2) Caso lhe interesse, você poderá ter acesso aos registros após a realização das entrevistas para revisar e mudar o que lhe julgar necessário. Em conformidade ao estabelecido pelas normas éticas que regulam as pesquisas envolvendo seres humanos em nosso país, posso garantir-lhe: liberdade de adesão ou recusa de participação na pesquisa; liberdade para retirar seu consentimento a qualquer momento, bastando contatar os pesquisadores abaixo assinalados; e sigilo das informações que forem dadas durante a pesquisa e relativa à sua identidade. Cabe, ainda, esclarecer, que as informações coletadas nesta pesquisa serão guardadas em local de acesso somente aos pesquisadores e serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa. Informo, ainda, que as publicações que resultarem da investigação, manterão a garantia de sigilo e, portanto, preservarão a identidade e a privacidade dos participantes.
- 3) Sendo o que tinha a colocar coloco-me disponível para contatos, e outras informações, se necessárias, pelos telefones 48 (99911810) ou 47 (33417516).

Assinaturas:

Data: / /

Assinatura do Aluno (a)

ANEXO VIII – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Pais

UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ
Programa de Mestrado Acadêmico em Educação
www.univali.br/pmae • e-mail: pmae@univali.br
Fone: (47) 3341 7516 - fone/Fax: (47) 3341 7822
Rua Uruguai,458 - Bloco 29 - 4º piso CEP: 88302-202 Itajaí - SC.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Cleudane Ap. Andrade Hornick, sou aluna do Programa de Pós Graduação do Mestrado em Educação e pesquisadora do projeto de investigação **‘ESCOLA DE SUCESSO, GESTÃO ESCOLAR E ATUAÇÃO DO GESTOR ESCOLAR’**, sob a orientação da Profa. Dra. Tânia Regina Raitz, pesquisadora responsável. Esclarecemos que diante do atual contexto de mudanças no mundo do trabalho e da educação, com implicações para todos os trabalhadores, consideramos pertinente a realização desse estudo oportunizando novos conhecimentos sobre o trabalho do gestor escolar. Gostaríamos, então de convidá-lo a participar desta pesquisa que:

- 1) Será realizada, através de entrevistas individuais, com questões relativas à sua carreira profissional, sobre o tema dos sentidos do trabalho na contemporaneidade.
- 2) Caso lhe interesse, você poderá ter acesso aos registros após a realização das entrevistas para revisar e mudar o que lhe julgar necessário. Em conformidade ao estabelecido pelas normas éticas que regulam as pesquisas envolvendo seres humanos em nosso país, posso garantir-lhe: liberdade de adesão ou recusa de participação na pesquisa; liberdade para retirar seu consentimento a qualquer momento, bastando contatar os pesquisadores abaixo assinalados; e sigilo das informações que forem dadas durante a pesquisa e relativa à sua identidade. Cabe, ainda, esclarecer, que as informações coletadas nesta pesquisa serão guardadas em local de acesso somente aos pesquisadores e serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa. Informo, ainda, que as publicações que resultarem da investigação, manterão a garantia de sigilo e, portanto, preservarão a identidade e a privacidade dos participantes.
- 3) Sendo o que tinha a colocar coloco-me disponível para contatos, e outras informações, se necessárias, pelos telefones 48 (99911810) ou 47 (33417516).

Assinatura do Pai/Responsável

Itajaí, _____ de _____ de 2010.

ANEXO IX – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Professores

UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ
Programa de Mestrado Acadêmico em Educação
www.univali.br/pmae • e-mail: pmae@univali.br
Fone: (47) 3341 7516 - fone/Fax: (47) 3341 7822
Rua Uruguai,458 - Bloco 29 - 4º piso CEP: 88302-202 Itajaí - SC.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO


Eu, Cleudane Ap. Andrade Hornick, sou aluna do Programa de Pós Graduação do Mestrado em Educação e pesquisadora do projeto de investigação **‘ESCOLA DE SUCESSO, GESTÃO ESCOLAR E ATUAÇÃO DO GESTOR ESCOLAR’**, sob a orientação da Profa. Dra. Tânia Regina Raitz, pesquisadora responsável. Esclarecemos que diante do atual contexto de mudanças no mundo do trabalho e da educação, com implicações para todos os trabalhadores, consideramos pertinente a realização desse estudo oportunizando novos conhecimentos sobre o trabalho do gestor escolar. Gostaríamos, então de convidá-lo a participar desta pesquisa que:

- 1) Será realizada, através de entrevistas individuais, com questões relativas à sua carreira profissional, sobre o tema dos sentidos do trabalho na contemporaneidade.
- 2) Caso lhe interesse, você poderá ter acesso aos registros após a realização das entrevistas para revisar e mudar o que lhe julgar necessário. Em conformidade ao estabelecido pelas normas éticas que regulam as pesquisas envolvendo seres humanos em nosso país, posso garantir-lhe: liberdade de adesão ou recusa de participação na pesquisa; liberdade para retirar seu consentimento a qualquer momento, bastando contatar os pesquisadores abaixo assinalados; e sigilo das informações que forem dadas durante a pesquisa e relativa à sua identidade. Cabe, ainda, esclarecer, que as informações coletadas nesta pesquisa serão guardadas em local de acesso somente aos pesquisadores e serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa. Informo, ainda, que as publicações que resultarem da investigação, manterão a garantia de sigilo e, portanto, preservarão a identidade e a privacidade dos participantes.
- 3) Sendo o que tinha a colocar coloco-me disponível para contatos, e outras informações, se necessárias, pelos telefones 48 (99911810) ou 47 (33417516).

Assinatura do Professor

Itajaí, _____ de _____ de 2010.

ANEXO X – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Gestores

 <p>UNIVALI</p>	<p>UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ Programa de Mestrado Acadêmico em Educação www.univali.br/pmae • e-mail: pmae@univali.br Fone: (47) 3341 7516 - fone/Fax: (47) 3341 7822 Rua Uruguai,458 - Bloco 29 - 4º piso CEP: 88302-202 Itajaí - SC.</p>
---	---

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Cleudane Ap. Andrade Hornick, sou aluna do Programa de Pós Graduação do Mestrado em Educação e pesquisadora do projeto de investigação **‘ESCOLA DE SUCESSO, GESTÃO ESCOLAR E ATUAÇÃO DO GESTOR ESCOLAR’**, sob a orientação da Profa. Dra. Tânia Regina Raitz, pesquisadora responsável. Esclarecemos que diante do atual contexto de mudanças no mundo do trabalho e da educação, com implicações para todos os trabalhadores, consideramos pertinente a realização desse estudo oportunizando novos conhecimentos sobre o trabalho do gestor escolar. Gostaríamos, então de convidá-lo a participar desta pesquisa que:

- 1) Será realizada, através de entrevistas individuais, com questões relativas à sua carreira profissional, sobre o tema dos sentidos do trabalho na contemporaneidade.
- 2) Caso lhe interesse, você poderá ter acesso aos registros após a realização das entrevistas para revisar e mudar o que lhe julgar necessário. Em conformidade ao estabelecido pelas normas éticas que regulam as pesquisas envolvendo seres humanos em nosso país, posso garantir-lhe: liberdade de adesão ou recusa de participação na pesquisa; liberdade para retirar seu consentimento a qualquer momento, bastando contatar os pesquisadores abaixo assinalados; e sigilo das informações que forem dadas durante a pesquisa e relativa à sua identidade. Cabe, ainda, esclarecer, que as informações coletadas nesta pesquisa serão guardadas em local de acesso somente aos pesquisadores e serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa. Informo, ainda, que as publicações que resultarem da investigação, manterão a garantia de sigilo e, portanto, preservarão a identidade e a privacidade dos participantes.
- 3) Sendo o que tinha a colocar coloco-me disponível para contatos, e outras informações, se necessárias, pelos telefones 48 (99911810) ou 47 (33417516).

Assinatura do gestor